



A Vocação

Vida cristã - Textos de vida cristã - Vocação

Índice:

Algo grande e que seja amor (I): Jesus vem ao nosso encontro	p. 2
Algo grande e que seja amor (II): O que poderia ser a tua vida	p. 6
Algo grande e que seja amor (III): O nosso verdadeiro nome	p. 14
Algo grande e que seja amor (IV): Mais mães e pais do que nunca	p. 19
Algo grande e que seja amor (V): Como se descobre a vocação?	p. 25
Algo grande e que seja amor (VI): Para a música soar	p. 31
Algo grande e que seja amor (VII): Quem dá a vida pelos seus amigos	p. 37
Algo grande e que seja amor (VIII): Vou acertar?	p. 43
Algo grande e que seja amor (IX): Somos apóstolos!	p. 48
Dar mais sem ser heróis	p. 54
Sentido de missão (I)	p. 59
Sentido de missão (II)	p. 64

Algo grande e que seja amor (I): Jesus vem ao nosso encontro

Primeiro de uma série de artigos sobre o discernimento vocacional, intitulado "Algo grande e que seja amor", porque cada homem e cada mulher são chamados a descobrir o projeto de Deus na sua própria vida.



No passado mês de outubro, teve lugar em Roma a Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que o Papa Francisco quis dedicar aos jovens, à fé e ao discernimento vocacional. Na carta que anunciava o evento aos jovens, o Papa evocou o encontro dos primeiros discípulos com o Senhor. Desejo recordar-vos também as palavras que certo dia Jesus dirigiu aos discípulos, que lhe perguntavam: «Rabi, onde moras?». Ele respondeu: «Vinde e vede!» (cf. *Jo* 1, 38-39). Jesus dirige o seu olhar também a vós, convidando-vos a caminhar com Ele. Caríssimos jovens, encontrastes este olhar? Ouvistes esta voz? Sentistes este impulso a pôr-vos a caminho? Estou convicto de que, não obstante a confusão e o atordoamento deem a impressão de reinar no mundo, este apelo continua a ressoar no vosso espírito para o abrir à alegria completa. Isto será possível na medida em que, inclusive através do acompanhamento de guias especializados, souberdes empreender um itinerário de discernimento para descobrir o projeto de Deus na vossa vida. Mesmo quando o vosso caminho

estiver marcado pela precariedade e pela queda, Deus rico de misericórdia estende a sua mão para vos erguer.

"Também para vós", escrevia "Jesus dirige o Seu olhar, convidando-vos a caminhar com Ele. Caríssimos jovens, encontrastes este olhar? Ouvistes esta voz? Sentistes este impulso a pôr-vos a caminho?"[1].

O encontro pessoal com Jesus pode tornar-se difícil num momento em que "a confusão e o atordoamento deem a impressão de reinar no mundo". No entanto, «este apelo continua a ressoar no vosso espírito para o abrir à alegria completa». Será possível responder-lhe, conclui o Papa, "na medida em que, através do acompanhamento de guias especializados", cada um souber "empreender um itinerário de discernimento para descobrir o projeto de Deus na vossa vida" [2]. A série de artigos que agora começa quer ser uma ajuda nesse sentido. Pela mão dos primeiros discípulos de Jesus, dos ensinamentos do Papa, dos santos, de S. Josemaria, podemos aprofundar nessa realidade perene: Deus chama-nos; «Ele tem um plano para cada um: a santidade» [3].

S. Josemaria lembrou que, com apenas dezasseis anos, descobriu que o seu coração lhe pedia "alguma coisa de grande e que fosse amor" [4]. Oxalá também nós possamos descobrir e redescobrir - porque o amor é sempre jovem, sempre surpreendente - *alguma coisa de grande e que seja amor*.

«No dia seguinte, João encontrava-se de novo ali com dois dos seus discípulos. Então, pondo o olhar em Jesus, que passava, disse: «Eis o Cordeiro de Deus!» Ouvindo-o falar desta maneira, os dois discípulos seguiram Jesus. Jesus voltou-se e, notando que eles o seguiam, perguntou-lhes: «Que pretendes?» Eles disseram-lhe: «Rabi - que quer dizer Mestre - onde moras?» Ele respondeu-lhes: «Vinde e vereis.» Foram, pois, e viram onde morava e ficaram com Ele nesse dia. Eram as quatro da tarde.»(Jo 1,35-39). Os protagonistas desta cena do Evangelho deviam ter transmitido a sua memória com muita emoção. Foi o momento mais importante das suas vidas: o dia em que se encontraram pela primeira vez com Jesus de Nazaré.

Quem é Jesus Cristo para mim? Quem sou eu para Jesus?

Na realidade, encontrar-se com Cristo é a experiência decisiva para qualquer cristão. Bento XVI destacou-o fortemente no início do seu pontificado: "Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo» [5]. O facto de o Papa Francisco ter querido recordar-no-lo desde o início é muito revelador: "Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar.» [6] Nestas páginas queremos seguir esse convite, seguindo os passos do apóstolo mais jovem: S. João.

O quarto Evangelho resume com uma bela frase a identidade do jovem João: ele era "o discípulo a quem Jesus amava". Com isso, na realidade, tudo foi dito: João era alguém que Jesus amava. Com o passar dos anos, essa convicção não se extinguiria, mas tornar-se-ia ainda mais forte: "É nisto que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou" (1 Jo 4,10). Sem dúvida, essa segurança no Amor que o Senhor tinha por ele foi o que o tornou capaz de conservar, até ao fim dos seus dias, uma alegria profunda e contagiante. A mesma que respira no seu evangelho. Tudo começou naquele dia, nas margens do Jordão.

E nós, experimentámos um encontro tão familiar quanto o do jovem apóstolo? Mesmo que tenhamos sido cristãos por muitos anos e tenhamos orado durante toda a nossa vida, é bom que paremos por um momento para pensar: "Para mim, quem é Jesus Cristo? Que supõe Jesus Cristo na minha vida real, hoje e agora? Com essa consideração, podemos avaliar como é a nossa fé. "Mas antes desta questão, há outra em certo sentido mais importante, inseparável e anterior (...): Quem sou eu para Jesus Cristo?" [7].

Perante estas perguntas, não é estranho que estejamos um pouco perplexos: quem sou eu para

Jesus Cristo? Quem sou? Uma pequena criatura? Um produto da evolução? Mais um humano... que tem que cumprir os seus mandamentos? Como me vê Jesus? É esclarecedor nessas situações olhar para os santos. Numa ocasião, quando perguntaram algo semelhante a S. João Paulo II, respondeu: "Eis que tu és um pensamento de Deus, tu és um palpitar do coração de Deus. Afirmar isto é como dizer que tu tens um valor, num certo sentido, infinito, que tu contas para Deus na tua irrepetível individualidade."[8]. O que ele mesmo tinha descoberto - o que todos os santos descobriram - é o muito que Deus se importa connosco. Não somos uma pequena criatura, um servo que está simplesmente no mundo para fazer o que Ele quer. Somos amigos de verdade. Tudo o que é nosso é importante para Ele, e é por isso que Se preocupa connosco e nos acompanha ao longo de toda a nossa vida, embora muitas vezes não o percebamos.

Tudo isto não é um exagero. O próprio Jesus disse aos apóstolos: "Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos. Vós sois meus amigos... A vós chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi ao meu Pai. "(*Jo* 15, 13-15). São palavras atuais: Jesus Cristo "está vivo e continua a dizê-lo a vós agora. Ouvi esta voz com grande disponibilidade; Ele diz algo a cada um de vós »[9]. Quem sou eu então para Jesus Cristo? Sou Seu amigo, que me ama com o maior amor; sou um latejar do Seu coração. É assim que eu sou para Ele. E Ele, quem é para mim?

Que procures a Cristo!

Em 29 de maio de 1933, um jovem estudante de Arquitetura foi pela primeira vez conversar com S. Josemaria. Chamava-se Ricardo Fernández Vallespín. Muitos anos depois, recordava: "O Padre falou comigo sobre as coisas da alma ...;aconselhou-me, encorajou-me a ser melhor ... Lembro-me perfeitamente, com uma memória visual, que antes de se despedir, o Padre se levantou, foi a uma estante, pegou num livro que estava usado por ele e na primeira página colocou, a modo de dedicatória, estas três frases: "Que procures a Cristo. Que encontres a Cristo. Que ames a Cristo"[10]. Naquela conversa, S. Josemaria também quis começar pelo mais importante: o encontro pessoal com o Senhor.

Que podemos fazer nós para seguir os passos do jovem apóstolo? Primeiro, escutar o nosso coração inquieto. Dar-lhe atenção quando se mostrar insatisfeito, quando não lhe bastar uma vida mundana, quando deseje algo mais do que as coisas e satisfações da terra. E aproximar-nos de Jesus. De facto, talvez tenhamos, em certo sentido, mais facilidade que João. Muitas pessoas já nos indicaram onde Jesus está: "aprendemos a invocar Deus desde a infância, dos lábios de pais cristãos. Mais adiante, professores, companheiros e simples conhecidos ajudaram-nos de muitas maneiras a não perder de vista Jesus Cristo.»[11] Portanto, o que podemos fazer agora é procurá-l'O: «Procuremo-l'O com fome, procuremo-l'O dentro de nós com todas as forças! Se o fizermos com este empenho, atrevo-me a garantir que já O encontrámos e que já começámos a conhecê-l'O e a amá-l'O e a ter a nossa conversa nos céus."[12]O apóstolo João começou a procurar a Cristo, mesmo sem saber exatamente a quem procurava. Sabia, sim, que estava a procurar algo que enchesse o seu coração. Tinha sede de uma vida plena. Não lhe parecia suficiente viver para trabalhar, para ganhar dinheiro, para fazer o mesmo que todos... sem ver para além do horizonte da sua pequena região. Tinha um coração inquieto e queria satisfazer essa inquietação. Por isso foi atrás do Batista. E foi precisamente quando estava com ele que Jesus passou ao seu lado. O Batista disse-lhe: "Eis o Cordeiro de Deus!"; e ele e o seu amigo André, "ouvindo-o falar desta maneira, seguiram Jesus." (*Jo* 1,36-37).

Que encontres a Cristo!

Quando João e André começaram a seguir Jesus pela primeira vez, a situação deve ter sido um pouco embaraçosa para eles. Tinham-se posto a caminho atrás daquele homem, mas como iriam abordá-lo? Não é muito convencional parar alguém e perguntar-lhe: "És o Cordeiro de Deus?" No entanto, era o que o Batista tinha dito e, na realidade, era tudo o que eles sabiam sobre Ele ... Talvez estivessem deliberando entre eles o que poderiam fazer quando o próprio Jesus, "notando que eles O seguiam, lhes perguntou: «Que pretendeis?»" (*Jo* 1,38).

O Senhor comove-Se com os corações jovens e inquietos. Portanto, quando sinceramente O buscamos, Ele mesmo se faz enconstrução do modo mais inesperado. S. Josemaria recordou toda a sua vida o seu primeiro encontro pessoal e inesperado com Jesus. Era então um adolescente, com um coração cheio de projetos e ideais. Depois de um forte nevão, que cobria as ruas da sua cidade com um denso manto branco, saiu de casa. Descobriu pouco depois, surpreendido, o rasto de pés descalços na neve. As pegadas levaram-no a um frade que ia a caminho do seu convento. Aquilo impressionou-o profundamente. «Se outros fazem tantos sacrifícios por Deus e pelo próximo, não hei-de eu ser capaz de Lhe oferecer alguma coisa?»[13]

Nesse dia, tal como João e André, o jovem Josemaria seguiu os passos do Senhor, que Se fazia presente numas pegadas na neve. Muitas outras pessoas também podem ter visto aquelas pegadas, mas para aquele jovem foram um sinal inconfundível de que Jesus queria entrar na sua vida. Depois, a sua reação foi muito semelhante à dos primeiros amigos de Jesus. «Rabi - que quer dizer Mestre - onde moras?» Ele respondeu-lhes: «Vinde e vereis.» Foram, pois, e viram onde morava e ficaram com Ele nesse dia. Eram as quatro da tarde.»(*Jo* 1,38-39)

Descobrir que alguém nos ama desperta em nós um enorme desejo de conhecê-lo. Saber que alguém teve conosco a atenção de um bom amigo faz-nos querer conhecê-lo. Descobrir que há alguém que se importa conosco, que há alguém que nos espera e que tem a resposta aos nossos anseios mais profundos, leva-nos a procurá-lo. Através destas pegadas, Deus queria que S. Josemaria percebesse que "já tinha bem dentro de si uma inquietação divina, que renovou o seu interior com uma vida de piedade mais intensa" [14]. Procurar Jesus e encontrá-lo é apenas o começo. Poderemos começar a tratá-lo como um amigo depois disso. Tentaremos conhecê-lo melhor, ler o Evangelho, aproximar-nos da Santa Missa, desfrutar da Sua intimidade na Comunhão, cuidando-O em quem mais necessita. E procuramos dar-nos a conhecer, compartilhando com o nosso amigo as nossas alegrias e as nossas tristezas, os nossos projetos e os nossos fracassos. Porque isso é, afinal de contas, a oração: "tratar de amizade, estando muitas vezes a sós com quem sabemos que nos ama" [15]. Como João e André, que passaram todo aquele dia com Jesus.

Que ames a Cristo!

Para o jovem João, o dia em que conheceu Jesus foi o dia em que sua vida mudou. Claro, tinha ainda um longo caminho a percorrer. Desde a pesca milagrosa até às viagens com Jesus através da Palestina; dos Seus milagres à Sua palavra que enchia o coração de alegria, ou mesmo dos Seus gestos de afeto com os doentes, com os pobres, com os desprezados ... Mas, acima de tudo, aqueles momentos de conversa a sós com o Mestre. O diálogo que começou uma tarde, junto do rio Jordão, duraria a vida inteira.

Nesse sentido, a transformação do jovem apóstolo é muito marcante. Ele, juntamente com o seu irmão Tiago, foram chamados "os filhos do trovão" (*Mc* 3, 17), e alguns detalhes dos Evangelhos fazem-nos entender que não era um epíteto excessivo. Por exemplo, aquela ocasião em que alguns samaritanos se recusaram a dar alojamento a Jesus e aos discípulos, e os irmãos dirigiram-se ao Mestre perguntando: «Senhor, queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma?»(*Lc* 9,54) . No entanto, pouco a pouco, à medida que crescia a amizade com Ele, aprendiam a amar como Jesus,

a compreender como Jesus, a perdoar como Jesus. Todos nós temos experiência da medida em que uma amizade nos transforma. É por isso que é lógico que os pais estejam pendentes das amizades dos seus filhos. Sem dar-nos conta, o relacionamento com os nossos amigos está a transformar-nos, até chegarmos a querer o mesmo e rejeitarmos o mesmo. A amizade une-nos tanto que se pode dizer que os amigos compartilham "a mesma alma que sustenta dois corpos" [16].

A mesma coisa pode acontecer com cada um de nós: encontrar Jesus e ter intimidade com Ele far-nos-á querer amar como Ele ama. Não deveria surpreender-nos que esse desejo esteja a tomar o nosso coração: deixemos que se encha de gratidão, porque o Senhor quer contar connosco para tornar presente o Seu Amor no mundo. Foi o que aconteceu com S. Josemaria. Aquelas pegadas na neve deram-lhe uma profunda garantia de que tinha uma missão nesta terra: "Comecei a pressentir o Amor, a aperceber-me de que o coração me pedia alguma coisa de grande e que fosse amor " [17]. Descubramos também nós, por trás destes chamamentos do coração, um eco da voz de Jesus que muitas vezes lemos no Evangelho: "Segue-me!"

Viver com Cristo toda a nossa vida

Olhando para trás, João não teria trocado nada pela oportunidade de seguir Jesus. É assim que Deus age em cada pessoa: «O nobre amor de Jesus encoraja-nos a fazer grandes coisas, e leva-nos a desejar sempre o mais perfeito. O amor quer estar no topo e não ser detido por nenhuma coisa baixa»[18]. Aconteceu a João, como aconteceu a Pedro, Tiago, Paulo, Bartimeu, Maria Madalena e a tantos outros desde que Jesus veio ao mundo. A presença do Senhor não é menos real hoje do que então. Pelo contrário: Jesus é mais presente, porque pode viver em cada um de nós. Mais do que convidar-nos a compartilhar a missão que Ele recebeu do Seu Pai, portanto, Jesus quer amar a partir da nossa vida, de dentro de cada um: "permanecei no Meu Amor", diz-nos (*Jo 15,9*), para reconciliar este mundo com Ele, para trocar ódio por amor, egoísmo por serviço, rancor por perdão.

O jovem apóstolo, que descobrira o Amor do Senhor, acompanhou-O até à cruz. Mais tarde, com o resto dos apóstolos, recebeu uma missão que daria forma a toda a sua vida: «Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura.» (*Mc 16,15*). Também nós, se escutarmos o nosso coração inquieto e procurarmos Jesus, se O encontrarmos e seguirmos, se formos Seus amigos, descobriremos que Ele conta connosco. Proporá que O ajudemos, cada um à sua maneira, na Igreja. Como um amigo que, precisamente porque nos ama, propõe juntar-se a nós num projeto empolgante. «Hoje, Jesus, que é o caminho, chama-te – a ti, a ti, a ti– a deixar a tua marca na história. Ele, que é a vida, convida-te a deixar uma marca que encha de vida a tua história e a de muitos outros. Ele, que é a verdade, convida-te a deixar as estradas da separação, da divisão, do sem-sentido. Aceitais? » [19].

Borja Armada

Bibliografia:

- [1] Francisco, Carta aos jovens por ocasião da apresentação do documento preparatório para a xv assembleia geral ordinária do sínodo dos bispos, 13-I-2017
- [2] Ibidem.
- [3] F. Ocáriz, notas de um encontro com jovens na Argentina, 5-VIII-2018.
- [4] A. Vázquez de Prada, Josemaria

- Escrivá, Ed. Verbo, Lisboa. 2002, vol. I, p. 91
- [5] Bento XVI, Enc. Deus Caritas est (25-XII-2005), n. 1.
- [6] Francisco, Ex. Ap. Evangelii Gaudium (24-XI-2013), n. 3.
- [7] AGP, Biblioteca, P03, 2017, p. 146.
- [8] S. João Paulo II, Discurso aos jovens do Cazaquistão, 23-IX-2001.
- [9] Bento XVI, Audiência Geral, 2-VIII-2006.
- [10] Caminho, edição crítico-histórica, comentário ao n. 382.
- [11] Cristo que passa, n. 1.
- [12] Amigos de Deus, n. 300.
- [13] Andrés Vázquez de Prada, Josemaria Escrivá, volume I, p. 90.

////////////////////////////////////

Algo grande e que seja amor (II): O que poderia ser a tua vida

O sonho de todo o cristão é que o seu nome esteja escrito no Coração de Deus. No segundo texto da série sobre vocação - "Alguns coisas de grande e que seja amor" - contempla-se esta realidade.



A Mesopotâmia viu nascer e desaparecer algumas das civilizações mais antigas do mundo: sumérios, acádios, babilónios, caldeus... Embora talvez tenhamos estudado algumas delas no secundário, parecem-nos culturas distantes e pouco relacionadas connosco. No entanto, foi nessa zona que surgiu um personagem que faz parte da nossa família. Chamava-se Abrão, até que Deus mudou o seu nome para Abraão. A Bíblia situa-o uns 1850 anos antes da vinda de Jesus Cristo à Terra. Quatro mil anos depois, continuamos a lembrar-nos dele, quando na Santa Missa o invocamos como “nosso pai na fé”[1]: ele deu origem à nossa família.

“Chamei-te pelo teu nome”

Abraão é uma das primeiras pessoas que entraram para a história pelo facto de ter respondido a um chamamento de Deus. No seu caso, era um pedido muito singular: “Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar.” (*Gn 12,1*). Depois dele, vieram, entre outros, Moisés, Samuel, Elias e os outros profetas... Todos escutaram a voz de Deus, que os convidava de uma maneira ou doutra a “sair da sua terra” e a começar uma nova vida na Sua companhia. Assim como a Abraão, Deus prometia-lhes que faria grandes coisas nas suas vidas: “Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei, engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos” (*Gn 12,2*). Além disso, chamou cada um deles pelo seu nome; e por isso, juntamente com as recordações dos atos de Deus, o Antigo Testamento conserva os nomes daqueles que colaboraram com Ele. A Carta aos Hebreus elogia-os com entusiasmo (cf. *Hb 11,1-40*).

Quando Deus enviou o Seu Filho ao mundo, os chamados já não escutaram só a voz de Deus;

puderam ver um rosto humano: Jesus de Nazaré. Deus também os chamou para começar uma vida nova, para deixar uma marca indelével na história. Conhecemos os seus nomes – Maria Madalena, Pedro, João, André... – e lembramo-nos deles com agradecimento.

E depois? Poderia parecer que, com a Ascensão de Jesus ao Céu, Deus se tivesse retirado da história. Na verdade, a sua ação não só continua, mas aumenta. Se na Sua passagem pela terra escolheu apenas alguns poucos, durante os últimos 2000 anos Deus “mudou os planos” de milhões de homens e mulheres, abrindo horizontes que eles mesmos jamais imaginariam. Sabemos os nomes de muitos deles, que fazem parte do santoral da Igreja. E existe uma multidão imensa de homens e de mulheres “de todas as nações, tribos, povos e línguas” (*Ap 7,9*), santos desconhecidos, que são verdadeiros “protagonistas da história”[2].

Hoje, neste momento, Deus continua à procura e a bater à porta de cada um. S. Josemaria gostava de considerar estas palavras de Isaías: “nada temas, porque Eu te resgatei, e te chamei pelo teu nome; tu és meu!” (*Is 43,1*). Ao meditá-las, dizia que davam ao seu coração “sabores de favo de mel”[3], porque lhe permitiam perceber até que ponto era amado por Deus de um modo personalíssimo, único.

Estas palavras também nos podem trazer sabores de favo de mel, porque revelam que a nossa vida é importante para Deus: que Ele conta com todos, convida cada um. O sonho de qualquer cristão é que o seu nome esteja escrito no Coração de Deus. E é um sonho que está ao alcance de todos.

“Conta as estrelas, se fores capaz”

Pode parecer exagerado ver a nossa vida assim, em continuidade com a dos grandes santos. Temos experiência da nossa debilidade. Moisés, Jeremias e Elias também tiveram, não faltaram momentos maus nas suas vidas[4]. O próprio Isaías, por exemplo, numa ocasião dizia: “Em vão me cansei, em vento e em nada gastei as minhas forças!” (*Is 49,4*). É verdade que às vezes a vida se apresenta assim, como algo sem muito sentido ou interesse, pela facilidade com que se truncam os nossos projetos. A pergunta “para que quero eu viver” parece naufragar perante a experiência do fracasso, do sofrimento e da morte.

Deus conhece perfeitamente toda essa instabilidade, e a confusão que ela pode causar na nossa vida. E, no entanto, vem procurar-nos. Por isso, o profeta não fica só num grito de queixa, e reconhece a voz do Senhor “vou fazer de ti luz das nações, para que a minha salvação chegue até aos confins da terra” (*Is 49,6*). Somos fracos, mas essa não é toda a verdade sobre a nossa vida. O Papa escreve: “Reconheçamos a nossa fragilidade, mas deixemos que Jesus a tome nas suas mãos e nos lance para a missão. Somos frágeis, mas portadores dum tesouro que nos faz grandes e pode tornar melhores e mais felizes aqueles que o recebem.”[5].

A chamada divina é uma grande misericórdia de Deus; sinal de que me ama, de que se importa comigo: “Deus conta contigo por aquilo que és, não pelo que tens: a Seus olhos, não vale mesmo nada a roupa que vestes ou o telemóvel que usas; não Lhe importa se andas na moda ou não, importas-Lhe tu, assim como és. A Seus olhos, tu vales; e o teu valor é inestimável”[6]. Ao chamar-nos, Deus liberta-nos, porque nos permite fugir de uma vida banal, dedicada a satisfações pequenas que não são capazes de matar a nossa sede de amor. “Quando nos decidimos a responder a Nosso Senhor: a minha liberdade para Ti, encontramos-nos libertos de todas as cadeias que nos atavam a coisas sem importância”[7]. Deus tira a nossa liberdade da sua mesquinhez e abre-a à imensidão da história do Seu Amor pelos homens, da qual todos – cada um e cada uma – somos protagonistas.

“A vocação acende uma luz que nos faz reconhecer o sentido da nossa existência. É convenceremo-nos, com o resplendor da fé, do porquê da nossa realidade terrena. Toda a nossa vida, a presente, a passada e a que há-de vir, cobra um novo relevo, uma profundidade de que antes não suspeitávamos. Todos os factos e acontecimentos passam a ocupar o seu posto: entendemos aonde nos quer levar o Senhor e sentimo-nos entusiasmados e envolvidos por esse encargo que se nos

confia.”[8]. Para quem recebeu e acolheu o chamamento de Deus, já não há ações banais ou pequenas. Todas elas ficam iluminadas pela promessa: “Farei de ti uma grande nação” (Gn 12,2): com a tua vida farei coisas grandes; deixarás rasto, serás feliz distribuindo felicidade. Por isso, “quando Ele pede algo, está realmente a oferecer um dom. Não somos nós que Lhe fazemos um favor: é Deus que ilumina a nossa vida, enchendo-a de sentido.”[9]

Por outro lado, a luz da vocação permite-nos compreender que não se mede a importância da nossa vida pela grandeza humana dos planos que realizamos. Apenas alguns podem incluir os seus nomes entre os grandes da história universal. Mas a grandeza divina é medida pela relação com o único plano verdadeiramente grande: a Redenção. “Com certeza, os acontecimentos decisivos da história do mundo foram essencialmente influenciados por almas sobre as quais os livros de história não dizem nada. E quais são as almas às quais temos de agradecer os acontecimentos decisivos da nossa vida pessoal, é algo que só saberemos no dia em que tudo o que está oculto será revelado”[10].

“A Redenção está a fazer-se - agora!” [11] Como colaborar? De mil modos diferentes, sabendo que o próprio Deus nos vai dando luzes para descobirmos o modo concreto de colaborar com Ele. “Deus quer que a liberdade da pessoa intervenha não só na resposta, mas também na configuração da própria vocação”[12]. E a resposta, sem deixar de ser livre, é movida pela graça atual de Deus que chama. Se começarmos a caminhar, a partir do lugar em que nos encontramos, Deus nos ajudará a ver o que Ele sonhou para a nossa vida: um sonho que “se vai fazendo” enquanto prossegue, porque depende também da nossa iniciativa e da nossa criatividade. S. Josemaria dizia que, se sonhássemos, ficaríamos aquém, porque quem sonha de verdade sonha com Deus. Assim, com essa grandeza, Deus fazia Abraão sonhar: “Levanta os olhos para o céu e conta as estrelas, se fores capaz de as contar!” (Gn 15,5).

Sempre a dois

Deus entra na vida de Abraão para ficar com ele, para Se unir de alguma forma ao destino dele: “Abençoarei aqueles que te abençoarem, e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem. E todas as famílias da Terra serão em ti abençoadas” (Gn 12,3). A sua história é a de um “protagonismo compartilhado”. É a história de Abraão e de Deus, de Deus e de Abraão. A tal ponto que, a partir daquele momento, Deus Se apresentará a Si mesmo aos outros homens como “o Deus de Abraão”[13].

O chamamento consiste, pois, em primeiro lugar, em viver com Ele. Mais do que fazer coisas especiais, trata-se de fazer tudo com Deus, “tudo por Amor!”[14]. A mesma coisa aconteceu com os primeiros: Jesus escolheu-os, antes de tudo, “para estarem com Ele”; só depois, o evangelista acrescenta: “e para os enviar a pregar” (Mc 3,14). Por isso, nós também, quando percebermos a voz de Deus, não devemos pensar numa espécie de “missão impossível”, difícilíssima, que Ele nos impõe lá de longe, no Céu. Se é um autêntico chamamento de Deus, será um convite para entrarmos na Sua vida, no Seu projeto: um chamamento a permanecer no Seu Amor (cf. Jo 15,8). E assim, a partir do Coração de Deus, de uma autêntica amizade com Jesus, poderemos levar o Seu Amor ao mundo inteiro. Ele quer contar connosco... Estando connosco. Ou vice-versa: Ele quer estar connosco, contando connosco.

Assim se entende que aqueles que experimentaram o chamamento de Deus, e o seguiram, animem a quem começou a ouvi-lo. Porque, num primeiro momento, é normal e frequente ter medo. É o temor lógico produzido pelo inesperado, o desconhecido, o que amplia os horizontes, a realidade de Deus, que nos supera por todos os lados. Mas este medo está chamado a ser transitório. É uma reação humana muito comum, que não deve surpreender-nos. Seria um erro se nos paralisássemos por causa do medo: é preciso enfrentá-lo, atrever-se a analisá-lo com calma. As grandes decisões da vida, os projetos que deixaram marca, quase sempre foram precedidos por um estado de medo, superado depois com uma reflexão serena; e sim, também, com um golpe de audácia.

S. João Paulo II começou o seu pontificado com um convite que ressoa ainda hoje: “Não tenhais medo! Antes, procurai abrir, melhor, escancarar as portas a Cristo!”[15] Bento XVI retomou o convite logo após ser eleito: comentava como, com estas palavras, “o Papa falava também a todos os homens, sobretudo aos jovens.” E perguntava-se: “Porventura não temos todos nós, de um modo ou de outro, medo, se deixarmos entrar Cristo totalmente dentro de nós, se nos abrimos completamente a Ele, medo de que Ele possa tirar-nos algo da nossa vida? Não temos porventura medo de renunciar a algo de grandioso, único, que torna a vida tão bela? Não arriscamos depois de nos encontrarmos na angústia e privados da liberdade?”[16].

Bento XVI continuava: “E mais uma vez o Papa queria dizer: não! Quem faz entrar Cristo, nada perde, nada absolutamente nada daquilo que torna a vida livre, bela e grande. Não! Só nesta amizade se abrem de par em par as portas da vida. Só nesta amizade se abrem realmente as grandes potencialidades da condição humana. Só nesta amizade experimentamos o que é belo e o que liberta”[17]. E, unindo-se àquela recomendação de S. João Paulo II, concluía: “eu gostaria(...), partindo da experiência de uma longa vida pessoal, de vos dizer hoje, queridos jovens: não tenhais medo de Cristo! Ele não tira nada, Ele dá tudo. Quem se doa por Ele, recebe o cêntuplo. Sim, abri de par em par as portas a Cristo e encontrareis a vida verdadeira”[18]. O Papa Francisco também nos recorda muitas vezes: “Pede-te para deixar aquilo que torna pesado o coração, esvaziar-te de bens para Lhe dar lugar a Ele”[19]. Assim teremos a experiência de todos os santos: Deus não tira nada, pelo contrário, enche o nosso coração com uma paz e uma alegria que o mundo não pode dar.

Por este caminho, o medo cede lugar rapidamente a uma profunda gratidão: “dou graças àquele que me confortou, Cristo Jesus Nosso Senhor, por me ter considerado digno de confiança (...)a mim que antes fora blasfemo, perseguidor e violento. Mas alcancei misericórdia” (1 Tm 1,12-13). O facto de que todos temos uma vocação mostra que a misericórdia de Deus não se detém diante das nossas debilidades e pecados. Ele coloca-Se diante de nós *miserando atque eligendo*, como reza o lema episcopal do Papa Francisco. Porque, para Deus, escolher-nos e ter misericórdia – passar por cima da nossa pequenez – é a mesma coisa.

Como Abraão, como São Paulo, como todos os amigos de Jesus, nós também nos sabemos não apenas chamados e acompanhados por Deus, mas também seguros da Sua ajuda: convencidos de que “Aquele que em vós deu início a uma boa obra há de levá-la ao fim, até ao dia de Cristo Jesus.” (Fl 1,6). Sabemos que as nossas dificuldades, mesmo que às vezes sejam sérias, não têm a última palavra. S. Josemaria repetia aos primeiros fiéis do Opus Dei: “quando Deus nosso Senhor projeta alguma obra em favor dos homens, pensa primeiro nas pessoas que vai utilizar como instrumentos... *e comunica-lhes as graças convenientes*”[20].

O chamamento de Deus é, pois, um convite à confiança. Apenas a confiança nos permite viver sem estar escravizados pelo cálculo das próprias forças, dos próprios talentos, abrindo-nos à maravilha de viver também das forças do Outro, dos talentos do Outro. Como nas escaladas até aos grandes picos, é preciso confiar em quem está à frente, com quem inclusive compartilhamos a mesma corda. O que vai à frente, indica onde pisar e ajuda-nos naqueles momentos em que, se estivéssemos sozinhos, seríamos dominados pelo pânico ou a vertigem. Caminhamos, pois, como na escalada, mas com a diferença de que agora a nossa confiança não está posta em alguém como nós, nem sequer no melhor dos amigos; agora a nossa confiança está posta no próprio Deus, que sempre “permanecerá fiel, pois não pode negar-Se a Si mesmo” (2Tm 2,13).

Fareis vós os caminhos

“Abraão partiu, como o Senhor lhe havia dito” (Gn 12,4). Assim começou a etapa da sua vida que marcaria a sua existência para sempre. A sua vida foi, desde então, guiada por sucessivos chamamentos de Deus: a ir de um lugar para o outro, a afastar-se de homens malvados, a crer na possibilidade de ter um filho, a tê-lo de verdade, e... a estar disposto a sacrificá-lo. Abraão não deixou de precisar da sua liberdade em nenhum momento para continuar a dizer “sim” ao Senhor.

Assim, a vida daqueles que seguem a Deus caracteriza-se não só pela proximidade e comunhão com Deus, mas também por uma real, plena e contínua liberdade.

Responder afirmativamente ao chamamento de Deus não só dá um novo horizonte à nossa liberdade, um sentido pleno – “alguma coisa de grande e que fosse amor”[21], dizia S. Josemaria – como também exige que a usemos continuamente. A entrega a Deus não é como subir numa espécie de passadeira rolante, orientada e dirigida por outros, que nos leva – sem que queiramos – até ao fim dos nossos dias; ou como uma linha ferroviária, perfeitamente traçada, de que se pode consultar todo o trajeto antes de começar a trilhá-lo, sem reservar nenhuma surpresa ao viajante.

Efetivamente, ao longo da nossa vida, vamos percebendo que a fidelidade ao primeiro chamamento exige de nós novas decisões, às vezes duras. E entenderemos que o chamamento de Deus nos ajuda a crescer cada dia mais na nossa própria liberdade. Porque, para voar alto – como é próprio de qualquer caminho de amor – é preciso ter as asas limpas de lama e uma grande capacidade de dispor da própria vida, tantas vezes escravizada por pequenezes. Em poucas palavras, a grandeza do chamamento de Deus deve ser correspondida por uma liberdade igualmente *grande*, dilatada pela correspondência à graça e pelo crescimento das virtudes, que nos fazem ser mais verdadeiramente nós mesmos.

Nos primeiros anos da Obra, S. Josemaria costumava repetir aos jovens que se aproximavam dele que tudo estava por fazer, inclusive o caminho que deviam percorrer. E que esse caminho, que o Senhor lhes indicava e que devia atravessar o mundo inteiro, seria realizado por eles. “Não há caminhos feitos para vós... Fá-los-eis, através das montanhas, à força das vossas passadas”[22]. Expressava assim o caráter aberto que toda a vocação tem, e que é preciso descobrir e fomentar.

Agora, como naqueles tempos, responder ao chamamento de Deus supõe, de certa maneira, abrir o caminho a golpe dos próprios passos. Deus não nos dá a conhecer nunca um guião perfeitamente escrito. Não fez isso com Abraão, nem com Moisés. Não fez também com os Apóstolos. Ao subir aos Céus, disse-lhes somente: “Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura!” (Mc 16,15). Como? Por onde? Com que meios? Tudo isso saberiam depois pouco a pouco. Como no nosso caso: o caminho vai-se concretizando ao longo da vida, e construir-se-á graças a essa aliança maravilhosa entre a graça de Deus e a nossa própria liberdade. Durante toda a vida, a vocação é “a história de *um inefável diálogo entre Deus e o homem*, entre o amor de Deus que chama e a liberdade do homem que no amor responde a Deus”[23]. A nossa história será um entrelaçamento do nosso ouvido atento às inspirações divinas e da nossa criatividade para as pôr em prática do melhor modo que pudermos.

A Virgem Maria é exemplo para todos nós por causa do seu “Sim” em Nazaré, e também pela sua permanente escuta e obediência à Vontade de Deus ao longo de toda a sua vida, que também foi marcada pelo claro-escuro da fé. “Maria conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração” (Lc 2,19). Junto ao seu Filho, a nossa Mãe foi descobrindo a cada passo o que Deus queria d'Ela. Por isso a chamamos também Perfeita Discípula de Cristo. Encomendamo-nos a Ela, para que seja a Estrela que guie sempre os nossos passos.

T.

Nicolás Álvarez de las Asturias

Bibliografia:

- [1] *Missal Romano*, Oração Eucarística I.
- [2] Francisco, Vigília de oração com os jovens, Cracóvia, 30-VII-2016.
- [3] *Amigos de Deus*, n. 312.
- [4] Cf. por exemplo *Nm* 11,14s: “Eu sozinho não consigo suportar todo este povo, porque é demasiado pesado para mim! Se me queres tratar assim, dá-me antes a morte! se encontrei graça diante de ti, que eu não veja mais a minha desgraça”; *Jr* 20,18: “Porque saí do seu seio? Somente para contemplar tormentos e misérias, e consumir os meus dias na confusão?”; 1 R 19,4: “Basta, SENHOR, disse ele; tira-me a vida, pois não sou melhor do que meus pais”.
- [5] Francisco, Ex. Ap. *Gaudete et Exsultate* (19-III-2018), n. 131.
- [6] Francisco, Homilia na Jornada Mundial da Juventude, Cracóvia, 31-VII-2016.
- [7] *Amigos de Deus*, n. 38.
- [8] *Cristo que Passa*, n. 45.
- [9] F. Ocáriz, “Luz para ver, força para querer”.
- [10] Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein), *Vida escondida y epifanía*, en *Obras Completas V*, Burgos 2007, 637.
- [11] *Via Sacra*, 5ª estação, n. 2.
- [12] F. Ocáriz, “La vocación al Opus Dei como vocación en la Iglesia”, em *El Opus Dei en la Iglesia*, Rialp, 1993, p. 152.
- [13] Cf. *Ex* 3,6; *Mt* 22,32.
- [14] S. Josemaria, *Apuntes íntimos IV*, n. 296, 22-IX-1931 (citado em *Caminho*, edição comentada, comentário ao n. 813).
- [15] S. João Paulo II, Homilia no início do seu pontificado, 22-X-1978.
- [16] Bento XVI, Homilia no início do seu pontificado, 24-V-2005.
- [17] *Ibidem*.
- [18] *Ibidem*.
- [19] Francisco, Homilia de canonização, 14-X-2018. Cf. também *Gaudete et Exsultate*, n. 32.
- [20] *Instrucción*, 19-III-1934, n. 48.
- [21] A. Vázquez de Prada, *Josemaria Escrivá*, vol. I, Ed. Verbo, Lisboa 2002
- [22] *Caminho*, n. 928.
- [23] S. João Paulo II, Ex. Ap. *Pastores dabo vobis* (25-III-1992), n. 36.



Algo grande e que seja amor (III): O nosso verdadeiro nome

Somos o que somos, nem mais nem menos, e esse modo de ser torna-nos idóneos para seguir o Senhor e servi-l'O na Igreja. Este texto aprofunda sobre o chamamento de Deus a cada pessoa.



O primeiro livro da Bíblia começa por apresentar Deus Criador, que faz surgir as coisas do nada pela Sua palavra: «Faça-se a luz (...). Haja um firmamento (...). Que a terra produza seres vivos, segundo as suas espécies, animais domésticos, répteis e animais ferozes, segundo as suas espécies »(Gn 1,1-25). Quando chega o momento de chamar à existência o ser humano, no entanto, algo de diferente acontece. Deus não o cria "de acordo com sua espécie", ou de acordo com o que é, mas dá-lhe um nome: chama-o *pessoalmente* à existência; fala-lhe de tu a tu.

Se, a partir desse momento preciso da história da criação, nos voltarmos para o último livro da Bíblia, encontramos algo surpreendente: esse nome, que Deus nos dá ao criar-nos, havemos de o receber novamente no final da nossa história. "Ao que sair vencedor", promete o Senhor no Apocalipse: ", dar-lhe-ei a comer do maná escondido e dar-lhe-ei também uma pedra branca; na

pedra branca estará gravado um novo nome que ninguém conhece, a não ser o que a recebe."(Ap 2:17). Recebemos, pois, um nome ao nascer, mas ser-nos-á dado novamente no final de nossa vida na Terra. Como entender isso? Encontramo-nos perante o mistério da vocação; um mistério pessoal que se desdobra à medida que avançamos no nosso caminho para a vida verdadeira.

Seres livres e inacabados

Uma rosa, um carvalho, um cavalo não devem tomar qualquer decisão para chegarem a ser o que são: simplesmente existem. Crescem, desenvolvem-se e finalmente desaparecem. Com a pessoa humana, no entanto, não acontece a mesma coisa.

ESTAMOS NO MUNDO PARA ALGO E QUE COM A NOSSA VIDA PODEMOS TORNAR ESTE MUNDO UM LUGAR MELHOR.

À medida que crescemos, e particularmente durante a adolescência, percebemos que não podemos ser "mais um". Por alguma razão, achamos que devemos ser alguém único, com nome e apelido, diferente, irrepetível. Percebemos que estamos no mundo para algo e que com a nossa vida podemos tornar este mundo um lugar melhor. Não nos basta sabermos o que somos, ou como são as coisas, mas somos levados a sonhar quem queremos ser e como queremos que seja o mundo em que vivemos.

Alguns veem isso como uma ingenuidade, uma falta de realismo que, mais cedo ou mais tarde, deve ser superada. No entanto, essa tendência a sonhar realmente pertence ao mais alto que possuímos. Para um cristão, o desejo de ser alguém, com nome e apelido, mostra o modo como Deus quis criar-nos: como um ser único. E a esse desígnio amoroso responde a nossa capacidade de sonhar. Ele fez o mundo e deixou-o nas mãos do ser humano, "para o cultivar e, também, para o guardar" (*Gn 2,15*). Quis contar com o nosso trabalho para guardar este mundo e fazê-lo brilhar com toda a sua beleza, para que o amássemos "apaixonadamente", como dizia S. Josemaria [1].

E Deus faz o mesmo ao presentear-nos com o dom da vida: convida-nos a desenvolver a nossa personalidade, deixando-a nas nossas mãos. Para isso, espera que ponhamos em jogo a nossa liberdade, a nossa iniciativa, todas as nossas capacidades. «Deus quer algo de ti, Deus está à tua espera», disse aos jovens e a todos, o Papa Francisco. «Convida-te a sonhar, quer fazer-te ver que, contigo, o mundo pode ser diferente. É assim: se não deres o melhor de ti mesmo, o mundo não será diverso. É um desafio» [2].

Chama-te pelo teu nome

Simão tinha acompanhado o seu irmão André a ouvir o Batista. Foi uma viagem longa, da Galileia à Judeia, mas a ocasião merecia-o. Algo de grande devia estar prestes a acontecer, porque havia já vários séculos que Deus não enviava um profeta ao seu povo... e João parecia realmente um deles. Durante a sua estada nas margens do Jordão, André encontrou Jesus e passou toda a tarde a conversar com Ele. Quando regressa com o seu irmão Simão, diz-lhe: Encontrámos o Messias!». E imediatamente "levou-o até Jesus" (*Jo 1,41-42*). Quem sabe o que Simão iria pensando pelo caminho? Seria possível que o Messias, o enviado de Deus, tivesse chegado? Seria possível que o mundo em que viviam mudasse, como as Escrituras anunciaram? Quando chegou junto do Mestre, "Fixando nele o olhar, Jesus disse-lhe: «Tu és Simão, o filho de João. Hás-de chamar-te Cefas» - que significa Pedra.» (*Jo 1,42*). Antes de mudar o mundo, teve que mudar a sua vida.

Tal como aparece nos Evangelhos, a vida de Simão Pedro é uma descoberta contínua da verdadeira identidade de Jesus e da missão que lhe confia. Pouco depois de voltar à Galileia, depois daqueles dias com o Batista, Jesus aparece junto ao seu barco e pede que o lance à água para pregar a

partir daí. Pedro deve ter concordado um pouco relutantemente, porque acabara de passar a noite lutando, e não tinham pescado nada. Depois de falar ao povo, Jesus faz um novo pedido: «Faz-te ao largo; e vós, lançai as redes para a pesca.» (Lc 5,4). Parece uma loucura: tinham estado a tentar pescar durante horas, sem sucesso... e todos sabem que em plena luz do dia os peixes não entram na rede ... No entanto, Pedro obedece e vê que as suas redes se enchem de peixes! Quem é aquele homem que subiu no seu barco? "Ao ver isto, Simão caiu aos pés de Jesus, dizendo: «Afasta-Te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador.»"(Lc 5, 8). Mas o Mestre respondeu: «Não tenhas receio; de futuro, serás pescador de homens.»(Lc 5,10).

Quem é Simão? Um pescador da Galileia? Todos os seus antepassados o tinham sido. Ele trabalhava nesse ramo havia anos e achava que era um pescador que conhecia o seu trabalho perfeitamente. Mas Jesus lança uma luz inesperada na sua vida. A proximidade com o Senhor levou-o a perceber quem ele realmente é: um pecador. Mas um pecador em quem Deus se fixou e com quem quer contar. Diante deste chamamento divino, Pedro e seu irmão, "depois de terem reconduzido os barcos para terra, deixaram tudo e seguiram Jesus." (Lc 5,11). Bento XVI considerou como "Pedro ainda não podia imaginar que um dia teria chegado a Roma e seria nessa cidade "pescador de homens" para o Senhor. Ele aceita esta chamada surpreendente, de se deixar envolver nesta grande aventura: é generoso, reconhece os seus limites, mas crê n'Aquele que o chama e segue o sonho do seu coração. Diz sim; um sim corajoso e generoso e torna-se discípulo de Jesus.»[3]

O tesouro escondido

A missão que Jesus nos propõe pode mudar a nossa vida: enchê-la de luz. Portanto, a ideia de que Deus me pode estar a chamar é muito atraente. Mas há, ao mesmo tempo, algo que nos perturba profundamente: parece-nos que, se existe tal chamamento, se Deus conta connosco, perdemos a nossa liberdade. Já não poderemos escolher outro caminho! Só poderá ser o que Ele quiser!

AO LONGO DA NOSSA VIDA, DESCOBRIMOS UM TESOIRO, UMA MISSÃO QUE ESTÁ COMO QUE OCULTA NO NOSSO INTERIOR.

Considerar a trajetória de Pedro pode ajudar-nos. Quando decidiu deixar o que tinha para seguir a Jesus, perdeu a sua liberdade? Não foi essa a decisão mais livre e libertadora da sua vida? Às vezes, parece-nos que liberdade significa, antes de mais nada, ser capaz de escolher, sem que nada nos determine. No entanto, reduzida a esse horizonte, a liberdade limita-se a eleições pontuais, que mal chegam para iluminar alguns momentos: escolher se quero comer hambúrguer ou frango, se quero jogar futebol ou basquete, se quero ouvir esta música ou aquela.

Existem, no entanto, outros tipos de escolhas que podem lançar uma nova luz sobre a nossa vida; torná-la mais alegre, mais livre: são momentos em que pomos a vida em jogo por inteiro; decidimos quem queremos ser. A liberdade mostra-se aí na sua verdadeira amplitude, na sua capacidade de libertar. Já não estamos diante de decisões pontuais, mas perante decisões existenciais. Como quando alguém decide casar com uma pessoa, que considera o maior tesouro do mundo. Ou, de modo semelhante, quando um jovem decide ser médico, sabendo que isso exigirá uma série de esforços e sacrifícios nada pequenos. Entrega-se a uma pessoa ou abraça-se uma missão, renunciando a tudo o resto. Naturalmente, isso condicionará as suas futuras escolhas; no entanto, não se vê este passo como uma renúncia, mas como uma aposta num amor ou num projeto que irá preencher a sua vida. E assim, com o tempo, o seu nome não é mais o mesmo que ele teve desde o batismo: agora ele também é "o marido ou a mulher de ...", ou "o Dr. ...". O seu nome, a sua identidade, toma forma; a sua vida está a ganhar um sentido, uma direção.

Jesus apresenta-se diante de nós precisamente com uma escolha deste tipo. Ele criou-nos com

alguns dons, com qualidades que nos fazem ser de uma maneira ou de outra. Mais tarde, ao longo da nossa vida, descobrimos um tesouro, uma missão que está como que oculta no nosso interior. «O Reino do Céu é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem encontra. Volta a escondê-lo e, cheio de alegria, vai, vende tudo o que possui e compra o campo.» (Mt 13,44). Na verdade, o tesouro é Ele mesmo - o Seu amor incondicional; e a missão é a mesma que Ele recebeu do Pai. Se o descobri, já não preciso de continuar à procura. Posso abraçá-l'O com toda a minha vida e deixar que Ele dê forma a toda a minha existência. Como Pedro, apóstolo, Pedra sobre a qual a Igreja é fundada; como Paulo, Apóstolo das nações; como Maria, a escrava do Senhor, a Mãe do Salvador.

Abraçar essa tarefa - que é, na realidade, abraçar Jesus e segui-l'O - leva-nos a deixar tudo o resto. Porque nada nos pode libertar tanto como a verdade sobre nós mesmos: *veritas liberabit vos* (Jo 8,32). Assim, como São Paulo, poderemos afirmar: "Mas, tudo quanto para mim era ganho, isso mesmo considereí perda por causa de Cristo. Sim, considero que tudo isso foi mesmo uma perda, por causa da maravilha que é o conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor: por causa dele, tudo perdi e considero esterco, a fim de ganhar a Cristo"(Fp 3: 7-9).

Talvez nos desconcerte um pouco descobrir essa proximidade de Jesus; que queira contar connosco. Ao mesmo tempo, quando paramos a pensar nisso, vemos que o que nos pede se encaixa perfeitamente com quem somos, com as nossas qualidades e com o que vivemos... Parece que nascemos *para isso*. O novo nome é então apresentado como algo que já estava lá, desde a criação do mundo... Deus fez-nos para isso. E, no entanto, talvez nos pareça demasiado. «Este tesouro, esta missão... para mim? Deus realmente fixou-se *em mim*?

Pôr em jogo todos os meus dons e qualidades

Deus não nos chama apenas num momento da nossa vida: faz isso constantemente. Da mesma forma, a nossa resposta se estende por toda a nossa existência, ao ritmo das chamadas a amar cada dia de maneira renovada. «Desde que Lhe disseste "sim", o tempo vai mudando a cor do horizonte: cada dia mais belo, cada vez mais amplo e luminoso! Mas tens de continuar a dizer "sim".»[5].

São Pedro disse "sim" ao Senhor muitas vezes. Como naquela ocasião, em que todos os que seguiram o Mestre se foram embora escandalizados quando o ouviram falar do Pão da Vida (cf. Jo 6, 60-71), ou como quando Jesus insistiu em lavar os pés, embora lhe parecesse absurdo (cf. Jo 13,6-10). Pedro permaneceu com Jesus, confessando mais uma vez a sua fé. Contudo, o apóstolo não havia entendido completamente a lógica do Senhor. Ele ainda estava a sonhar com uma gloriosa manifestação do Senhor, um evento que imediatamente o tornaria poderoso, bem sucedido e famoso em todo o mundo. Levou alguns anos para descobrir que esse não era o modo de agir de Deus. Passou pela tristeza de negar Jesus três vezes, traíndo-O. Teve que chocar com a sua própria fraqueza. No entanto, no final, entendeu, porque nunca deixou de olhar Jesus. «O Senhor converteu Pedro - que O tinha negado três vezes - sem lhe dirigir sequer uma censura; só com um olhar de Amor.» [6]. Porque a vocação é, afinal de contas, um convite para olhar para Jesus, deixar-se olhar por Ele, compartilhar a Sua vida e tentar imitá-l'O. Até à entrega, cheia de amor, da própria vida.

O chamamento de Pedro tomou a sua forma final naquele dia, nas margens do Mar da Galileia, no seu encontro a sós com Jesus ressuscitado. Pode pedir-Lhe perdão ... lembrar-se do quanto O amava, com as suas poucas forças; e dizer-Lho novamente. O Mestre respondeu: «Apascenta as minhas ovelhas» (Jo 21,17) e depois acrescentou: «Segue-me» (Jo 21,19). Com isso estava tudo dito, porque Pedro já tinha descoberto que seguir o Senhor é amar até ao extremo, num maravilhoso caminho de entrega e serviço a todos: um caminho, não uma meta. O mesmo caminho

que devemos percorrer todos os dias da nossa vida, pelas mãos de Jesus.

Uma vida plena

Pedro morreu mártir em Roma. A tradição situa o lugar do martírio, por crucificação, na colina do Vaticano. Quando soube a sentença, talvez tivesse revisto toda a sua vida. A sua juventude, o seu carácter forte e determinado, o seu trabalho no mar da Galileia. O encontro com Jesus e, a partir desse momento, quantas coisas formosas! Alegrias e sofrimentos, tantas pessoas que passaram pela sua vida. Tanto amor. Sim, a sua vida tinha mudado muito. E tinha valido a pena.

Ao conhecer Simão, junto ao rio Jordão, o Senhor não viu apenas um homem já feito, com certas características. Viu nele Pedro: a Pedra sobre a qual iria edificar a Sua Igreja. Quando olhar para nós, vê todo o bem que vamos fazer na nossa vida. Vê os nossos talentos, o nosso mundo, a nossa história e oferece-nos a possibilidade de ajudá-l'O, a partir da nossa pequenez. Não nos pede que façamos coisas impossíveis, mas simplesmente que O sigamos.

Somos o que somos, nem mais nem menos, e esse modo de ser torna-nos aptos a seguir o Senhor e servi-l'O na Igreja. Pela Sua mão, somos chamados a encontrar a melhor maneira de fazê-lo. Cada um o que Deus tenha pensado para ele: "Temos dons que, consoante a graça que nos foi dada, são diferentes: se é o da profecia, que seja usado em sintonia com a fé; se é o do serviço, que seja usado a servir; se um tem o de ensinar, que o use no ensino; se outro tem o de exortar, que o use na exortação; quem reparte, faça-o com generosidade; quem preside, faça-o com dedicação; quem pratica a misericórdia, faça-o com alegria."(Rm 12,6-8).

Pedro renunciou a ser aquele pescador de Betsaida tão seguro de si mesmo, e Deus pôde torná-lo assim mediador, com Cristo, entre a terra e o céu. A sua história foi repetida muitas vezes ao longo dos séculos. Até hoje. Os primeiros jovens que faziam parte do Opus Dei puseram os seus talentos nas mãos de Deus e deram um fruto que não poderiam ter imaginado. É o que S. Josemaria lhes assegurava: "Sonhai e ficareis aquém!" Ou, como o Papa disse aos jovens, no final de uma vigília de oração: "Que o Senhor abençoe os vossos sonhos" [7].

O chamamento de Jesus puxa pelo melhor de cada uma e de cada um, para colocá-lo ao serviço dos outros, para levá-lo à plenitude. É o que vemos em Pedro. E nós, que descobrimos quanto Ele nos ama e que conta connosco, queremos estar também atentos ao Seu chamamento: hoje e todos os dias da nossa vida. E assim, quando nos encontrarmos com Ele, Ele nos dará «uma pedra branca; na pedra branca estará gravado um novo nome que ninguém conhece, a não ser o que a recebe.» (Ap 2:17): nós reconheceremos ... o nosso verdadeiro nome.

Lucas Buch

Bibliografia:

[1] Cf. *Sulco*, n. 290; *Amigos de Deus*, n. 206; «Amar o mundo apaixonadamente», em *Temas Atuais do Cristianismo*, nn. 113 ss.

[2] Francisco, *Vigília de Oração com os jovens durante a JMJ em Cracóvia*, 30-VII-2016.

[3] Bento XVI, *Audiência Geral*, 17-V-2006.

[4] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 936.

[5] S. Josemaria, *Sulco*, n. 32.

[6] S. Josemaria, *Sulco*, n. 964.

[7] Francisco, *Vigília de Oração com os jovens durante a JMJ em Cracóvia*, 30-VII-2016.

////////////////////////////////////

Algo grande e que seja amor (IV): Mais mães e pais do que nunca

A missão dos pais não se limita a acolher os filhos que Deus lhes dá: continua durante toda a vida, e tem como limite o céu.



A mãe de Tiago e João aproxima-se de Jesus. Tem uma enorme confiança com Ele. Pelos seus gestos, o Senhor adivinha a sua intenção de lhe pedir algo, e, pergunta-lhe diretamente: “Que queres?” Ela não se põe com rodeios: “Diz que estes meus dois filhos se sentem no teu Reino, um à tua direita e outro à tua esquerda” (Mt 20,21). Jesus possivelmente sorriria perante o pedido efusivo desta mãe. Com o tempo conceder-lhe-ia algo ainda mais ousado do que aquilo que ela sonhava para os seus filhos. Deu-lhes uma morada no seu próprio coração e uma missão universal e eterna.

NA FAMÍLIA APRENDEMOS A REZAR, COM PALAVRAS QUE CONTINUAREMOS A USAR DURANTE O RESTO DA NOSSA VIDA

A Igreja, que então estava apenas a nascer, conhece hoje um novo impulso apostólico. Através dos últimos Romanos Pontífices, o Senhor está a levá-la para uma “evangelização sempre renovada” [1], que é uma das notas dominantes da passagem do segundo para o terceiro milénio. E, nesta aventura, a família não é um sujeito passivo, antes pelo contrário, as mães, os pais, os avós, são protagonistas: estão na primeira linha da evangelização. A família, com efeito, é “o primeiro lugar onde, nas nossas vidas, se faz presente o Amor de Deus, independentemente do que possamos fazer

ou deixar de fazer” [2]. Na família aprendemos a rezar, com palavras que continuaremos a usar durante o resto da nossa vida; na família toma forma a maneira como os filhos irão olhar o mundo, as pessoas, as coisas [3]. Por isso, o lar está chamado a ser o clima adequado, a boa terra na qual Deus possa lançar a semente, de modo que aquele ouve a palavra, e a entenda, dê fruto e produza cem ou sessenta ou trinta por um (cfr. *Mt* 13,23).

Pais de santos

S. Josemaria era um jovem sacerdote quando o Senhor lhe mostrou o imenso panorama de santidade que o Opus Dei estava chamado a semear no mundo. Considerava a sua missão como uma tarefa que não podia adiar, e pedia ao seu diretor espiritual que lhe permitisse crescer em oração e penitência. Para justificar essas exigências escrevia-lhe: “Olhe que Deus mo pede, e, é necessário que seja santo e pai, mestre e guia de santos” [4]. São palavras que se podem aplicar, de certo modo, a qualquer mãe e a qualquer pai de família, porque a santidade só é autêntica se se partilhar, se iluminar à sua volta. Por isso, se aspiramos à verdadeira santidade, cada um de nós está chamado a converter-se em “santo e pai, mestre e guia de santos”. Desde muito cedo, S. Josemaria falava de “vocação matrimonial” [5]. Sabia que a expressão parecia surpreendente, mas estava convencido de que o matrimónio é um verdadeiro caminho de santidade, e que, o amor conjugal é algo muito de Deus. Numa frase audaz, costumava dizer: “Eu abençoo esse amor conjugal com as duas mãos, e quando me perguntaram porque digo com as duas mãos, a minha resposta imediata foi: porque não tenho quatro!” [6].

A missão dos pais não se limita a acolher os filhos que Deus lhes dá: continua durante toda a sua vida, e, tem como horizonte o céu. Se o afeto dos pais para com os filhos pode parecer, às vezes, frágil e imperfeito, o vínculo da paternidade e da maternidade está de facto tão profundamente enraizado que torna possível uma entrega sem limites: qualquer mãe tomaria o lugar de um filho seu que estivesse a sofrer numa cama de hospital.

A Sagrada Escritura está cheia de mães e pais que se sentem privilegiados e orgulhosos pelos filhos que Deus lhes deu. Abraão e Sara; a mãe de Moisés; Ana, a mãe de Samuel; a mãe dos sete irmãos macabeus; a cananea que pede a Jesus pela sua filha; a viúva de Naim; Isabel e Zacarias; e, de um modo muito especial, a Virgem Maria e São José. São intercessores a quem nos podemos confiar para que cuidem das nossas famílias, para que sejam protagonistas de uma nova geração de santas e santos.

Não se nos esconde que a maternidade e a paternidade estão intimamente ligadas à Cruz e à dor. Juntamente com as grandes alegrias e satisfações, o processo de amadurecimento e crescimento dos filhos não nos poupa a dificuldades, algumas pequenas e outras nem tanto: noites sem dormir, rebeldias de adolescência, dificuldades para encontrar um trabalho; a escolha da pessoa com quem querem partilhar a sua vida, etc.

NÃO SE NOS ESCONDE QUE A MATERNIDADE E A PATERNIDADE ESTÃO INTIMAMENTE LIGADAS À CRUZ E À DOR.

Particularmente doloroso é ver como às vezes os filhos tomam decisões erradas ou se afastam da Igreja. Os pais tentaram educá-los na fé; procuraram mostrar-lhes o atrativo da vida cristã. E talvez então se questionem: que fizemos mal? É normal que esta pergunta surja, embora não convenha deixar-se atormentar por ela. Os pais, é certo, são os principais responsáveis pela educação dos filhos, mas não são os únicos que têm influência sobre eles: o ambiente que os rodeia pode apresentar-lhes outras maneiras de ver a vida como sendo mais atrativas e convincentes; ou pode fazer com que o mundo da fé lhes pareça algo remoto. E, sobretudo, os filhos têm a sua liberdade, pelo que decidem seguir um caminho ou outro.

Às vezes, simplesmente, pode acontecer que os filhos precisem de se distanciar para redescobrir, com novos olhos, aquilo que receberam. Entretanto, é preciso ser pacientes: embora se enganem, aceitá-los de verdade, assegurar-se de que o notam, e evitar antagonismos, porque isso poderia afastá-los ainda mais. “Muitas vezes não há mais nada a fazer do que esperar; rezar e esperar com paciência, doçura, magnanimidade e misericórdia” [7]. Neste sentido, é muito expressiva a figura do pai na parábola do filho pródigo (cfr. Lc 15,11-32): ele via muito mais longe do que o seu filho; e por isso, embora se desse conta do seu erro, sabia que tinha que esperar.

Todavia, não é simples nem automático, para uma mãe ou um pai, aceitar a liberdade dos seus filhos quando estes se vão tornando adultos, porque inclusivamente algumas decisões, embora boas em si mesmas, são diferentes das que tomariam os seus pais. Se até esse momento os filhos precisaram dos pais para tudo, poderia parecer que agora os pais começam a ser só espetadores das suas vidas. Embora pareça paradoxal, não há dúvidas que nestes momentos necessitam mais deles do que nunca. Aqueles que lhes ensinaram a comer e a caminhar podem continuar a acompanhar o crescimento da sua liberdade, enquanto eles abrem o seu próprio caminho na vida. Agora, os pais são chamados a ser mestres e guias.

Mestres de santos

Mestre é aquele que ensina uma ciência, arte ou ofício. Os pais são mestres, muitas vezes sem se darem conta. Como por osmose, transmitem aos filhos tantas coisas que os acompanharão durante toda a vida. Particularmente, têm a missão de os educar na arte mais importante: amar e ser amados. E nesse caminho, uma das lições mais difíceis é a da liberdade.

Para começar, os pais têm de os ajudar a superar alguns preconceitos que hoje podem parecer óbvios, como a ideia de que a liberdade consiste em “atuar conforme os próprios caprichos e na resistência a qualquer regra” [8]. Sem dúvida, o verdadeiro desafio que têm à sua frente consiste em despertar nos filhos, com paciência, como se fosse por um plano inclinado, um gosto pelo bem”: de uma maneira que não vejam somente a dificuldade de agir como dizem os seus pais, mas que cheguem a ser “capazes de desfrutar do bem” [9]. Neste caminho de crescimento, às vezes os filhos não valorizam o que lhes ensinam. É verdade que, também, com frequência os pais têm de aprender a educar melhor os seus filhos: não se nasce a saber ser pai e mãe. Sem dúvida, apesar das possíveis deficiências na educação, com o passar do tempo os filhos vão valorizando cada vez mais o que receberam, como sucedeu com S. Josemaria com um conselho que a sua mãe lhe repetia: “Muitos anos depois dei-me conta de que naquelas palavras havia uma razão muito profunda” [10].

Os filhos acabam por descobrir, mais cedo ou mais tarde, o muito que os seus pais lhes quiseram, e até que ponto foram para eles mestres de vida. Isso é expresso com clareza por um dos grandes autores do século XIX: “Não há nada mais nobre, mais forte, mais saudável e mais útil na vida do que uma boa recordação, sobretudo quando é uma recordação de infância, do lar paterno. (...) Aquele que faz uma boa provisão delas para o futuro, está salvo. E mesmo que conservemos só uma, esta única recordação pode vir a ser algum dia a nossa salvação” [11]. Os pais sabem que a sua missão é semear e esperam com paciência que os seus contínuos desvelos produzam fruto, embora talvez não cheguem a vê-lo.

Guias de santos

Um guia é aquele que conduz e ensina outros a seguir ou a abrir um caminho. Para levar a cabo esta tarefa é necessário conhecer o terreno e em seguida acompanhar aqueles que o percorrem pela primeira vez. Os bons mestres *arrumam* a cabeça e sabem aquecer os corações: Salomé, a mulher de Zebedeu, acompanhou os seus filhos pelo caminho de Cristo, pô-los em frente de quem poderia dar sentido e alegria às suas vidas; esteve ao pé da Cruz. Ali, só conseguiu estar com João.

Sem dúvida, Tiago seria, a seu tempo, o primeiro apóstolo a dar a vida por Jesus. Ela também esteve no sepulcro, na madrugada de domingo, ao lado de Madalena. E João seguiu-a pouco depois.

QUALQUER GUIA TEM QUE ENFRENTAR ÀS VEZES ALGUNS PASSOS COMPLICADOS, DESAFIANTES.

Qualquer guia tem que enfrentar às vezes alguns passos complicados, desafiantes. No caminho da vida, um deles é a resposta à chamada de Deus. Acompanhar os filhos na hora de discernir a sua vocação é uma parte importante da chamada dos próprios pais. É compreensível que sintam medo perante este passo. Mas isso não deve paralisar um guia: “Medo? Tenho gravadas na minha alma umas palavras de São João, da sua primeira epístola, no capítulo quarto. Diz: *Qui autem timet, non est perfectus in caritate* (1 Jn 4,18). O que tem medo, não sabe amar. Então, como sabeis amar a todos, não tendes medo. Medo de quê? Tu sabes querer, portanto não tenhas medo. Para a frente!” [12].

Para já, nada preocupa mais uma mãe ou um pai do que a felicidade dos seus filhos. Sem dúvida, muitas vezes eles próprios já têm uma ideia da forma como deveria ser essa felicidade. Às vezes traçam um futuro profissional que não encaixa de maneira nenhuma com os talentos reais dos seus filhos. Outras vezes, desejam que os seus filhos sejam bons, mas “sem exagero”. Esquecem assim a radicalidade, às vezes desconcertante, mas essencial, do Evangelho. Por isso, ainda com mais razão se lhes foi dada uma profunda educação cristã, torna-se inevitável “que cada filho nos surpreenda com os projetos que brotem dessa liberdade, que nos fure os esquemas, e é bom que isso aconteça. A educação implica a tarefa de promover liberdades responsáveis” [13].

Os pais conhecem muito bem os seus filhos; normalmente, melhor que ninguém. Como querem o melhor para eles, é lógico e bom que se perguntem se vão ser felizes com as suas escolhas de vida, e que contemplem o seu futuro “de portas adentro” [14], com desejo de os proteger e ajudar. Por isso, quando os filhos começam a vislumbrar uma possível chamada de Deus, os pais têm diante de si uma maravilhosa tarefa de prudência e guia. Quando S. Josemaria falou da sua vocação ao seu pai, este disse-lhe: “Pensa nisso um pouco mais”... mas de seguida acrescentou: “Eu não me oporei” [15]. Enquanto procuram dar realismo e sensatez às decisões espirituais dos seus filhos, os pais necessitam por sua vez de aprender a respeitar a sua liberdade e a vislumbrar a ação da graça de Deus nos seus corações, para não se converterem – querendo ou não – num obstáculo aos planos do Senhor.

Por sua vez, muitas vezes os filhos não se apercebem do abalo que a sua vocação pode provocar nos seus pais. S. Josemaria dizia que a única vez que viu o seu pai chorar foi precisamente quando lhe comunicou que queria ser sacerdote [16]. A generosidade faz muita falta para acompanhar os filhos num caminho que vai numa direção diferente daquela que cada um tinha pensado. Por isso, não é estranho que custe renunciar a esses planos. Ao mesmo tempo, Deus não pede menos aos pais: esse sofrimento, que é muito humano, pode também ser, com a graça de Deus, muito divino.

Além disso, estas sacudidelas podem ser o momento de considerar que, como costumava dizer S. Josemaria, os filhos devem aos seus pais noventa por cento da chamada a amarem a Deus com todo o coração [17]. Deus conhece o sacrifício que pode ser para os pais aceitar com carinho e liberdade essa decisão. Ninguém como Ele, que entregou o seu Filho para nos salvar, é capaz de o entender.

Quando uns pais aceitam generosamente a chamada dos seus filhos, sem reservas, atraem numerosas bênçãos do Céu para muita gente. Na realidade, trata-se de uma história que se repete ao longo dos séculos. Quando Jesus chamou João e Tiago para o seguirem, deixando tudo, eles encontravam-se com o seu pai a consertar as redes. Zebedeu continuou com as redes, talvez um pouco contrariado, mas deixou-os ir. É possível que tivesse levado algum tempo a dar-se conta de

que era mesmo Deus quem estava a entrar na sua família. E por fim, que alegria vê-los felizes nessa *nova pesca*, no “mar sem fim” do apostolado.

Mais necessários do que nunca

Quando uma filha ou um filho toma uma decisão importante na sua vida, os seus pais são mais necessários que nunca. Uma mãe ou um pai são muitas vezes capazes de descobrir, mesmo à distância, sombras de tristeza nos seus filhos, como são capazes de intuir a verdadeira alegria. Por isso, podem ajudá-los, de uma forma insubstituível, a ser felizes e fiéis.

Para levar a cabo esta nova tarefa, talvez a primeira coisa a fazer seja reconhecerem o dom que receberam. Ao considerá-lo na presença de Deus, podem descobrir que “não é um sacrifício, para os pais, que Deus lhes peça os seus filhos; nem para os que o Senhor chama, é um sacrifício segui-Lo. É, pelo contrário, uma honra imensa, um grande e santo orgulho, uma mostra de predileção, um carinho particularíssimo” [18]. Foram eles que tornaram possível a vocação, que é uma continuação da oferta da vida. Por isso, S. Josemaria dizia-lhes: “Dou-vos os parabéns, porque Jesus apanhou esses bocados dos vossos corações – inteiros – só para Ele... só para Ele!” [19].

AS VOCAÇÕES NASCEM NA ORAÇÃO E DA ORAÇÃO; E SÓ NA ORAÇÃO PODEM PERSEVERAR E DAR FRUTO

Por outro lado, a oração dos pais perante o Senhor torna-se então muito importante. Quantos exemplos desta encantadora intercessão encontramos na Bíblia e na história! Santa Mónica, com a sua oração confiada e persistente pela conversão do seu filho Agostinho, é talvez o exemplo mais conhecido; mas na realidade as histórias são incontáveis. Por detrás de todas as vocações “está sempre a oração forte e intensa de alguém: de uma avó, de um avô, de uma mãe, de um pai, de uma comunidade. (...) As vocações nascem na oração e da oração; e só na oração podem perseverar e dar fruto” [20]. Uma vez iniciado o caminho, percorrê-lo até ao fim depende em boa medida da oração daqueles que mais amam essas pessoas.

E, juntamente com a oração, a proximidade. Ver que os pais se envolvem na sua nova missão na vida, ajuda muito a fortalecer a fidelidade dos filhos. Muitas vezes os pais estão clamando para dar uma ajuda, sem o dizerem expressamente, e perceberem o quão feliz é a sua filha ou o seu filho nesse caminho de entrega. Precisam de sentir a fecundidade dessas vidas. Às vezes serão os próprios filhos que, com simpatia, também lhes pedem *a vida*, na forma de conselho, de ajuda, de oração. Quantas histórias de pais e mães que descobrem o seu chamamento à santidade através da vocação dos seus filhos!

O fruto da vida e da entrega de Tiago e João não se pode medir. Poder-se-á sim dizer, pelo contrário, que estas duas colunas da Igreja devem à sua mãe e ao seu pai a maior parte da sua vocação. Tiago levou o Amor de Deus até aos confins da terra, e João proclamou-O com palavras que fazem parte das páginas mais belas jamais escritas sobre esse Amor. Todos os que recebemos a fé através da sua entrega podemos sentir um agradecimento profundo para com este casal do mar da Galileia. Os nomes de Zebedeu e Salomé pronunciar-se-ão, juntamente com os dos apóstolos, até ao final dos tempos.

“Tomai e comei todos, porque isto é o meu corpo que se entrega por vós” [21]. As mães e os pais que amam a Deus, e que viram como um filho seu se entregava a Ele por completo, compreendem de uma maneira muito especial as palavras do Senhor na consagração da Missa. De certo modo vivem-nas nas suas próprias vidas. Entregaram o seu filho para que os outros tenham alimento, para que os outros vivam. Assim, de uma certa forma os seus filhos multiplicam a sua maternidade e a sua paternidade. Ao dar esse novo *sim*, unem-se à obra da redenção, que se

consumou no *sim* de Jesus na Paixão e que começou, num simples lar, no *sim* de Maria.

Diego Zalbidea

Bibliografia:

[1] São Paulo VI, Ex. ap. Evangelii nuntiandi (8-XII-1975), n. 82. Cfr. também São João Paulo II, Carta ap. Novo millennio ineunte (6-I-2001), n. 40; Benedicto XVI, Homilia na Abertura do Sínodo dos Bispos sobre a nova evangelização, 7-X-2012; Francisco, Ex. ap. Evangelii gaudium(24-XI-2013), n. 27.

[2] F. Ocáriz, *Carta* 4-VI-2017.

[3] Cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 1666.

[4] S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 1725, cit. em Andrés Vázquez de Prada, *Josemaria Escrivá*, vol. I, Verbo, Lisboa 2002

[5] S. Josemaria, *Caminho*, n. 27.

[6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 184.

[7] Francisco, Audiência geral, 4-II-2015.

[8] F. Ocáriz, *Carta pastoral*, 9-I-2018, n. 5.

[9] J. Diéguez, Chegar à pessoa na sua integridade: o papel dos afetos (I), www.opusdei.pt

[10] S. Josemaria, notas de uma reunião familiar, 17-II-1958, cit. em S. Bernal, *Monsenhor Josemaria Escrivá de Balaguer. Apontamentos sobre a vida do Fundador do Opus Dei*, Lisboa 1978

[11] Dostoievski, F. Os irmãos Karamazov, epílogo.

[12] S. Josemaria, notas de um encontro com jovens, novembro 1972. Citado em Dois meses de Catequese, 1972, vol. 1, p. 416 (AGP, biblioteca, P04).

[13] Francisco, Ex. ap. Amoris laetitia (19-III-2016), n. 262. S. Josemaria ilustrava esta realidade com uma pitada de humor: «A mãe, mal nasceu o rapazito, já pensa que o casará com fulanita e que farão isto e aquilo. O pai pensa na carreira ou nos negócios em que vão meter o filho. Cada um faz a sua novela, uma encantadora novela cor-de-rosa. Depois, a criatura sai limpa, sai boa, porque os seus pais são bons, e diz-lhes: essa vossa novela não me interessa. E há duas birras colossais» (notas de uma reunião com famílias, 4-XI-1972, em Lares luminosos e alegres, p. 155 [AGP, biblioteca, P11].

[14] S. Josemaria utilizava com frequência esta expressão para se referir à preocupação lógica dos pais pela prosperidade humana dos filhos. Cfr. p. ej. J. Echevarría, *Lembrando o Beato Josemaria Escrivá*, Diel. Lisboa, 2000

[15] SASTRE, Ana, *Tempo de caminhar*, Lisboa 1994.

[16] Cfr. A. Vázquez de Prada, *El fundador del Opus Dei*, vol. I, Rialp, Madrid 1997, p. 101

[17] Cfr. S. Josemaria, *Temas Atuais do Cristianismo*, n. 104.

[18] S. Josemaria, *Forja*, n. 18.

[19] Palavras de S. Josemaria a famílias no dia 22-X-1960, em A. Rodríguez Pedrazuela, *Un mar sin orillas*, Rialp, Madrid 1999, p. 348.

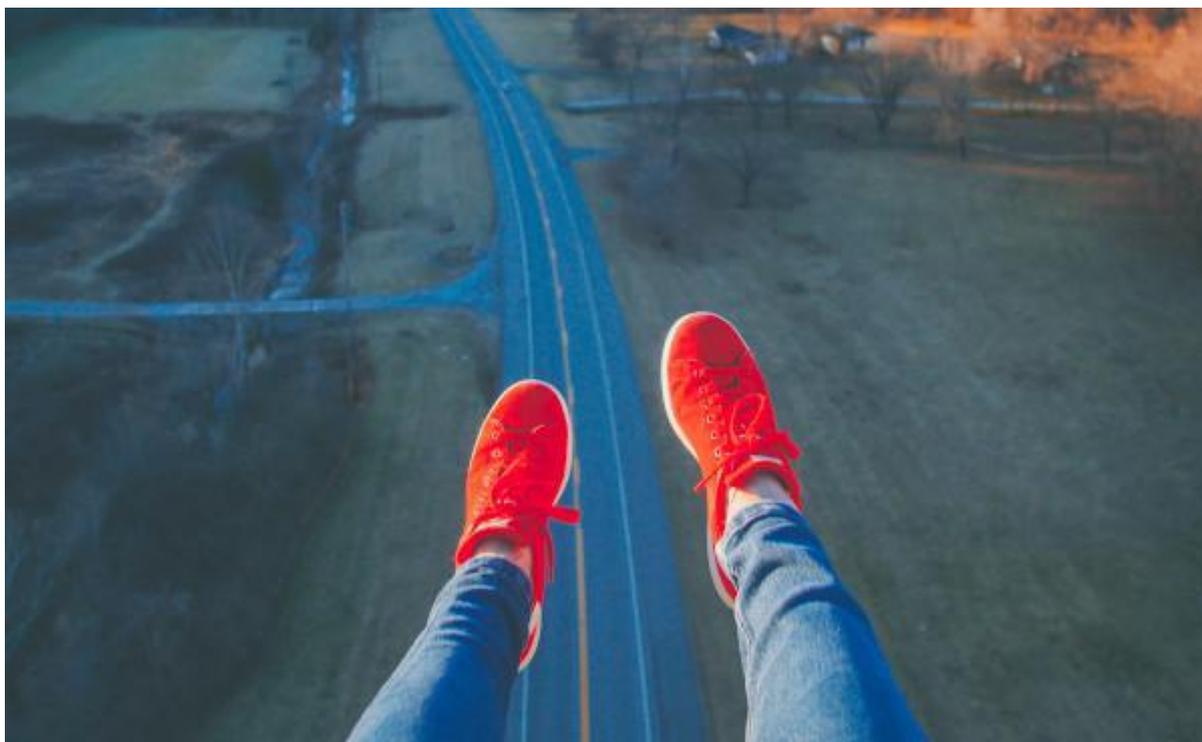
[20] Francisco, *Regina coeli*, 21-IV-2013.

[21] *Missal Romano*, Oração Eucarística.

////////////////////////////////////

Algo grande e que seja amor (V): Como se descobre a vocação?

Há tantas histórias de vocação como pessoas. Neste artigo, mostram-se alguns dos marcos mais frequentes neste caminho pelo qual se obtém a convicção sobre a própria vocação.



O sol já se pôs na Judeia. Nicodemos, inquieto, vai ter com Jesus. Procura respostas para o que está a ferver no seu interior. A chama de uma lamparina esculpe-lhes os rostos. O diálogo que se segue entre sussurros está cheio de mistério. As respostas do Nazareno às suas perguntas deixam-no perplexo. Jesus avisa-o: "O vento sopra onde quer e tu ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito"(Jo 3,8). A vocação, toda a vocação, é um mistério e a sua descoberta, um dom do Espírito.

O livro dos Provérbios diz: "Há três coisas que são um mistério para mim, e uma quarta que não compreendo: o voo da águia nos céus, o rasto da cobra sobre a rocha, o rumo de um navio em pleno mar, e a atitude do homem para com a donzela "(Pr 30,18-19). Com muito mais razão, quem, sem a ajuda de Deus, poderia seguir o rasto da graça numa alma, identificar o seu propósito e descobrir o significado e o destino de uma vida? Quem, sem ser guiado pelos dons do Espírito Santo, seria capaz de saber "de onde e para onde vai" esse sopro divino na alma, muitas vezes audível na forma de anseios, incertezas, presságios e promessas? É algo que nos supera completamente.

Portanto, a primeira coisa de que precisamos para vislumbrar o nosso chamamento pessoal é a humildade: pôr-se de joelhos perante o inefável, abrir o nosso coração à ação do Espírito Santo, que sempre pode surpreender-nos.

QUANTOS CAMINHOS HÁ PARA CHEGAR A DEUS? TANTOS QUANTOS OS HOMENS (CARDEAL RATZINGER)

Para descobrir a própria vocação, ou para ajudar alguém a fazê-lo, não é possível, portanto, "oferecer fórmulas pré-fabricadas, ou métodos ou regras rígidos" [1]. Seria como tentar "pôr trilhos à ação sempre original do Espírito Santo" [2], que sopra onde quer. Numa ocasião, perguntaram ao Cardeal Ratzinger: "Quantos caminhos há para chegar a Deus?" Com simplicidade desconcertante, respondeu: "tantos quantos os homens" [3]. Há tantas histórias vocacionais quantas as pessoas. Neste texto mostraremos, para ajudar a reconhecê-los, alguns dos marcos mais frequentes nesse caminho através dos quais se obtém a convicção sobre a própria vocação.

Inquietação do coração

Nicodemos percebe uma inquietação no coração. Tinha ouvido Jesus pregar e ficou tocado. No entanto, alguns dos Seus ensinamentos escandalizaram-no. Tinha testemunhado os Seus milagres com assombro, sim, mas inquieta-o a autoridade com que Jesus expulsa os comerciantes do Templo, a que chama de "a casa do Meu Pai" (cf. *Jo* 2,16). Quem se atreve a falar assim? Por outro lado, interiormente mal pode reprimir uma secreta esperança: Será este o Messias? Mas ainda está cheio de incertezas e dúvidas. Ainda não dá o passo de seguir abertamente Jesus, embora procure respostas. E é por isso que vem ter com Ele de noite: «Rabi, nós sabemos que Tu vieste da parte de Deus, como Mestre, porque ninguém pode realizar os sinais portentosos que Tu fazes, se Deus não estiver com ele.» (*Jo* 3,2). Nicodemos está inquieto.

O mesmo acontece com outras figuras evangélicas, como o jovem que um dia se aproxima de Jesus e Lhe pergunta: «Mestre, que hei de fazer de bom, para alcançar a vida eterna?» (*Mt* 19,16). Está insatisfeito. Tem o coração inquieto. Pensa que é capaz de mais. Jesus confirmará que a sua procura é fundamentada: "falta-te uma coisa..." (*Mc* 10,21). Também podemos pensar nos apóstolos André e João. Jesus, vendo que O seguiam, pergunta-lhes: «Que procurais?» (*Jo* 1, 38). Uns e outros eram "buscadores": estavam à espera de um acontecimento maravilhoso que mudasse as suas vidas e os enchesse de aventura. Tinham a alma aberta e faminta, cheia de sonhos, anseios e desejos. Inquieta.

Certa ocasião, um jovem perguntou a S. Josemaria como se sentia a vocação para a Obra. A sua resposta foi: "Não é uma questão de sentir, meu filho, embora se perceba quando o Senhor chama. Está-se inquieto. Nota-se uma insatisfação... Não estás contente contigo mesmo!"[4]. Frequentemente, no processo de procura da própria vocação, tudo começa com esta inquietação de coração.

Uma presença amorosa

Mas em que consiste essa inquietação? Donde vem? Ao relatar a cena do jovem que se aproxima do Senhor, São Marcos diz que Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele (*Mc* 10,21). Assim faz também connosco: de alguma forma, percebemos na nossa alma a *presença* de um amor de predileção que nos escolhe para uma missão única. Deus está presente nos nossos corações e procura o *encontro*, ab comunhão. No entanto, esse objetivo ainda está por ser

alcançado e, daí a nossa inquietação.

A CHAMADA ATRAI, AO MESMO TEMPO QUE CAUSA REJEIÇÃO; IMPELE A ABANDONAR-SE NO AMOR; AO MESMO TEMPO QUE O RISCO DA LIBERDADE ASSUSTA

Essa presença amorosa de Deus na alma pode manifestar-se de diferentes maneiras: anelos de uma maior intimidade com o Senhor; gosto por satisfazer com a minha vida a sede de Deus pelas almas; desejos de fazer crescer a Igreja, a família de Deus no mundo; anseio de uma vida em que os talentos recebidos realmente rendam; sonho de aliviar tanto sofrimento em todos os lugares; a consciência de ser um agraciado: «Porquê eu e não os outros?»

O chamamento de Deus também pode ser revelado em acontecimentos aparentemente fortuitos, que nos tocam interiormente e deixam um rasto da sua passagem. Ao contemplar a própria vida, S. Josemaria explicou: "O Senhor preparou-me apesar de mim mesmo, com coisas aparentemente inocentes, que usou para colocar na minha alma aquela inquietação divina. Por isso, entendi muito bem esse amor, tão humano e tão divino, de Teresa do Menino Jesus, que se emociona quando, através das páginas de um livro, aparece uma gravura com a mão ferida do Redentor. Coisas desse estilo também aconteceram comigo, que me removeram"[5].

Outras vezes, essa presença amorosa descobre-se através de pessoas ou modos de viver o Evangelho que deixaram a marca de Deus na nossa alma. Porque, embora às vezes seja um acontecimento ou um encontro inesperado que muda as nossas vidas, é muito comum que o nosso chamamento tome forma a partir do que vivemos até àquele momento. Ou ainda, às vezes são algumas palavras da Sagrada Escritura que ferem a alma, nidificam dentro dela e ressoam docemente, talvez até para nos acompanhar por toda a vida. Isto aconteceu, por exemplo, a Santa Teresa de Calcutá com uma das palavras de Jesus na cruz: "Tenho sede" (*Jo* 19, 28); ou a S. Francisco Xavier, para quem esta questão foi decisiva: "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua vida?" (*Mt* 16,26).

Mas talvez o aspeto mais característico dessa inquietação do coração seja que ela toma a forma do que poderíamos chamar uma *simpatia antipática*. Com palavras de S. Paulo VI, o chamamento de Deus é apresentado como "uma voz que é perturbadora e tranquilizante ao mesmo tempo, uma voz doce e imperiosa, uma voz irritante e ao mesmo tempo amorosa" [6]. O chamamento atrai-nos ao mesmo tempo que produz rejeição; impele-nos a abandonar-nos no amor, enquanto nos assustamos com o risco da liberdade: "Resistimo-nos a dizer sim ao Senhor, quer-se e não se quer" [7].

Unir os pontos na oração

Nicodemos vai ter com Jesus impulsionado pela sua inquietação. A figura amável do Senhor já está presente no seu coração: já começou a amá-Lo, mas precisa de se encontrar com Ele. No diálogo que se segue, o Mestre abre-lhe novos horizontes: «Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus.» e convida-o a uma nova vida, a um novo começo; nascer "da água e do Espírito" (*Jo* 3,5). Nicodemos não entende e pergunta simplesmente: e como pode ser isso? (cf. *Jo* 3,9). Nesse encontro face a face com Jesus, pouco a pouco, ir-se-á formando uma resposta sobre quem ele é para Jesus, e quem deve ser Jesus para ele.

Para que a inquietação do coração adquira um significado relevante no discernimento da própria vocação, deve ser lida, valorizada e interpretada na oração, no diálogo com Deus: "Porque acontece isto agora, Senhor? Que me queres dizer? Porquê estes anseios e inclinações no meu coração? Por que é que isto me incomoda e não aos que me rodeiam? Porque me amas tanto? Como fazer o melhor uso destes dons que me deste?" Somente com esta disposição habitual de oração é que se vislumbra o cuidado amoroso de Deus - a Sua Providência - nos acontecimentos da nossa vida, nas pessoas que fomos encontrando, até mesmo na forma como o nosso carácter se foi moldando, com

seus gostos e aptidões. É como se Deus, ao longo do caminho, tivesse colocado alguns pontos que, somente agora, unindo-os na oração, assumem a forma de um desenho reconhecível.

PRIMEIRO E FUNDAMENTAL É APROXIMAR-SE DE JESUS NA ORAÇÃO E APRENDER A VER COM OS SEUS OLHOS A PRÓPRIA VIDA

Bento XVI explicou assim: "O segredo da vocação está no relacionamento com Deus, na oração que cresce precisamente no silêncio interior, na capacidade de ouvir que Deus está próximo. E isso é verdade tanto antes da escolha, ou seja, no momento de decidir e partir, como depois, se se quiser perseverar e ser fiel ao longo do caminho"[8]. Portanto, para aqueles que se interrogam sobre a sua vocação, primeiro e fundamental é aproximar-se de Jesus em oração e aprender a ver com os Seus olhos a própria vida. Talvez aconteça como àquele cego a quem Jesus unge com saliva nos olhos: ao princípio vê tudo turvo; Os homens parecem árvores a andar. Mas deixa que o Senhor insista, e acaba por ver tudo claramente (cf. *Mc* 8,22-25).

O detonador

Dois anos depois desse encontro noturno com Jesus, terá lugar um acontecimento que forçará Nicodemos a assumir uma posição definida e a dar-se a conhecer abertamente como um discípulo do Senhor. Instigado pelos príncipes dos sacerdotes e os fariseus, Pilatos crucifica Jesus de Nazaré. José de Arimateia consegue licença para retirar o Seu corpo e enterrá-Lo. E São João escreve: "Nicodemos, aquele que antes tinha ido ter com Jesus de noite, apareceu também" (*Jo* 19,39). A cruz do Senhor, o abandono dos Seus discípulos e, talvez, o exemplo da fidelidade de José de Arimateia, interpelam pessoalmente Nicodemos e forçam-no a tomar uma decisão: "Outros fazem isto; que vou eu fazer com Jesus?"

Um detonador é uma pequena quantidade de explosivo, mais sensível e menos potente, que é iniciado por meio de um pavio ou de uma faísca elétrica e, portanto, explode a massa principal de explosivo, menos sensível, mas mais poderosa. No processo de procura da vocação, muitas vezes há um acontecimento que, como detonador, atua sobre todas as preocupações do coração, e lhes faz cobrar um sentido preciso, apontando um caminho e encorajando a segui-lo. Este acontecimento pode ser muito diversificado e a sua carga emocional pode ter mais ou menos entidade. O importante, como acontece com a inquietação do coração, é que seja lido e interpretado na oração.

O detonador pode ser uma moção divina na alma, ou o inesperado encontro com o sobrenatural, como aconteceu com o papa Francisco quando tinha cerca de 17 anos. Era um dia de setembro, e preparava-se para sair para festejar com os seus colegas. Mas decidiu passar pela sua paróquia primeiro. Quando chegou, encontrou-se com um padre que não conhecia; impressionou-se com o seu recolhimento, pelo que decidiu confessar-se a ele. «Nessa confissão algo estranho aconteceu comigo, não sei o que foi, mas mudou a minha vida; diria que me surpreenderam com as defesas baixas», evocou passado meio século. E interpretou assim: "Foi a surpresa, o espanto de um encontro; percebi que estavam esperando por mim. Daquele momento em diante, para mim, Deus é o mais importante. Procuramo-Lo, mas Ele procura-nos primeiro»[9].

Outras vezes, o detonador será o exemplo da entrega de um amigo próximo: «o meu amigo entregou-se a Deus, e que tal eu?»; ou o seu amável convite para acompanhá-lo num caminho concreto: aquele «Vem e verás!» (*Jo* 1:46) de Filipe a Natanael. Pode até ser um acontecimento aparentemente trivial, mas cheio de significado para aquele que já tem a inquietação no seu coração. Deus sabe usar até mesmo coisas muito pequenas para remover a nossa alma. Foi o que aconteceu a S. Josemaria quando, no meio da neve, o Amor de Deus saiu ao seu encontro.

Muitas vezes, no entanto, mais do que uma detonação, é uma decantação, que ocorre simplesmente no gradual amadurecimento da fé e do amor, através da oração. Pouco a pouco, quase sem se perceber, com a luz de Deus, chega-se a uma certeza moral sobre a vocação pessoal, e essa

decisão é tomada com o impulso da graça. O Beato John Henry Newman descreveu brilhantemente esse processo, lembrando a sua conversão: "A certeza é instantânea, ocorre num momento específico; a dúvida, no entanto, é um processo. Eu ainda não estava perto da certeza. A certeza é uma ação reflexa: é saber que se sabe. E isso é algo que eu não tive até pouco antes da minha conversão. Mas (...) quem pode dizer o momento exato em que a ideia que se tem, como os pratos da balança, começa a mudar, e o que era mais provável a favor de um lado começa a ser a dúvida?" [10]. Este processo de decantação, no qual uma decisão de entrega é amadurecida pouco a pouco e sem sobressaltos, é na realidade normalmente muito mais seguro do que o provocado pelo relâmpago fulgurante de um sinal externo, que pode facilmente deslumbrar-nos e confundir-nos.

Em qualquer caso, ao dar-se esse ponto de inflexão, não só se clarifica a nossa visão: também a nossa vontade é movida a abraçar esse caminho. Por isso, S. Josemaria escreveu: "Se me perguntarem como se nota o chamamento divino, como nos damos conta, direi que é uma visão nova da vida. É como se se acendesse uma luz dentro de nós; é um impulso misterioso»[11]. O chamamento é luz e impulso. Luz na nossa inteligência, iluminada pela fé, para ler a nossa vida; impulso no nosso coração, inflamado no amor de Deus, para desejar seguir o convite do Senhor, mesmo com aquela *simpatia antipática* característica das coisas de Deus. Portanto, convém que cada um peça "não apenas a luz para ver o seu caminho, mas também a força para se unir à vontade divina" [12].

A ajuda da direção espiritual

Não sabemos se Nicodemos consultou outros discípulos, antes ou depois de ver Jesus. Talvez tenha sido José de Arimateia quem o encorajou a seguir Jesus abertamente, sem temer os outros fariseus. Desta forma, o teria levado ao seu encontro definitivo com Jesus. É precisamente nisso que consiste o acompanhamento ou direção espiritual: poder contar com o conselho de quem caminha conosco; alguém que tenta viver em harmonia com Deus, que nos conhece e nos quer bem.

É verdade que o chamamento é sempre algo entre Deus e eu. Ninguém pode ver a vocação por mim. Ninguém pode decidir por mim. Deus dirige-se a mim, convida-me e dá-me a liberdade de responder, e a sua graça para o fazer... a mim. No entanto, neste processo de discernimento e decisão, é de grande ajuda ter um guia especializado; entre outras coisas, para confirmar que tenho as aptidões objetivas necessárias para empreender esse caminho, e para assegurar a retidão da minha intenção ao tomar a decisão de me entregar a Deus. Por outro lado, como diz o Catecismo, um bom diretor espiritual pode tornar-se um mestre de oração [13]: alguém que nos ajuda a ler, amadurecer e interpretar as ansiedades do coração, inclinações e acontecimentos na nossa oração. Também nesse sentido, o seu trabalho ajudará a esclarecer a própria chamada. Finalmente, é alguém que talvez nos diga um dia, como São João a São Pedro, quando viu à distância o homem que lhes falava da margem: "É o Senhor" (*Jo* 21,7).

COMO SE NOTA O CHAMAMENTO DIVINO? É UMA VISÃO NOVA DA VIDA, COMO SE SE ACENDESSE UMA LUZ (S. JOSEMARIA)

Em todo o caso, o discernimento é, em grande parte, um caminho pessoal; e assim é também a decisão final. O próprio Deus nos deixa livres. Mesmo depois do detonador. Portanto, após o momento inicial, é fácil que surjam dúvidas. Deus não para de nos acompanhar, mas fica a uma certa distância. É verdade que Ele fez tudo e continuará a fazê-lo, mas agora quer que demos o último passo com plena liberdade, com a liberdade do amor. Não quer escravos, quer filhos. E por isso, ocupa um lugar discreto, sem se impor à consciência, quase poderíamos dizer de "observador". Contempla-nos e espera paciente e humildemente pela nossa decisão.

"Conceberás no teu seio e darás à luz um filho" (Lc 1, 31-32). No instante de silêncio que se seguiu ao anúncio do Arcanjo São Gabriel, o mundo inteiro parecia conter a respiração. A mensagem divina tinha sido entregue. A voz de Deus tinha-se deixado ouvir durante anos no coração da Virgem. Mas agora, Deus ficou em silêncio. E esperava. Tudo dependia da resposta livre daquela donzela de Nazaré. «Então Maria disse: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.»(Lc 1,38). Anos depois, ao pé da cruz, Santa Maria receberia das mãos de Nicodemos o cadáver do seu Filho. Que impressão faria neste discípulo recém-chegado ver como, no meio dessa dor imensa, a Mãe de Jesus aceitava e amava mais uma vez os caminhos de Deus: "Faça-se em mim segundo a tua palavra". Como não podemos dar tudo por um amor tão grande?

José Brage

Bibliografia:

- [1] S. Josemaria, *Carta 6.V.1945*, n. 42.
- [2] *Ibidem*.
- [3] J. Ratzinger, *O sal da terra*
- [4] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, *Crónica*, 1974, vol. I, p. 529.
- [5] *En diálogo con el Señor*, edición crítico-histórica, Rialp, Madrid 2017, p. 199.
- [6] S. Paulo VI, Homilia, 14-X-1968.
- [7] S. Josemaria, Notas de una reunião familiar, *Crónica*, 1972, p. 460.
- [8] Bento XVI, Encontro com os jovens em Sulmona, 4-VII-2010.
- [9] S. Rubin e F. Ambrogetti, Papa Francisco. *Conversas com Jorge Bergoglio*, Paulinas Editora, Lisboa 2013.
- [10] Beato J.H. Newman, *Apologia pro vita sua*, Ciudadela, Madrid 2010, p. 215.
- [11] *Carta 9-I-1932*, citado em *O Opus Dei na Igreja*, Lisboa, 1994.
- [12] F. Ocariz, «Luz para ver, força para querer», *Expresso*, 27-X-2018 (transcrito em www.opusdei.pt)
- [13] Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2690.

////////////////////////////////////

Algo grande e que seja amor (VI): Para a música soar

A vocação ao Opus Dei é uma chamada para interpretar uma partitura, tocar uma música de Deus que tem tantas variações quantas as pessoas.



Quando Jesus falava do Reino de Deus, sabia que se tratava de algo muito diferente do que os que O ouviam podiam imaginar; muito diferente também do que tendemos a imaginar hoje. Por isso empregava parábolas: histórias e imagens que, mais do que dar uma definição, convidam a penetrar num mistério. Jesus compara o Reino de Deus, por exemplo, com «um grão de mostarda que, ao ser deitado à terra, é a mais pequena de todas as sementes que existem; mas, uma vez semeado, cresce, transforma-se na maior de todas as plantas do horto e estende tanto os ramos, que as aves do céu se podem abrigar à sua sombra.» (Mc 4,31-32). Um pequeno grão que é enterrado, que desaparece aos olhos dos homens e cai no esquecimento; mas que não para de crescer, enquanto a história segue o seu curso, aparentemente alheia a ela. Cresce, mesmo à noite, quando ninguém a cuida, quando ninguém lhe presta atenção.

Em 2 de outubro de 1928, Deus fez com que S. Josemaria descobrisse na sua alma uma semente que só Ele podia ter colocado: um grãozinho de mostarda que foi chamado a crescer no grande campo da Igreja. Conserva-se uma nota, escrita depois de alguns meses, que recolhe em poucos traços o *código genético* daquela semente: "Cristãos simples. Massa em fermento. O que é próprio de nós é o normal, com naturalidade. Meio: o trabalho profissional. Todos santos! Entrega

silenciosa»[1]. Desde que Deus lhe deu a missão de cuidar dessa semente, S. Josemaria já não viveu para mais nada. E o que era então tudo promessa, tudo esperança, hoje é uma árvore frondosa que acolhe muitas almas e dá sabor a muitas vidas.

O normal é querer ser santo

"Cada santo", escreve o Papa, "é uma missão; (...) é uma mensagem que o Espírito Santo tira da riqueza de Jesus Cristo e dá ao seu povo »[2]. S. Josemaria recebeu uma mensagem e encarnou-a. Ele mesmo se converteu na mensagem, e a sua vida e as suas palavras começaram a interpelar muitas pessoas. «Que a tua vida não seja uma vida estéril. - Sê útil. - Deixa rasto. - Ilumina, com o resplendor da tua fé e do teu amor. Apaga, com a tua vida de apóstolo, o rasto viscoso e sujo que deixaram os semeadores impuros do ódio. - E incendeia todos os caminhos da Terra com o fogo de Cristo que levas no coração.»[3].

Ele tinha esse fogo dentro, como percebeu imediatamente José Luis Múzquiz , um dos primeiros fiéis do Opus Dei a receber a ordenação sacerdotal. No seu primeiro encontro com ele, S. Josemaria falou-lhe de algo que talvez ninguém lhe tivesse proposto antes: ser apóstolo no seu local de trabalho. E imediatamente acrescentou: "não há amor além do Amor; os outros amores são pequenos». Esta frase impressionou profundamente o seu interlocutor: "Via-se que lhe saía do fundo da alma, de uma alma enamorada de Deus. Então os circuitos mentais que tinha acabaram de fundir-se»[4].

Numa missa de ação de graças pela beatificação desta alma enamorada, o então cardeal Ratzinger explicou, com esse misto de simplicidade e profundidade tão seu, como "o significado da palavra "santo" tem sofrido ao longo dos tempos um estreitamento perigoso, que, sem dúvida, continua a influenciar ainda hoje. Faz-nos pensar nos santos que vemos representados nos altares, em milagres e virtudes heroicas, e sugere que a santidade é para uns poucos escolhidos, entre os quais não nos podemos incluir. Então deixamos a santidade para esses poucos, cujo número desconhecemos, e conformamo-nos simplesmente em ser como somos. No meio desta apatia espiritual, Josemaria Escrivá atuou como um despertador, clamando: Não, a santidade não é o extraordinário, mas o comum, o normal para cada batizado. A santidade não consiste em certos heroísmos impossíveis de imitar, mas tem mil formas e pode tornar-se realidade em qualquer lugar e profissão. É a normalidade »[5].

O natural, então, para um cristão, é querer ser santo. Por isso, desde muito cedo, S. Josemaria escreveu: «Os santos não foram seres disformes, casos de estudo para um médico modernista. Foram e são normais; de carne, como a tua. - E venceram.»[6]. O chamamento ao Opus Dei supõe uma tomada de consciência desta normalidade da santidade; o desejo de se tornar "intérpretes" desta mensagem simples, desta música. Existem, com efeito, as "partituras": a vida e a pregação de S. Josemaria; a proclamação do chamamento universal à santidade, por parte do Concílio Vaticano II [7]; o recente Magistério dos Papas, que desenvolve este ensinamento ... e, acima de tudo, o Evangelho [8]. Há, então, as partituras; mas é necessário que a música soe em todos os cantos do mundo, com uma infinidade de variações que ainda estão para ver a luz: as vidas concretas de muitos cristãos.

Tão perto que vivamos com Ele

Ao inspirar o Opus Dei, o Senhor deu à sua Igreja um caminho, uma espiritualidade "projetada" para encarnar em todo o tipo de paisagens quotidianas, para se fundir com o trabalho e a vida normal de pessoas muito diferentes. Esta mensagem está exposta e anotada por S. Josemaria em numerosos escritos, homilias, encontros familiares, viagens de catequese, etc., em todos os quais ressoa a afirmação de um dos pontos de Sulco: "De longe - além, no horizonte - parece que o céu se

une à terra. Não te esqueças de que, na realidade, onde a Terra e o Céu se unem é no teu coração de filho de Deus." [9]. Portanto, embora a vocação para as pessoas do Opus Dei encha as pessoas de iniciativa, de vontade de melhorar o seu ambiente, não as leva fundamentalmente a fazer coisas, ou a fazer mais coisas que as que já fazem. Leva-as sobretudo a fazê-las de outro modo, estando com Deus em tudo o que fazem, procurando compartilhar tudo com Ele.

«Filhos, seguir a Cristo (...) é a nossa vocação. E segui-l'O tão de perto que vivamos com Ele, como os primeiros Doze; tão perto que nos identifiquemos com Ele, que vivamos a Sua Vida, até que chegue o momento em que não tenhamos colocado obstáculos, em que possamos dizer com São Paulo: não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim (*Gal 2,10*).» [10].

Um dos primeiros supranumerários lembra-se da sua surpresa quando o Fundador da Obra lhe disse: «Deus chama-te por caminhos de contemplação». Para ele, que era casado e tinha filhos, e que tinha que lutar para levar a sua família avante, foi "uma verdadeira descoberta" [11]. Noutra ocasião, S. Josemaria aconselhou: "Fala, fala ao Senhor:" Canso-me, Senhor, não aguento mais. Senhor, isto não sai; Como o farias? "» [12]. Isso, precisamente, é a contemplação no meio do mundo: um olhar profundo e afetuoso para a realidade, alimentado pelo olhar de Deus, por um diálogo contínuo com Ele. S. Josemaria resumia este belo desafio numa frase redonda: "quanto mais dentro do mundo estivermos, tanto mais temos de ser de Deus." [13]. E essa proximidade, essa intensa amizade com Ele, é a raiz da qual brotam dois traços que, embora não sejam exclusivos da vocação à Obra, têm um relevo particular para os cristãos que Deus chama por este caminho: o chamamento a ser apóstolos, a dar a conhecer a Cristo, e a missão de transformar e reconciliar o mundo com Deus através do seu trabalho.

Antes de nos determos neles, porém, surge uma questão lógica: se, como S. Josemaria pregou durante toda a sua vida, e o Papa nos lembrou recentemente, a santidade é para todos; se o Senhor ordena a todos os cristãos que comuniquem o Evangelho, qual é então a especificidade da vocação ao Opus Dei como resposta ao chamamento para encontrar Deus no meio do mundo? É relativamente simples de explicar se tivermos em conta que as várias vocações cristãs são determinações, modalidades ou canais da vida e vocação comunicadas pelo batismo. Concretamente, "a vocação ao Opus Dei *recolhe, acolhe, dá corpo* à entrega ou dedicação a Deus e aos outros que é reclamada pela vocação cristã; o único que se *acrescenta* de peculiar é, precisamente, o *caminho*: que essa dedicação se leva a cabo formando parte de uma instituição concreta da Igreja (o Opus Dei): com uma determinada espiritualidade e com meios formativos e apostólicos precisos" [14], que visam em especial servir a Deus e aos outros através do trabalho e das coisas normais de todos os dias. Por outras palavras: quem descobre e acolhe o seu chamamento ao Opus Dei decide dar a vida pelos outros (que é a essência da vida cristã), e conta com um caminho para acometer esse desafio, pela mão de Deus e com a ajuda de uma grande família. E é por isso que está disposto a fazer tudo o que puder da sua parte para que este carisma alimente a sua vida interior, ilumine a sua inteligência, enriqueça a sua personalidade... de modo que possa efetivamente encontrar Deus na sua vida e, ao mesmo tempo, compartilhar esse achado.

A iluminação divina do 2 de outubro de 1928, e outras que se lhe seguiram, mostraram a S. Josemaria que deveria dedicar a sua vida a promover entre todos os cristãos correntes - homens e mulheres que vivem no mundo, dedicados às mais diversas tarefas humanas - a consciência de que todos são chamados à santidade e ao apostolado. E a fazê-lo, promovendo uma instituição, o Opus Dei, composta de cristãos comuns que, acolhendo o chamamento divino para tornar este ideal seu, dessem testemunho com as suas próprias vidas não apenas da sua grandeza, mas também da possibilidade, com a ajuda da graça, de procurar levá-lo à prática, mesmo com as suas próprias limitações.

Todos os que tiverem o coração grande

No caminho de Betânia para Jerusalém, Jesus sente fome. Procura algo para comer e

aproxima-Se de uma figueira (Mt 21,18). «Aproxima-se de ti e aproxima-se de mim. Jesus tem fome e sede de almas. Do alto da cruz clamou: *sitio!*, tenho sede. Sede de nós, do nosso amor, das nossas almas e de todas as almas que lhe devemos levar pelo caminho da Cruz, que é o caminho da imortalidade e da glória do Céu.»[15].

A vocação à Obra supõe um forte "contágio" dessa *fome e sede* de Deus. Quando S. Josemaria se esforçava para levar para a frente a primeira residência da Obra, houve quem o aconselhasse a que não se precipitasse. Num retiro, anotava: "Pressa. Não é pressa. É que Jesus empurra»[16]. Urgia-o, como a S. Paulo, o amor de Cristo (Cf 2 Cor 5, 14). E com essa mesma serena urgência, quer Deus que batamos à porta de cada um e de cada uma: "Dá-te conta, quem quer que sejas, de que és amado!" [17]. E isso com normalidade, com naturalidade, querendo e deixando-nos ser queridos por todos, ajudando, servindo, transmitindo o que sabemos, aprendendo, compartilhando desafios e trabalhos, problemas e angústias, criando laços de amizade ... Onde nascemos, onde trabalhamos, onde descansamos, onde compramos, podemos ser fermento, sal, luz do mundo.

Deus não chama à Obra super-heróis. Chama pessoas normais, desde que tenham um coração grande e magnânimo, um coração em que caibam todos. Assim o vislumbrava já S. Josemaria num texto dos primeiros anos, pensando naqueles que poderiam receber o chamamento de Deus para a Obra: "não têm lugar: os egoístas, nem os cobardes, nem os indiscretos, nem os pessimistas, nem os tímidos nem os tolos, nem os preguiçosos, nem os tímidos nem os frívolos. Cabem: os enfermos, prediletos de Deus, e todos os que tiverem um grande coração, mesmo que as suas fraquezas tenham sido maiores "[18]. Em resumo, quem descobre que Deus os chama ao Opus Dei pode ser uma pessoa com defeitos, com limitações, com misérias; mas também com grandes ideais, com ânsias de amar, de pegar o amor de Deus aos outros.

Amar o mundo como Deus o ama

"Tanto amou Deus o mundo - lemos no Evangelho de S. João -, que lhe entregou o Seu Filho Unigênito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna. " (Jo 3,16). Deus ama *apaixonadamente* o mundo que criou, que não só não é um obstáculo para a santidade, mas é o seu lugar de origem. E a mensagem da Obra traz na sua entranha esta convicção: podemos ser santos não *apesar* de viver no mundo, mas precisamente *por ocasião* disso, profundamente *imersos* nele. Porque o mundo, essa misteriosa amálgama de grandezas e misérias, de amor e de ódio, de rancor e perdão, de guerras e paz, "espera a manifestação dos filhos de Deus" (Rm 8,19).

Para falar da nossa relação com o mundo, o Génesis usa dois verbos: "guardar" e "cultivar" (cf. Gn 2,15). Com o primeiro, que também é usado para exprimir o cumprimento dos mandamentos, o Senhor torna-nos responsáveis pelo mundo; diz-nos que não podemos usá-lo de maneira despótica. Com o segundo, «cultivar», que significa tanto «trabalhar» (geralmente a terra) como «dar culto» (cf. Nm 8,11), Deus une o trabalho ao culto: trabalhando não só nos realizamos, mas também damos um culto agradável a Deus, porque amamos o mundo como Ele o ama. Santificar o trabalho é, portanto, em suma, tornar o mundo mais belo, abrir espaço nele para Deus.

Ele mesmo quis guardar e cultivar o mundo que saiu das Suas mãos de Criador, trabalhando com mãos de homem, de criatura. Se durante séculos os anos da vida oculta do Senhor na oficina de Nazaré se perceberam como anos de obscuridade, sem brilho, à luz do espírito da Obra tornam-se "claros como a luz do sol" (...), resplendor que ilumina os nossos dias e lhes dá uma autêntica projeção »[19]. É por isso que S. Josemaria animava os seus filhos a meditar com frequência neste trabalho, que nos recorda o crescimento do grão de trigo, oculto e silencioso. Foi assim que Jesus cresceu - Ele próprio se compararia mais tarde ao grão de trigo (cf. Jo 12,24) - na oficina de José e da sua Mãe, naquela oficina-lar.

A vida simples da Sagrada Família mostra como há trabalhos que, embora pareçam humildes a um olhar terreno, aos olhos de Deus têm um valor imenso, pelo amor, pelo cuidado e pelo desejo

de ser útil que se põe neles. Portanto, "santificar o trabalho não é fazer algo santo enquanto se trabalha, mas precisamente fazer o próprio trabalho santo" [20]. Desta forma, "o trabalho humano bem acabado foi feito colírio, para descobrir Deus (...) em todas as coisas. E isso aconteceu precisamente no nosso tempo, quando o materialismo se empenha em transformar o trabalho num barro que cega os homens e os impede de olhar para Deus" [21].

Para dar fruto, o grão precisa de se esconder, desaparecer. Foi assim que S. Josemaria viu a sua vida: "ocultar-me e desaparecer é que é próprio de mim, que só Jesus brilhe" [22]. E assim também quer Deus que vejam a sua vida todos os homens e mulheres que Ele chama e continuará a chamar à Obra. Como os primeiros cristãos: pessoas normais e correntes que, se fizeram barulho, não o faziam para receber aplausos, mas para que Deus pudesse brilhar. Pessoas que, acima de tudo, "viveram de Cristo e deram a conhecer Cristo (...): semeadores de paz e alegria, da paz e da alegria que Jesus nos trouxe" [23].

Eduardo Camino / Carlos Aixelá

Bibliografia:

- [1] *Apontamentos íntimos*, n. 35, em P. Rodríguez, F. Ocáriz, J.L. Illanes, *O Opus Dei na Igreja*, Ed. Rei dos Livros, Lisboa 1994.
- [2] Francisco, Ex. ap. *Gaudete et exsultate* (19-III-2018), n. 21.
- [3] S. Josemaria, *Caminho*, n. 1.
- [4] *Caminho*, edição crítico-histórica, comentario al n. 417.
- [5] J. Ratzinger, Homília, 19-V-1992, citada em *Romana*, n. 14 (1992) p. 48.
- [6] *Caminho*, n. 133.
- [7] Concílio Vaticano II, Const. dogm. *Lumen gentium* (21-X-1964), n. 40.
- [8] Cf. João Paulo II, Ex. Ap. *Christifideles laici* (30-XII-1988), nn.16-17; Bento XVI, Audiência, 13-IV-2011; e, mais recentemente, a exortação apostólica *Gaudete et exsultate* (19-III-2008) do Papa Francisco.
- [9] S. Josemaria, *Sulco*, n. 309
- [10] *En diálogo con el Señor*, edição crítico-histórica, Rialp, Madrid 2017, p. 101.
- [11] V. García Hoz, "Mi encuentro con Monseñor Escrivá de Balaguer", em R. Serrano (ed.) *Así le vieron*, Rialp, Madrid, 1992, p. 83.
- [12] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar em Valladolid, 22-X-1972 (recolhidas no documentário "El corazón del trabajo").
- [13] S. Josemaria, *Forja*, n. 740.

- [14] F. Ocáriz, “*A vocação ao Opus Dei como vocação na Igreja*”, em *O Opus Dei na Igreja*, Ed. Rei dos Livros, Lisboa, 1994, p. 168.
- [15] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 202.
- [16] Apontamentos íntimos, n. 1753, citado em Vázquez de Prada, A. *O Fundador do Opus Dei (I)*, Ed. Verbo, Lisboa 2002
- [17] S. João Paulo II, *Atravessar o Limiar da esperança*, Planeta, Lisboa 1994
- [18] S. Josemaria, *Instrucción*, 1-IV-1934, n. 65.
- [19] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 14.
- [20] F. Ocáriz, *Naturaleza, gracia y gloria*, Eunsa 2000, p. 263.
- [21] Beato Álvaro del Portillo, *Carta*, 30-IX-1975 (AGP, biblioteca, P17, 1991, vol. II, p. 63)
- [22] S. Josemaria, *Carta*, 28-I-1975, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaria*, vol. 2, Rialp, Madrid 2011, p. 301.
- [23] *Cristo que passa*, n. 30.



Algo grande e que seja amor (VII): Quem dá a vida pelos seus amigos

O segredo de um coração em celibato : deixar um amor na terra para encher o mundo inteiro com a luz do amor de Deus.



«E Deus criou o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou, homem e mulher os criou» (*Gn 1,27*). Assim conta o primeiro relato do Génesis a origem do homem e da mulher: Deus cria-os ao mesmo tempo. Ambos têm a mesma dignidade, porque são a Sua imagem viva. O segundo relato detém-se novamente neste acontecimento (*Gn 2,7-25*), mas fá-lo como que em câmara lenta: Deus cria primeiro o varão e coloca-o no jardim do Éden. O mundo reflete beleza em todos os seus detalhes: o céu, as águas do mar, os rios que cruzam as montanhas e as árvores de todo o tipo de espécies. Um cenário maravilhoso perante o qual, no entanto, Adão se sente sozinho.

Para o tirar dessa solidão, o Senhor cria toda a variedade de criaturas vivas que habitam o Paraíso: os pássaros do céu, os peixes que sulcam os mares, os animais terrestres. Mas nada disso parece ser suficiente para o homem. É então que Deus decide conceder-lhe uma "ajuda adequada" (*Gn 2,18*) e, da própria costela do homem, Ele cria a mulher. Adão encontra finalmente uns olhos que lhe devolvem um olhar semelhante ao dele: "Esta sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne" (*Gn 2,23*). Este encontro enche-o de alegria, mas acima de tudo, ilumina a sua identidade: diz-lhe quem ele é, de uma forma nova. Faltava ao homem alguma coisa, que só alguém igual a ele lhe podia dar.

«Não é bom que o homem esteja só»

Estas páginas do *Génesis* contêm verdades fundamentais sobre o ser humano. E revelam-nas de forma narrativa, com uma linguagem simbólica, mais do que com uma reflexão teórica. A solidão de Adão tem, portanto, um profundo significado antropológico. S. João Paulo II dizia que todo o homem e toda a mulher participam dessa *solidão originária*. E nalgum momento da sua vida têm que enfrentar-se com ela [1]. Quando Deus diz "não é bom que o homem esteja só" (*Gn 2,18*), refere-se realmente a ambos [2]. Tanto o homem como a mulher precisam de ajuda para sair dessa solidão, de um caminho para caminharem juntos até à plenitude que lhes falta. E isso é o casamento.

Quando, séculos depois, Jesus vier a lembrar aos fariseus como eram as coisas "no princípio", vai referir-se precisamente a esta passagem da Bíblia (cf *Mt 19,1-12*). O casamento cristão é uma chamada de Deus que convida um homem e uma mulher a caminharem juntos em direção a Ele. E não apenas juntos, mas também *um através do outro*. O cônjuge é, para uma pessoa casada, caminho imprescindível para Deus. Um caminho em que a carne se torna cenário de comunhão e de entrega por amor, matéria e espaço de santificação. O amor matrimonial é assim um encontro de corpos e almas que embeleza e transfigura o afeto humano: com a graça do sacramento, dá-lhe um alcance sobrenatural.

QUEM VIVE O CELIBATO É PAI OU MÃE DE MUITOS FILHOS, PORQUE «A PATERNIDADE É DAR VIDA AOS OUTROS» (PAPA FRANCISCO)

O amor entre um homem e uma mulher aponta, ao mesmo tempo, para além de si mesmo. Quando é verdadeiro, é sempre um *caminho para Deus*, não uma meta. A meta continua a ser a plenitude que só se encontra n'Ele. Por isso, não tem nada de estranho que uma pessoa casada possa às vezes sentir essa solidão originária. Contudo, tal sentimento não significa, como às vezes se apresenta, que o amor tenha acabado, e que possa começar outra história, porque essa nova história também não seria suficiente. Pelo contrário, tal solidão é um sinal de que o coração humano tem uma sede que só pode ser completamente saciada no Amor infinito de Deus.

A psicologia de quem sabe que não está sozinho

Nesse mesmo diálogo sobre o casamento, depois de recordar o ensinamento do Génesis, Jesus dá um passo em frente. A entrega mútua do homem e da mulher é um formoso caminho que leva a Deus. Mas não é o único caminho possível. O Senhor fala daqueles que, por um dom especial, renunciaram ao matrimónio "pelo Reino dos Céus" (*Mt 19,12*). Ele mesmo percorreu esse caminho: permaneceu celibatário. Na Sua vida, não tinha razão de ser uma mediação para Deus: "o Pai e Eu somos um" (*Jo 10,30*), "Eu estou no Pai e o Pai em Mim" (*Jo 14,11*). E Jesus não só percorreu esse caminho, mas quis Ele mesmo tornar-Se o Caminho para que muitas outras pessoas pudessem amar dessa maneira, que "só pode ter sentido a partir de Deus" [3].

A História da Igreja está cheia de histórias de pessoas que acolheram a chamada de Jesus para se identificarem com Ele também neste aspeto: uma característica muito própria de Jesus, que pertence à entranha da Sua vida, embora não seja, naturalmente, para todos os cristãos. Aqueles que responderam à chamada ao celibato, já desde os primeiros séculos, não desprezavam o casamento. Talvez até esse outro caminho tivesse chegado a entusiasamá-los tanto como o que iam empreender. Mas precisamente por isso, porque percebiam a vida conjugal como uma realidade boa e bela, eles podiam entregar esse projeto a Deus com uma alegria radiante. "Só entre os que compreendem e valorizam em toda a sua profundidade (...) [o] amor humano", escreve S. Josemaria, "pode surgir essa outra compreensão inefável de que Jesus falará (cf. *Mt 19,11*), que é um puro dom de Deus, e que impele a entregar o corpo e a alma ao Senhor, para Lhe oferecer o coração indiviso, sem a

mediação do amor terreno "[4]. De certa forma, àqueles a quem Deus chama ao celibato, leva-os a descobrir a fonte e a meta de todo o amor autêntico. Eles são alcançados de uma maneira especial pelo Amor que encheu o coração de Jesus e que foi derramado na Sua Igreja.

O celibato é pois um caminho que reflete a gratuidade do amor d'Aquele que dá sempre o primeiro passo (1 Jo 4,19). Mesmo que possa parecer que os celibatários reduzem a sua liberdade ao oferecerem a Deus a possibilidade de construir uma família, na realidade ampliam-na: o seu abandono nas mãos de Deus, a disposição de deixar por Ele «casa, irmãos ou irmãs, pai ou mãe, filhos ou terras "(Mt 19,29) torna-os, de modo particular," livres para amar "[5]. Como uma pessoa casada, devem guardar os seus corações, para que o amor que têm dentro deles não se desvie de Deus, e para o poderem dar aos outros. Contudo, a sua dedicação não se concentra na pessoa do cônjuge, mas em Cristo, que os envia a todo o mundo, para transmitirem "o bater do Seu Coração amabilíssimo" [6] às pessoas concretas que os rodeiam.

O CELIBATO É UM CAMINHO QUE REFLETE A GRATUIDADE DO AMOR DE DEUS, QUE É QUEM DÁ SEMPRE O PRIMEIRO PASSO

Assim foi a vida de Jesus. Ele não se sentia só, porque se sabia sempre acompanhado pelo Seu Pai: «Dou-Te graças, ó Pai, porque me ouviste. Eu sei que sempre me ouves» (Jo 11,41-42). Para nós, porém o risco da solidão permanece. Mas quando Cristo preenche realmente o coração de uma pessoa, ela já não está sozinha. Por isso, S. Josemaria dizia que Deus lhe tinha dado "a psicologia de quem nunca se encontra só, nem humana nem sobrenaturalmente só" [7]. Nalgumas linhas, em que se percebe o sabor do vivido, escreveu: "O coração humano tem um coeficiente de dilatação enorme. Quando ama, dilata-se num *crescendo* de carinho que supera todas as barreiras. Se amas o Senhor, não haverá criatura que não encontre lugar no teu coração "[8].

João, um coração virginal

Na Última Ceia, algumas horas antes de entregar a sua vida, Jesus abre o coração aos Apóstolos: "Ninguém tem maior amor", diz Ele, "do que aquele que dá a vida pelos seus amigos" (Jo 15,13). Estas palavras, que concentram todo o Seu amor pelos homens, são também um chamamento. Por isso, o Senhor diz aos Seus Apóstolos: "a vós, chamo-vos amigos" (Jo 15,15). Eles são, como todos os homens, destinatários do Seu amor "até ao extremo" (Jo 13,1), mas são também amigos de um modo especial. "O Amigo" convida-os a fazer como Ele [9]: a dar também a vida pelos seus amigos. Estas palavras estão, indubitavelmente, na origem de toda a vocação cristã, mas sempre ressoaram de maneira especial nos corações daqueles que O seguiram deixando tudo.

A Cruz será o lugar da maior manifestação do Amor: nessa cena sublime, com a ajuda de Maria e das santas mulheres, emerge a figura do apóstolo João. " À hora da verdade, todos hão-de fugir, exceto João, que O amava com obras e de verdade. Só este adolescente, o mais jovem dos Apóstolos, permanece junto da Cruz. Os outros não sentiam esse amor tão forte como a morte "[10]. Desde o amanhecer da adolescência, o amor a Jesus tinha ressoado no seu coração. Sabemos como guardava na sua memória a recordação do dia em que encontrou o Senhor: «João cruzou o seu olhar com o de Cristo, seguiu-O e perguntou-lhe: *Mestre, onde moras?* Foi com Ele, e esteve com o Mestre o dia todo. Depois conta-o, no passar dos anos, com uma naturalidade encantadora, como um adolescente que escreve um diário em que abre o seu coração e regista até a hora: *hora autem erat quasi decima...* Lembra-se mesmo do exato momento em que Cristo olhou para ele, de quando Cristo o atraiu, de quando ele não resistiu a Cristo, de quando se apaixonou por Cristo »[11].

Podemos imaginar como Jesus, na Cruz, se teria comovido ao ver o jovem discípulo que "na Ceia se tinha apoiado sobre o Seu peito" (Jo 21,20). Talvez não tenha sido uma surpresa para Ele encontrar a Sua mãe. De um modo ou de outro, sempre tinha permanecido ao Seu lado. Uma mãe apoia sempre o filho. Mas ao lado dela, o olhar do Senhor descobre um amigo: João. No meio da

angústia daquela hora, os seus olhos encontram-se. Que alegria tão grande deve ter trazido ao coração do Senhor! E é precisamente então, diz-nos o Evangelho, ao vê-lo junto da Sua Mãe, que o Senhor introduz João na relação única que existia entre Maria e Ele: "Jesus, vendo a Sua Mãe e o discípulo a quem amava, junto d'Ela, disse à Mãe: "Mulher, aqui tens o teu filho. E depois disse ao discípulo: "Aqui tens a tua Mãe" (Jo 19, 26-27).

«O AMIGO» CONVIDA-OS A FAZER COMO ELE: A DAR TAMBÉM A VIDA PELOS SEUS AMIGOS

Anos mais tarde, João escreveria: "Nós amamos o Senhor, porque Ele nos amou primeiro" (1 Jo 4,19). Esta declaração surpreendente nasce da sua experiência pessoal. João sabia-se profundamente amado por Jesus. Era uma realidade que o preenchia e que dava um sentido novo à sua existência: levar esse mesmo amor a todo o mundo. «João, dizia o Bem-Aventurado John Henry Newman, teve o privilégio indescritível de ser *o amigo de Cristo*. E assim aprendeu a amar os outros. Primeiro, o seu afeto esteve concentrado, e depois pôde expandir-se. Teve além disso o encargo solene e reconfortante de cuidar da Mãe de Nosso Senhor, a Santíssima Virgem, depois da Sua partida. Não descobrimos aqui as fontes secretas do seu especial amor pelos seus irmãos? Aquele a quem o Salvador favoreceu com o Seu afeto, para lhe confiar também a missão de filho da Sua própria Mãe, não poderia deixar de ser um memorial e um modelo (tanto quanto um homem pode ser) de amor profundo, contemplativo, fervoroso, sereno, ilimitado »[12].

Despertar corações

A entrega total do coração a Deus não surge simplesmente de uma decisão pessoal: é um dom, o dom do celibato. Da mesma forma, não é uma renúncia que o define, mas o amor que nasce de uma descoberta: «O Amor... bem vale um amor!» [13]. O coração pressente um Amor incondicional, um Amor que estava à sua espera... e quer entregar-se a Ele com essa incondicionalidade, exclusivamente. Não apenas para o experimentar, mas para *o dar* também a muitas outras pessoas. Como S. João, que não só desfrutou do amor de Jesus, mas procurou que esse mesmo Amor se difundisse por todo o mundo. Para o discípulo amado, essa era a consequência natural: "Se Deus nos amou assim, também nós devemos amar-nos uns aos outros" (1Jo 4,11).

Às vezes, o celibato associa-se fundamentalmente à dedicação do tempo, como se essa entrega total se resumisse a uma questão de eficácia: para organizar certas obras de apostolado, para não ter outros compromissos... Mas essa perspetiva é redutora. O celibato não nasce de considerações práticas sobre a disponibilidade para a evangelização, mas sim de um chamamento de Cristo. É um convite a viver de modo particular o estilo de vida do Seu coração: a amar como Cristo, a perdoar como Cristo, a trabalhar como Cristo. Mais ainda, a ser o próprio Cristo - *ipse Christus* - para todas as almas. Portanto, "as razões simplesmente pragmáticas, a referência a uma maior disponibilidade, não bastam. Essa maior disponibilidade de tempo poderia facilmente tornar-se também uma forma de egoísmo, que se poupa aos sacrifícios e às fadigas exigidas pelo aceitar-se, pelo suportar-se reciprocamente no casamento. Poderia assim levar a um empobrecimento espiritual ou a uma dureza de coração»[14].

O celibato não é, portanto, uma solidão numa torre de marfim, mas uma chamada a acompanhar, a despertar corações. Quantas pessoas existem no mundo que não se sentem importantes, que pensam que a sua vida não é valiosa, e que às vezes caem em comportamentos estranhos, porque estão basicamente à procura de um pouco de amor! Quem recebe o dom do celibato sabe que está no mundo também para se aproximar de todas essas pessoas e lhes mostrar o amor de Deus: para lhes recordar o seu valor infinito. Assim, o coração célibe é fecundo, assim como é fecundo o Coração redentor de Jesus. Perante cada pessoa, procura descobrir o mesmo bem que o Senhor sabia descobrir em quem se aproximava d'Ele. Não vê uma pecadora, um leproso, um

publicano desprezível... mas sim a maravilha de uma criatura amada por Deus, escolhida por Deus, de grande valor.

O CELIBATO É UM CONVITE A VIVER O ESTILO DE VIDA DO CORAÇÃO DE CRISTO: SER IPSE CHRISTUS PARA TODAS AS ALMAS

Assim, embora quem vive o celibato não tenha filhos naturais, torna-se capaz de uma paternidade profunda e real. É pai - ou mãe - de muitos filhos, porque "paternidade é dar a vida aos outros" [15]. Sabe que está no mundo para *cuidar* dos outros, mostrando-lhes, com a sua própria vida e com a sua palavra amiga, que só Deus pode saciar a sede que experimentam. «O nosso mundo (...), onde Deus, no melhor dos casos, entra como hipótese, mas não como uma realidade concreta, precisa de confiar em Deus da maneira mais concreta e radical possível. Precisa do testemunho que de Deus dá quem decide acolhê-Lo como o solo em que a sua própria vida se fundamenta. É exatamente por isso que hoje, no nosso mundo atual, o celibato é tão importante, mesmo que a sua vivência, na nossa época, se veja continuamente ameaçada e posta em questão "[16].

Um dom chamado a crescer no dia a dia

O dom divino do celibato não é como a magia- um feitiço que transforma a realidade imediatamente e para sempre. Deus concede-o, isso sim, como uma semente que deve crescer gradualmente e em *boa terra*. O celibato é, como toda a vocação, dom e tarefa. É caminho. Portanto, não basta a decisão de se entregar em celibato pelo reino dos Céus para que o coração se transforme automaticamente. É preciso um esforço contínuo para arrancar as ervas daninhas, para se livrar de insetos e parasitas. A graça divina atua sempre na natureza sem a negar nem a ultrapassar. Por outras palavras, Deus conta com a nossa liberdade e com a nossa história pessoal. E é precisamente aí, nesse cenário de barro e graça, que silenciosamente cresce o maravilhoso dom de um coração virginal. Aí cresce... ou aí se deixa perder.

Como o filho mais novo da parábola, mesmo aqueles que são chamados a uma maior intimidade com Deus podem um dia sentir-se enfastiados, vazios. Aquele jovem decidiu ir-se embora para um lugar distante (cf. *Lc 15,13*), porque sentia um vazio interior na casa do seu pai. E precisou de tocar no fundo para finalmente abrir os olhos e se aperceber do estado de escravidão em que caíra. É interessante notar que, de acordo com o texto do Evangelho, a razão pela qual ele regressou não foi muito espiritual: tinha fome, fome biológica, física. Sentia a falta do pão mole da casa do pai. Quando finalmente voltou, o pai estava à espera dele e, "correndo ao seu encontro, lançou-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos" (*Lc 15,20*). O filho tinha imaginado quase um julgamento formal (cf. *Lc 15,18-19*)... mas em vez disso, encontra um abraço cheio de vida. Descobre, talvez com mais clareza do que nunca, a sua identidade mais profunda: ele é o *filho* de um pai tão bom.

Outras vezes o tédio pode tomar uma forma mais insidiosa: pode acontecer que, ficando na casa do pai, um filho se sinta mais servo do que filho, como o irmão mais velho da parábola, que "morava em sua casa, mas não era livre, porque o seu coração estava fora "[17]. Em ambos os casos, o caminho para sair da tristeza é voltar os olhos para o Pai e para o amor que nos tem. É Deus que sacia a fome da alma, com o Pão da Eucaristia, no qual encontramos Aquele que se fez um de nós, para que O possamos amar, como Amigo. Aí podemos saciar-nos e manter assim o coração aceso, num amor que é "forte como a morte" (*Ct 8,6*).

João permaneceu junto da Cruz de Jesus, e esteve também presente na Sua Ascensão aos Céus, "naquele dia em que uma aparente despedida foi verdadeiramente o começo de uma nova proximidade" [18]. O Mestre tinha que se separar fisicamente dos Seus discípulos, a quem Ele amara até ao extremo, para os poder amar ainda de mais perto: perto deles e de cada uma das pessoas que

acreditariam n'Ele. Este é o segredo de um coração virginal: deixar um amor da terra para encher o mundo inteiro com a luz do Amor de Deus.

Carlos Villar

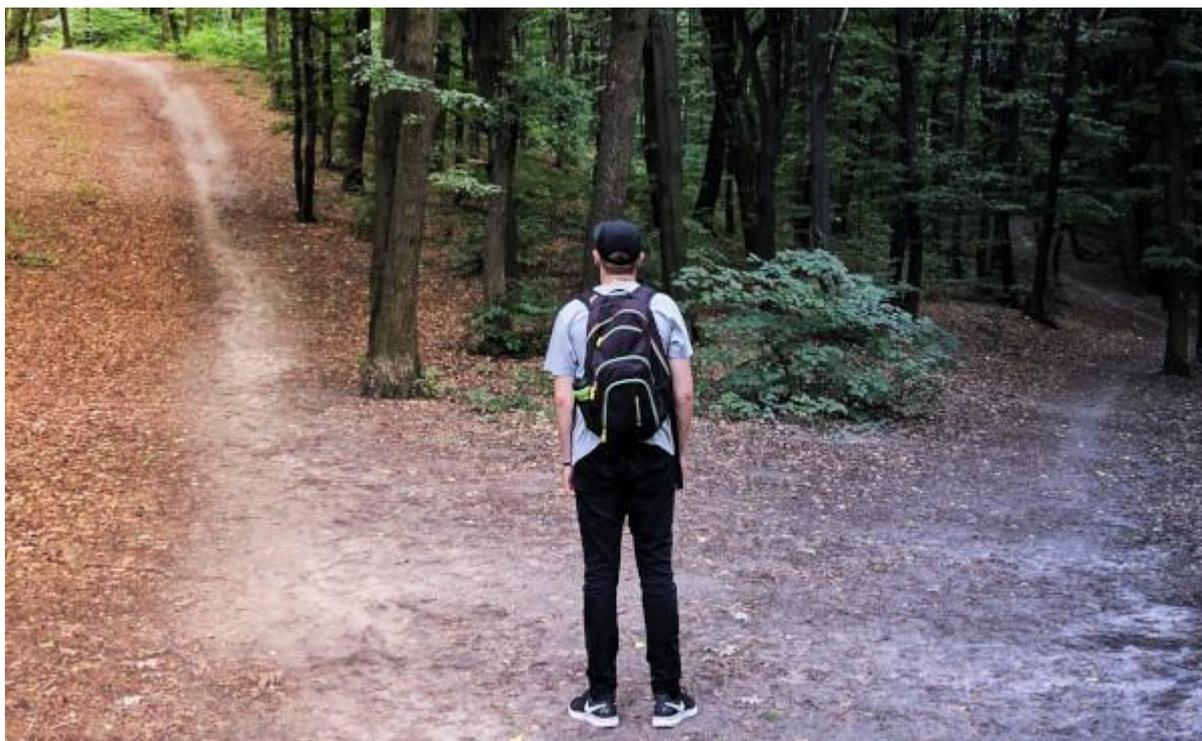
Bibliografia:

- [1] Cf. S. João Paulo II, *Audiência Geral*, 10-10-1979; 24-10-1979; 31-10-1979.
[2] Cf. S. João Paulo II, *Audiência Geral*, 10-10-1979, nº 2.
[3] Bento XVI, *Discurso à Cúria Romana*, 22-12-2006.
[4] S. Josemaria, *Temas Atuais do Cristianismo*, nº 122.
[5] F. Ocáriz, *Carta*, 14-2-2017, nº 8.
[6] S. Josemaria, *Caminho*, nº 884.
[7] S. Josemaria, *En diálogo con el Señor*, edição histórico-crítica, Rialp, Madrid 2017, p. 185.
[8] S. Josemaria, *Via Sacra*, 8ª Estação, nº 5.
[9] Assim chamava às vezes S. Josemaria a Jesus: «o Amigo». Cf. *Caminho*, nº 422; *Cristo que passa*, nº 93.
[10] S. Josemaria, *Cristo que passa*, nº 2 (cf. *Ct* 8.6).
[11] S. Josemaria, Notas de um encontro com os jovens, 6-8-1974 (AGP, biblioteca, P04, vol.II, p. 113).
[12] Newman, J.H. “Love of Relations and Friends”, *Parochial and Plain Sermons* 2, sermão 5.
[13] *Caminho*, nº 171.
[14] Bento XVI, *Discurso à Cúria Romana*, 22-12-2006.
[15] Francisco, *Homilia em Santa Marta*, 26-6-2013.
[16] Bento XVI, *Discurso à Cúria Romana*, 22-12-2006.
[17] F. Ocáriz, *Carta*, 9-1-2018, nº 9.
[18] J. Ratzinger, “El comienzo de una nueva cercanía”, en *El resplandor de Dios en nuestro tiempo*, Barcelona: Herder, 2008, p. 185.



Algo grande e que seja amor (VIII): Vou acertar?

Quando entra a inquietação no coração sobre um caminho possível, é natural duvidar e sentir medo: Deus procura-nos e nós, apesar da nossa fragilidade, desejamos viver com Ele e para Ele.



Os Apóstolos ficaram pensativos depois de contemplar o encontro de Jesus com o jovem rico e o seu resultado: o rapaz "foi-se embora triste" (cf. Mt 19,22ss). Provavelmente, desconcerta-os o olhar de Jesus, não triste, mas ferido: "dificilmente entrará um rico no reino dos céus". Pedro, como noutras ocasiões, torna-se porta-voz do sentimento comum: «Nós deixámos tudo e seguimos-Te, que será de nós?». Fazendo-se eco destas palavras, e com a mesma familiaridade de um bom amigo, S. Josemaria dirigiu-se ao Senhor num momento difícil para a Obra: "Que tencionas fazer connosco? Não podes abandonar aqueles que confiaram em Ti!"[1].

Que será de mim?

O início de uma vocação, como o começo de qualquer caminho, geralmente traz consigo uma certa dose de incerteza. Quando Deus permite que entre inquietação no nosso coração, e começa a delinear um possível caminho concreto, é natural perguntar-se: será por aqui?

Que há por trás desta dúvida? Desde o começo, um medo bastante normal. Medo da vida e das nossas próprias decisões: não sabemos o que acontecerá no futuro, para onde nos levará esse caminho, porque nunca o percorremos antes. A dúvida também se explica pelo nosso desejo de acertar: queremos que a nossa vida seja valiosa, deixe rasto; além disso, as coisas grandes e belas exigem o melhor de nós próprios e não queremos precipitar-nos. Mas a razão mais profunda é mais misteriosa e simples ao mesmo tempo: Deus que nos procura e nós que queremos viver com Ele. Geralmente não é Deus que nos assusta, mas nós mesmos. Inquieta-nos a nossa fragilidade perante um Amor tão imenso: pensamos que não podemos estar à altura.

Quando Pedro pergunta a Jesus "que será de nós"; quando S. Josemaria pergunta a Jesus "que será de nós"; quando um cristão pergunta a Jesus "que será de mim" se eu seguir esse caminho, que responde Cristo? Olhando para o coração, Jesus diz-nos, com uma voz cheia de amor e alegria, que cada um de nós é uma aposta de Deus, e que Deus nunca esquece os Seus compromissos. Viver significa aventura, risco, limitações, desafios, esforço, deixar o pequeno mundo que controlamos e encontrar a beleza de dedicar as nossas vidas a algo maior do que nós e que preenche a nossa sede de felicidade. Podemos imaginar o olhar esperançoso de Jesus ao pronunciar aquelas palavras que ressoaram e continuarão a ressoar em muitos corações: "E todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou campos por causa do meu nome, receberá cem vezes mais e terá por herança a vida eterna." (Mt 19,29). Deus só dá em grande.

Contudo, não se trata de esperar uma revelação deslumbrante, ou um plano traçado até ao último detalhe. Deus pensou em nós, mas também conta com a nossa iniciativa. «Quando uma pessoa depara com a incerteza da existência de um chamamento peculiar de Deus, é indubitavelmente necessário pedir ao Espírito Santo "luz para ver" a própria vocação; mas se a mesma pessoa e aqueles que não têm de intervir no discernimento vocacional (direção espiritual, etc.) não veem nenhum dado objetivo contrário e a Providência (...) conduziu a pessoa a essa experiência, além de continuar a pedir a Deus "luz para ver", é importante - penso que é mais importante - pedir "força para querer", de modo que com essa força que eleva a liberdade no tempo se configure a mesma vocação eterna» [2].

Não estamos sós: a Igreja é o caminho

Neste processo de discernimento da nossa própria vocação, não estamos sozinhos, porque toda a vocação cristã nasce e cresce na Igreja. Através dela, Deus atrai-nos para Ele e chama-nos; e é a própria Igreja que nos acolhe e nos acompanha nesse caminho para Deus.

A Igreja atrai. Deus serve-se, ao longo da história, de pessoas que deixam um sulco profundo com a sua existência; que marcam caminhos para a entrega de outros. A sua vida, os seus ideais, os seus ensinamentos inspiram-nos, eles sacodem-nos: tiram-nos do egoísmo e chamam-nos para uma vida mais plena, de amor. Este chamamento faz parte dos planos de Deus, da ação do Espírito Santo que nos prepara o caminho.

A Igreja chama. Deus «não nos pede licença para complicar as nossas vidas". Mete-se e ... já está!» [3]. E para isso, espera que os Seus filhos se atrevam a convidar-se uns aos outros a considerar seriamente a possibilidade de Lhe entregar a vida. Jesus comparou o Reino de Deus a um grande banquete em que Deus quer que todos os homens participem, mesmo os que ao princípio pareciam não estar convidados (Lc 14,15-24). E, de facto, normalmente Deus conta com um *convite externo* para fazer a Sua voz ressoar no coração da pessoa.

Todas as vocações cristãs, quando encontram uma resposta enamorada, levam à santidade. Portanto, a melhor vocação é, para cada um, a própria. Dito isto, não há caminhos fechados *a priori*. A vida para Deus no casamento ou no celibato está, à partida, ao alcance de todos. A nossa biografia, a história pessoal vai fazendo o seu próprio caminho, e coloca-nos numa encruzilhada ou noutra. A escolha depende da liberdade pessoal: é isso, escolha. Cristo quer-nos livres: «se alguém me quiser seguir»... (Mt 16,24); «Se queres ser perfeito»... (Mt 19,21).

Ora bem, o que leva a escolher uma vocação específica dentre todas as possíveis? A liberdade procura horizontes grandes, divinos, de amor. Santo Inácio de Antioquia dizia que "o cristianismo não é uma questão de persuasão, mas de grandeza" [4]. Basta propô-lo com toda a sua beleza e simplicidade, com a vida e com as palavras, para atrair as almas pela sua própria força, desde que se deixem interpelar por Cristo (cf. *Mc* 10,21). Algo dentro da pessoa, muito íntimo e profundo, um pouco desconhecido e misterioso até para ela, ressoa e entra em sintonia com essa proposta de um caminho dentro da Igreja. Os gregos já afirmavam: somente o semelhante conhece o semelhante [5]. A vida autêntica de outros cristãos apela-nos a aproximar-nos de Jesus e dar-Lhe o nosso coração. Vemos um exemplo de santidade em pessoas próximas de nós e pensamos: "Talvez eu também...". É o "vem e vê" do Evangelho, que nos desafia aqui e agora (*Jo* 1,46).

A Igreja acolhe e acompanha. Qualquer pessoa normal pode, sem experimentar chamamentos especiais, embarcar numa vida de serviço, de doação: no celibato ou no casamento, no sacerdócio, no estado religioso. O discernimento sobre a vocação de cada um é resolvido de acordo com a retidão da intenção, as aptidões da pessoa e sua idoneidade.

Este discernimento requer a ajuda de outros: em particular, da direção espiritual. Por outro lado, também é necessária a deliberação de quem governa a instituição eclesial em questão. Porque a missão de acolher, por parte da Igreja, é também garantir que todos encontrem o seu lugar. Se pensarmos bem, é uma bênção de Deus que, ao projetar a nossa vida, haja pessoas em quem possamos confiar e que, por sua vez, confiem em nós. Que outros, com profundo conhecimento da nossa pessoa e da nossa situação, possam afirmar em consciência: "força, tu podes", tens as condições ou os talentos necessários para esta missão, que talvez seja a tua, e que podes aceitar, se realmente queres; ou que possam dizer-nos, também em consciência: "talvez este não seja o teu caminho".

A vocação é sempre uma *win-win situation*, uma situação em que todos ganham. É o melhor para cada uma das partes em relação: a pessoa e a instituição eclesial. Deus Pai segue cada uma dessas histórias pessoais com a Sua providência amorosa. O Espírito Santo fez instituições e caminhos de santidade emergirem na Igreja que servem como canais e ajuda para as pessoas singulares. E é também o Espírito Santo que move determinadas pessoas, em momentos específicos da sua vida, a vivificar esses canais na Igreja com a sua entrega.

O salto da fé: confiar em Deus

Perante a multidão que O segue, Jesus pergunta a Filipe: «Onde havemos de comprar pão para esta gente comer?» (*Jo* 6,5). Os apóstolos sabem bem que não podem fazer nada contra a fome das pessoas. Só têm "cinco pães de cevada e dois peixes" de um rapaz que estava por ali. Jesus pegou nesses pães, deu de comer a todos e sobrou tanto que disse aos discípulos: «Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca» (v.12). Só Jesus pode fazer com que nada da nossa vida se perca, que aproveite a toda a humanidade; mas temos que confiar-Lhe tudo o que temos. Então faz maravilhas, e os Seus primeiros destinatários somos nós mesmos.

Confiar em Deus, abrir-Lhe as portas das nossas vidas, leva-nos a enternecer-nos com Ele perante a multidão faminta d'Ele, como ovelhas sem pastor. E reconhecer que conta connosco para levar o Seu amor a todas essas pessoas. E, por fim, a lançar-nos, porque é algo que excede o que poderíamos ter concebido por conta própria. Lançar-nos, conscientes de que, com a ajuda de Deus, chegaremos adiante: colocando-nos nas Suas mãos, confiando plenamente n'Ele. E como Deus não Se impõe, é necessário um salto de fé: «Porque não te entregas a Deus de uma vez..., de verdade..., agora?! »[6].

Claro, é necessário pensar nas coisas. É o que a Igreja chama tempo de discernimento. No entanto, deve-se notar que "o discernimento não é uma autoanálise presunçosa, uma introspeção egoísta, mas uma verdadeira saída de nós mesmos para o mistério de Deus, que nos ajuda a viver a missão para a qual nos chamou a bem dos irmãos.»[7] A vocação implica sair de si mesmo, sair da zona de conforto e segurança individual. Para saltar de paraquedas é fundamental que o paraquedas funcione e se abra, para que possamos descer suavemente. Mas primeiro é crucial saltar do avião sem abrir o paraquedas. De modo análogo, vocação significa viver confiado em Deus, não na própria segurança. Falando dos Magos do Oriente, São João Crisóstomo diz que se "quando eles estavam na Pérsia viam a estrela, uma vez que deixaram a Pérsia, viram o Sol da Justiça"; mas que "se não tivessem deixado com decisão o seu país, nem sequer poderiam continuar a ver a estrela" [8].

«Sabes que o teu caminho não é claro. - E que o não é, porque, não seguindo de perto a Jesus, ficas nas trevas. - Que esperas para te decidires?»[9] Só se escolher o caminho, posso percorrê-lo, vivendo o que escolhi. Para ver a estrela, é necessário começar a andar, porque os planos de Deus sempre nos superam, vão além de nós mesmos. Somente confiando n'Ele nos tornamos capazes. Ao princípio não podemos: precisamos de crescer. Mas para crescer há que acreditar: "sem Mim, nada podeis fazer" (Jo 15,5), comigo podeis tudo.

Daí o erro daqueles que passam a juventude à espera de uma iluminação definitiva sobre a sua vida, sem decidir nada. Daí também um limite especial que existe hoje: fazem-se tantas *selfies*, uma pessoa vê-se em tantas fotografias, que talvez pense que já se conhece perfeitamente. No entanto, para encontrar verdadeiramente a própria identidade, é necessário redescobrir *o que não se vê* da própria vida: tudo o que tem de *mistério*, de presença e amor de Deus por cada um. Querer viver é descobrir e abandonar-se com confiança a este mistério, aceitando uma lógica e umas razões que não podemos abarcar.

As histórias de Deus começam pouco a pouco. Mas o caminho da confiança que arrisca tudo chega a realizar os maiores sonhos, os sonhos de Deus. Quando, como bons filhos de Deus, nos deixamos guiar pelo Espírito Santo (cf. Rm 8,14), a nossa vida levanta voo. É o caminho dos Magos; o de Maria, uma menina que será a Mãe de Deus e o de José, um carpinteiro a quem Deus adota como pai; o dos Apóstolos, que passam das vacilações e erros iniciais a serem as colunas sobre as quais a Igreja é edificada ...; e a de muitos cristãos que nos precedem e nos acompanham. Quem poderia pensar nesse mistério no começo das suas vidas? Só se vê claro no final. Mas o fim é possível porque no começo cada um soube sair da sua própria falsa segurança e saltar para os braços fortes de Deus Pai [10].

CONFIAR EM DEUS, ABRIR-LHE AS PORTAS DAS NOSSAS VIDAS, LEVA-NOS A RECONHECER QUE CONTA CONNOSCO PARA LEVAR O SEU AMOR A TODOS

Assim, quando o discernimento avança, e uma vocação específica toma contornos definidos, torna-se clara a necessidade, para continuar a avançar, do salto inicial de fé: dizer que sim. O discernimento só pode ser completado desta maneira, e é por isso que a Igreja previu, com a sua sabedoria secular, uma série de etapas que se percorrem progressivamente, a fim de averiguar bem a adequação das pessoas em relação a cada caminho vocacional concreto. Este modo de fazer dá muita paz ao coração e reforça a decisão de confiar em Deus, que levou cada um e cada uma a entregar-se. Não duvidamos de Deus, mas de nós mesmos, e é por isso que confiamos n'Ele e na Igreja.

Pela nossa parte, trata-se de considerar tudo o que somos e valem, para oferecer tudo, como explica a parábola dos talentos (cf. Mt 25,14-30); e de não ficar com nada sem negociar, sem compartilhar. Esta é a chave para uma decisão madura e sincera: a disposição de entregar-se completamente, abandonar-se completamente nas mãos de Deus, sem reservar nada, e a percepção de que esta entrega nos enche de paz e alegria que não vem de nós mesmos. É assim que a profunda convicção de ter encontrado o nosso caminho pode criar raízes.

No momento de discernir a vocação, Maria pergunta ao anjo: «Como será isso, se eu não

conheço homem?» (Cf. Lc 1,34 ss). O anjo é o mensageiro, o mediador que chama, seguindo a voz de Deus. Maria não põe nenhuma condição, mas pergunta para acertar. E o anjo assegura-lhe: o Espírito Santo fará isso, porque o que te comuniquei ultrapassa-te, mas "nada é impossível a Deus" (v. 37). Se até mesmo Maria, nossa Mãe, pergunta, que lógico é que cada cristão peça conselho aos outros perante a moção interior do amor de Deus: como devo fazer para dar-Lhe a minha vida? Onde achas que acertarei com o caminho para a minha felicidade? Que maravilha deixar-se aconselhar para poder dizer que sim, com uma liberdade radiante e cheios de confiança em Deus; colocar tudo o que é nosso nas Suas mãos: "faça-se em mim segundo a Tua palavra."

Pablo Marti

Bibliografia:

- [1] A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, vol. III, Verbo, Lisboa 2003, p. 29
[2] F. Ocáriz, «A vocação ao Opus Dei como vocação na Igreja», em *O Opus Dei na Igreja*, Rei dos Livros, Lisboa 1994.
[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 902.
[4] Santo Inácio de Antioquia, *Carta aos Romanos*, n. 3 (PG 5, 690).
[5] Aristóteles, *De Anima* I, 2.
[6] S. Josemaria, *Caminho*, n. 902.
[7] Francisco, Ex. Ap. *Gaudete et exsultate* (19-III-2018), n. 175.
[8] S. João Crisóstomo, *Homilias sobre S. Mateus*, VII. 5 (PG 57, 78).
[9] S. Josemaria, *Caminho*, n. 797.
[10] Cf. S. Josemaria, *Via Sacra*, 7ª estação.



Algo grande e que seja amor (IX): Somos apóstolos!

Para um cristão, o apostolado não é simplesmente uma tarefa que envolve certas horas; nem sequer um trabalho importante: é uma necessidade que brota de um coração que se tornou "um só corpo e um só espírito" com o Senhor.



Cafarnaum é o lugar onde começa a aventura apostólica que Jesus inaugurou no mundo. Sabemos que pelo menos quatro dos doze apóstolos eram pescadores nessa cidade. "Estavam junto do barco velho e junto das redes rotas, remendando-as. O Senhor disse-lhes para O seguirem: e eles "statim", imediatamente, "relictis omnibus", abandonando todas as coisas, tudo!, seguiram-n'O... »[1].

Jesus chama aqueles primeiros com umas palavras em que delineia um plano que irá mudar para sempre o curso da história: «Vinde comigo e farei de vós pescadores de homens.»(Mc 1,16-17). Não lhes dá mais pormenores. Continuarão a ser pescadores, mas a partir desse momento vão pescar outro tipo de "peixes". Conhecerão outros "mares", mas não perderão o que aprenderam com o seu trabalho. Virão dias com ventos favoráveis e pesca abundante, mas também haverá dias pouco vistosos, sem pesca, ou com uma pesca tão escassa que terão a sensação de voltar para a praia com as mãos vazias. Mas o decisivo não será o volume da pesca, ou o que os homens julgam como sucesso ou como fracasso; o que importa é o que eles serão. Desde o início, Jesus quer que se apercebam da sua nova identidade, porque não os convoca apenas para fazer algo - uma tarefa bonita, algo extraordinário, mas para ser alguém que cumpre uma missão: ser "pescadores de homens" [2] E essa

tarefa, que nos faz felizes, vai modelando o nosso modo de ser, de agir, de ver o mundo.

Mons. Ocariz recordou-o com palavras expressivas: "não fazemos apostolado, somos apóstolos!" [3]. A missão apostólica não ocupa um tempo ou uns aspetos determinados da nossa vida pessoal, mas afeta tudo: tem um alcance de 360 graus. S. Josemaria recordava-o desde o princípio às pessoas da Obra: «Não esqueçais meus filhos, que não somos almas que se juntam a outras almas para fazer uma coisa boa. Isso é muito ... mas é pouco. Somos apóstolos que *cumprem um mandato imperativo de Cristo*»[4].

A VOCAÇÃO É UMA CHAMADA DO SENHOR PARA 'SER ALGUÉM'

«Ai de mim se não evangelizar!», escreve S. Paulo (cf. *1 Co* 9,16-23): é algo que lhe sai do mais profundo da alma. Para ele, esse impulso de amor é um convite e um dever: «Se eu anuncio o Evangelho, não é para mim motivo de glória, é antes uma obrigação que me foi imposta». Por isso, a única recompensa que procura consiste em «pregando o Evangelho, eu faço-o gratuitamente», porque se sente «servo de todos, para ganhar o maior número». Amiúde abre o seu coração: é o último entre os apóstolos; indigno e sem méritos, mas é apóstolo. Por isso, não há para ele circunstância que não seja apostólica, até poder afirmar: «tudo faço pelo Evangelho». Essa é a sua carta de apresentação, e assim quer ser considerado: «Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado a ser Apóstolo, escolhido para anunciar o Evangelho de Deus» (*Rm* 1,1).

Da mesma forma, para um cristão, o apostolado não é simplesmente "um encargo", ou uma atividade que envolve certas horas diárias; nem mesmo "um trabalho importante": é uma necessidade que brota de um coração que se tornou "um só corpo e um só espírito" [5] em Jesus, com toda a Sua Igreja. Ser apóstolo "não é nem pode ser título honorífico. Ele compromete concreta e também dramaticamente toda a existência da pessoa interessada." [6]. Às vezes precisamos de ser encorajados; outras procuraremos conselhos para acertar no nosso esforço de evangelizar; mas, em qualquer caso, sabemos que o nosso chamamento é uma dádiva de Deus, e é por isso que Lhe pedimos que o apostolado mane dos nossos corações, como a água salta da fonte (cf. *Jo* 4,14).

Sal, luz e fermento do mundo

Para explicar aos Seus discípulos o papel que iam desempenhar no mundo, o Senhor costumava usar parábolas. "Vós sois o sal da terra... vós sois a luz do mundo", diz-lhes numa ocasião (cf. *Mt* 5,13-14). Doutra vez, fala-lhes do fermento: como pouco faz fermentar a massa inteira (cf. *Mt* 5,33). Porque é assim que devem ser os apóstolos de Jesus: sal que alegra, luz que guia, fermento que faz crescer a massa. E foi assim que S. Josemaria viu o apostolado das suas filhas e dos seus filhos: «Tens o chamamento de Deus para um caminho concreto: entrar em todas as encruzilhadas do mundo, estando metido em Deus. E ser fermento, ser sal, ser luz do mundo. Para iluminar, dar sabor, fermentar, aumentar »[7].

Os fiéis do Opus Dei, como tantos outros cristãos comuns, desenvolvem o seu apostolado no meio do mundo, com naturalidade e discrição. Embora às vezes isso se tenha prestado a incompreensões, na verdade simplesmente tentam fazer com que estas parábolas do Senhor se tornem realidade nas suas vidas. O sal, de facto, não se vê, se se mistura bem com a comida, sem fazer grânulos; dá graça à comida, que sem ela pode ficar insípida, mesmo que seja de boa qualidade. O mesmo acontece com o fermento: dá volume ao pão, sem se notar. A luz, por sua vez, é colocada "no alto, para iluminar a todos", sempre "diante dos homens" (*Mt* 5,15-16); não centra a atenção em si mesma, mas no que ilumina. Um cristão está à vontade com os outros, compartilhando sonhos e projetos. Mais ainda, "devemos sentir-nos desconfortáveis, quando não estamos - sal e luz de Cristo - no meio das pessoas" [8]. Essa abertura além disso significa também relacionar-se com quem não pensa como nós, com a disposição serena de deixar nos corações a *garra de Deus* [9], do modo que Ele próprio nos sugira, às vezes, rezando por eles uma oração simples, outros com uma palavra ou

um gesto amável...

A eficácia apostólica de uma vida não se pode contabilizar. Muitos frutos permanecem na sombra e não os conheceremos nesta vida. O que podemos pôr da nossa parte é um desejo, sempre renovado, de viver muito unidos ao Senhor. «Andar pela vida como apóstolos: com luz de Deus, com sal de Deus. Sem medo, com naturalidade, mas com tal vida interior, com tal união com Nosso Senhor, que iluminem, que evitem a corrupção e as sombras.»[10]. O próprio Deus tornará fecundas as nossas dificuldades e não nos perderemos a pensar na nossa fragilidade ou nas dificuldades externas: se o lago é demasiado grande, se as multidões nos entendem mal, se começaram a criticar-nos, se o caminho é duro, se não posso remar contra esta tempestade ...

Com motor próprio

Revedo a lista dos doze apóstolos, chama a atenção como eles são diferentes, às vezes com personalidades muito fortes. O mesmo acontece quando pensamos em santos e santas canonizados pela Igreja. E a mesma coisa, quando olhamos para a vida de muitas pessoas comuns que seguem o Senhor com uma entrega discreta, mas constante. Todos diferentes, e ao mesmo tempo, todos apóstolos, fiéis, apaixonados pelo Senhor.

Ao entregarmo-nos a Deus, não perdemos a nossa própria riqueza; pelo contrário, porque "quando o Senhor pensa em alguém, no que gostaria de lhe dar de presente, vê-o como seu amigo pessoal. E decidiu presentear-te com uma graça (...) será certamente algo que te deixará feliz no mais íntimo de ti mesmo e te entusiasmará mais do que qualquer outra coisa neste mundo. Não, porque o dom concedido seja um carisma extraordinário ou raro, mas porque é precisamente à tua medida, à medida de toda a tua vida.»[11]. É por isso que aquele que decide seguir o Senhor percebe, ao longo dos anos, como a graça, acompanhada pelo trabalho pessoal, até transforma o seu caráter, de modo que lhe é mais fácil amar e servir a todos. Isto não é o resultado da imposição voluntarista de um ideal de perfeição. Pelo contrário, é a influência e paixão que Jesus Cristo produz na vida do apóstolo.

Pouco depois da sua eleição como prelado, perguntaram a D. Javier Echevarría se tinha tido uma vida própria: «Consegui ser quem queria?» A sua resposta é comovedora: são as palavras de alguém que olha para trás para a própria vida e vê o que Deus fez nela. «Sim, tive a minha vida própria. Nunca teria sonhado realizar a minha vida de modo tão ambicioso. Vivendo por mim próprio, teria tido horizontes muito mais estreitos, voos mais curtos (...). Eu, como homem do meu tempo, como cristão e como sacerdote, sou uma pessoa ambiciosamente realizada. E tenho um coração globalizado, graças a ter vivido com dois homens [S. Josemaria e o Beato Álvaro] de espírito grandioso, cristãmente grandioso»[12].

Quem é enviado por Cristo e deixa que seja Ele a dirigir o leme da sua vida, não pode esquecer que Ele espera uma resposta profundamente livre. Livre, em primeiro lugar, de egoísmos, da nossa soberba e do nosso desejo de brilhar. Mas livre também para pôr ao Seu serviço todos os nossos talentos, a nossa iniciativa, a nossa criatividade. Por isso, S. Josemaria dizia que "uma das características mais evidentes do espírito do Opus Dei é o seu amor à liberdade e à compreensão" [13].

Ao mesmo tempo, essa liberdade de espírito não consiste em "agir de acordo com os caprichos e em resistir a qualquer norma" [14], como se tudo o que não viesse de nós fosse uma imposição da qual se libertar. Pelo contrário, trata-se de trabalhar com o mesmo Espírito que moveu Jesus: "Eu descí do Céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou" (Jo 6,38). Se o apostolado fosse considerado uma "atividade", haveria o risco de se sentir inibido pelas indicações dos que coordenam as iniciativas apostólicas. Pelo contrário, quem se sente enviado por Cristo desfruta da ajuda e do impulso que Deus transmite através dos Seus múltiplos instrumentos. Viver com liberdade de espírito é deixar que seja o Espírito Santo que nos conforme e nos guie, servindo-Se também daqueles que colocou ao nosso lado.

A liberdade de espírito leva a pessoa a agir "com motor próprio" diante de uma ou outra necessidade da missão apostólica; com o seu próprio motor, isto é, não com uma aceitação passiva,

mas com a convicção de que é isso que o Senhor nos pede naquele momento, porque é isso que corresponde ao apóstolo que somos. Assim, continuamente, nas pequenas circunstâncias do nosso dia a dia, podemos notar a brisa fresca do Espírito, que nos empurra "mar adentro" (Lc 5,4), para continuar com Ele a história encantadora do Amor de Deus por nós.

Se a nossa missão fosse "fazer apostolado", poderíamos pô-la de lado por causa de um trabalho absorvente ou de uma doença, ou poderíamos ter "férias" apostólicas. No entanto, "somos apóstolos!": é a nossa vida! Portanto, seria uma contradição sair para a rua e deixar o zelo evangelizador em casa. Certamente, a missão envolverá muitas vezes esforço e exigirá coragem da nossa parte para superar os nossos medos. No entanto, estas resistências interiores não devem perturbar-nos, porque o Espírito Santo faz crescer, nos corações daqueles que são dóceis, uma autêntica espontaneidade e criatividade apostólica: à medida que nos identificamos com a nossa missão, tudo se torna ocasião de apostolado.

Adquire-se a "consciência de estar num posto avançado, de sentinela" [15], o que leva a permanecer "em vigília de amor, tenso, sem dormir, trabalhando com empenho" [16]. Uma vigília que é de amor e que, portanto, não significa ansiedade ou nervosismo. Temos nas nossas mãos um trabalho que nos entusiasma, que nos faz felizes e que comunica a felicidade ao nosso redor. Trabalhamos na vinha do Senhor e temos a certeza de que o trabalho é d'Ele. Se alguma vez se infiltrasse na alma uma certa falta de paz, uma tensão excessiva, seria a hora de aproximar-se d'Ele para dizer: faça isto por Ti, ajuda-me a trabalhar com calma e com a certeza de que tudo é feito por Ti.

Luz divina que dá calor

Quando, na parábola dos convidados para as bodas, o pai sabe que alguns dos convidados se desculpam, ordena ao criado que traga "os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos". (Lc 14,21) A sala está bastante concorrida, mas ainda há lugares livres. Então diz ao seu servo: 'Sai pelos caminhos e azinhas e obriga-os a entrar, para que a minha casa fique cheia.' (Lc 14:23). «Obriga a entrar», *compelle intrare*: até esse ponto chega a intensidade do seu desejo.

A ordem é taxativa, porque o chamamento para a salvação é universal. S. Josemaria entendia-o assim: "Não é como um empurrão material, mas a abundância de luz, de doutrina; o estímulo espiritual da vossa oração e do vosso trabalho, que é um testemunho autêntico da doutrina; o cúmulo de sacrifícios, que sabeis oferecer; o sorriso, que vos vem à boca, porque sois filhos de Deus: filiação, que vos enche de uma felicidade serena - embora na vossa vida, às vezes, não falem contradições -, que os outros veem e invejam. Juntai a tudo isso o vosso garbo e a vossa simpatia humana, e teremos o conteúdo do *compelle intrare*" [17]. Não se trata, pois, de coagir ninguém: é uma combinação, inédita de cada vez, de oração e amizade, de testemunho e generoso sacrifício... uma alegria que é compartilhada, uma simpatia que convida com liberdade.

Deus atua "por atração" [18], estimulando as almas com a alegria e o encanto da vida dos cristãos. É por isso que o apostolado é o amor que transborda. Um coração que sabe amar sabe atrair: "atraímos a todos com o coração", dizia S. Josemaria. Portanto, para todos peço um coração muito grande: se amamos as almas, vamos atraí-las» [19]. De facto, nada atrai tanto como o amor autêntico, especialmente numa época em que muitas pessoas não conhecem o calor do amor de Deus. A verdadeira amizade é, de facto, o "modo de apostolado que S. Josemaria encontrou nos relatos evangélicos" [20]: Filipe atraiu Bartolomeu; André, Pedro; e devem ter sido bons amigos os que levaram a Jesus aquele paralítico que não conseguia sair da sua maca.

"Num cristão, num filho de Deus, a amizade e a caridade formam uma coisa: luz divina que dá calor" [21]. Ter amigos requer assiduidade, contacto pessoal; exemplo e lealdade sinceras; disposição de ajudar, apoiar-se uns aos outros; escuta e empatia: capacidade de cuidar das necessidades do outro. A amizade não é um instrumento para o apostolado, mas o próprio apostolado é, em essência, amizade: gratuidade, desejo de viver com os outros. É claro que queremos que os

nossos amigos se aproximem do Senhor, mas que isso aconteça como e quando Deus quiser. Embora seja lógico que um apóstolo busque bons resultados no seu trabalho, e que valorize a relação entre os seus esforços e a influência que têm sobre os outros, nunca pode esquecer que os apóstolos seguiram Jesus mesmo quando quase todos se foram embora (cf. *Jo* 6, 66-69). Com o tempo, viriam os frutos (cf. *At* 2,37-41).

Certa ocasião, um jovem perguntou a S. Josemaria: «Padre, que devemos fazer para que apitem muitos [22]?». S. Josemaria respondeu imediatamente: "Muita oração, amizade leal e respeito pela liberdade". Ao jovem a resposta soube-lhe a pouco. Acrescentou: "E isso não é ir demasiado devagar, Padre?" "Não, porque a vocação é sobrenatural", respondeu S. Josemaria, prolongando cada sílaba. «Bastou um segundo para passar de Saulo para Paulo. Depois, três dias de oração, e converteu-se num apaixonado apóstolo de Jesus Cristo»[23].

É Deus quem chama e o Espírito Santo quem move o coração. O apóstolo acompanha os seus amigos com oração e sacrifício, sem ficar impaciente ao receber um "não" às suas sugestões, ou ficar aborrecido quando alguém não se deixa ajudar. Um verdadeiro amigo confia nos pontos fortes para ajudá-los a crescer e evita, muitas vezes, censuras sobre as decisões dos outros; sabe quando é necessário ficar em silêncio, e quando é necessário "voltar à carga" de maneira diferente, sem se tornar maçador, sem censurar: da confiança e do compromisso com o melhor de cada um, de cada uma. Isso é o que Deus faz, e é isso que quer que os Seus filhos façam.

Sem sermos inconvenientes, mantendo o sorriso no rosto, podemos insinuar algumas palavras ao ouvido, como o Senhor fazia. E, continuamente, manteremos vivo o desejo de que muitas pessoas O conheçam: "Tu e eu, filhos de Deus, quando vemos as pessoas, temos que pensar nas almas: aqui está uma alma - temos que dizer a nós próprios - que temos de ajudar; uma alma que temos de compreender; uma alma com quem se deve conviver; uma alma que temos de salvar»[24].

José Manuel Antuña

Bibliografia:

- [1] S. Josemaria, *Forja*, n. 356.
- [2] S. Josemaria, Carta 9-I-1932, n. 9.
- [3] F. Ocariz, Carta, 14-II-2017, n. 9.
- [4] *Instrucción 19-III-1934*, n. 27 (o itálico é do original), citado em *Camino, edición crítico-histórica*, nota ao n. 942.
- [5] *Missal Romano*, Oração eucarística III.
- [6] Bento XVI, Audiência, 10-IX-2008.
- [7] S. Josemaria, Notas de uma meditação de abril de 1955, em *Obras* 1956, XI, p. 9 (AGP, biblioteca, P03).
- [8] S. Josemaria, *A solas con Dios*, n. 273 (AGP, Biblioteca, P10).
- [9] Cf. D. Javier, Homília, 5-IX-2010 (*Romana*, n. 51, Julio-Diciembre 2010, p. 339).
- [10] *Forja*, n. 969.
- [11] Francisco, Ex. ap. *Christus vivit* (25-III-2019), n. 287.
- [12] Entrevista de P. Urbano a D. Javier, *Época*, 20-IV-1994, citada em A. Sánchez León, *En*

la tierra como en el cielo, Madrid, Rialp 2019, pp. 349-350.

[13] S. Josemaria, *Carta 31-V-1954*, n. 22.

[14] F. Ocáriz, *Carta*, 9-I-2018, n. 5.

[15] S. Josemaria, *Carta 31-V-1954*, n. 16.

[16] *Ibidem*.

[17] S. Josemaria, *Carta 24-X-1942*, n. 9; cfr. *Amigos de Deus*, n. 37.

[18] Bento XVI, *Homilia*, 13-V-2007; Francisco, *Homilia*, 3-V-2018.

[19] S. Josemaria, *Notas de uma reunião familiar*, 10-V-1967 em *Crónica* 1967, p. 605 (AGP, biblioteca, P01).

[20] F. Ocáriz, *Carta*, 14-II-17, n. 9.

[21] *Forja*, n. 565.

[22] Na linguagem coloquial de Madrid de meados do século passado, “pitar” (em português, “apitar”) significava funcionar bem. S. Josemaria usava o termo para referir-se ao facto de uma pessoa pedir a Admissão no Opus Dei. Desde então ficou na Obra como um modo familiar de falar.

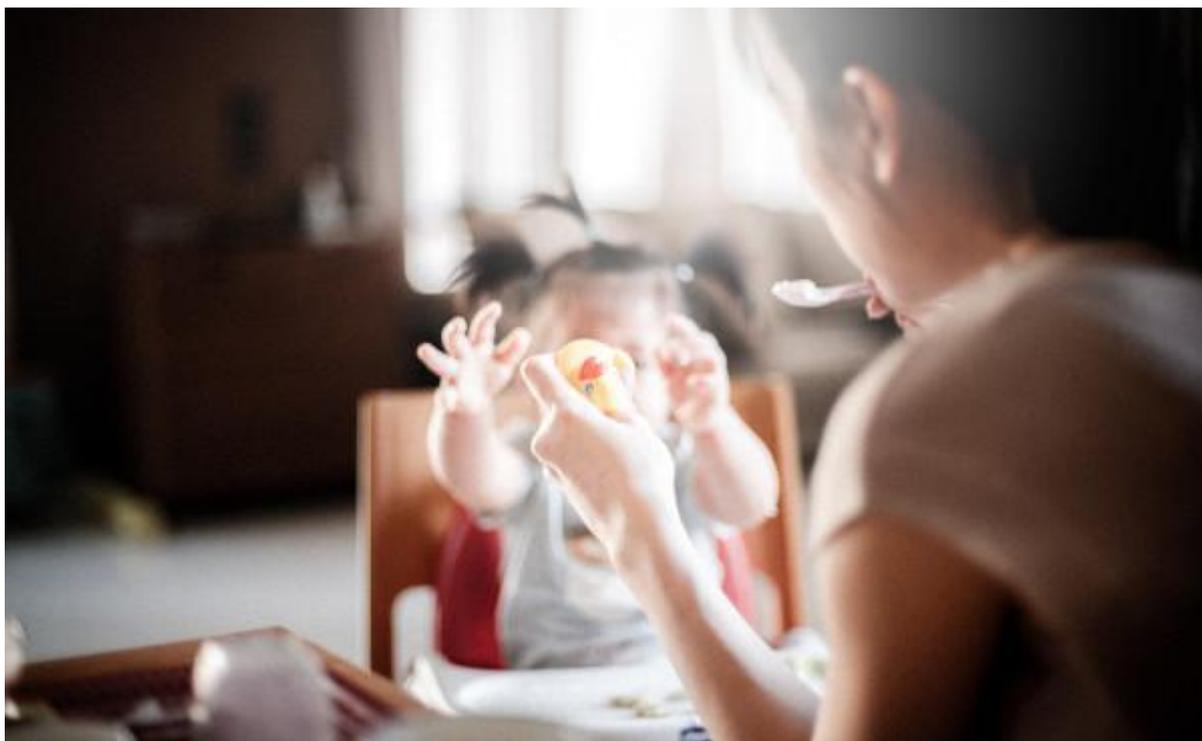
[23] S. Josemaria, *Notas de uma reunião familiar*, 24-IV-1967, em *Crónica* 1967, p. 506 (AGP, biblioteca, P01).

[24] S. Josemaria, *Meditação de 25-II-1963*, em *Crónica* 1964, IX, p. 69 (AGP, biblioteca, P01).



Dar mais sem ser heróis

Ser santo é “dar o melhor de si mesmo” e, ao mesmo tempo, perceber “que no final é sempre Deus quem faz tudo”. Texto sobre a santidade que o Senhor nos pede.



O episódio da pesca milagrosa, narrado por São Lucas, pode ajudar-nos a descobrir o que o Senhor pede a cada um; um pedido que se resume a uma palavra exigente e muitas vezes incompreensível: santidade.

Olhemos a vida de Jesus, que no momento que é narrado nesta passagem do Evangelho é um mestre famoso, procurado, ouvido e seguido por muitas pessoas. Jesus vê dois barcos na margem do lago de Genesaré. “Os pescadores, que tinham desembarcado, lavavam as suas redes. Subindo a um dos barcos, o de Simão, pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra. Do barco, sentado, ensinava as pessoas. Quando acabou de falar, disse a Simão: “Rema mar adentro e lança as redes para a pesca.” Simão respondeu: “Mestre, labutámos toda a noite e não pescámos nada; mas pela tua palavra lançarei as redes.”(Lc 5, 2-5).

O SENHOR CHAMA OS PESCADORES JUSTAMENTE NO MOMENTO EM QUE FRACASSARAM

Como sabemos, a história continua com uma pesca abundante, mas é importante notar que Jesus sobe para o barco dos pescadores e chama-os, interroga-os, encoraja-os a fazer algo mais do que aquilo que já faziam. Ao considerar esta história, poderia vir-nos à mente: “Sim, eu deveria fazer algo mais, mas faço o suficiente para sobreviver...”. É uma reação normal, mas errada. O Senhor não nos diz: “Não fizeste nem metade do que devias fazer, agora tens de fazer mais...”. Jesus sobe para o

barco porque quer saber como se está dentro do nosso barco: isso é a vocação. É uma chamada para dar o melhor de si mesmo. Curiosamente, nessa cena, a chamada é feita quando os pescadores lavam as suas redes depois de terem trabalhado toda a noite sem sucesso. Quer dizer, o Senhor chama os pescadores justamente no momento em que fracassaram.

O Cardeal Ratzinger, num artigo publicado no *Osservatore Romano* do dia da canonização de São Josemaria, em 6 de outubro de 2002, disse que existe um equívoco sobre o que é a santidade: “Sabendo que nos processos de canonização se procura a virtude heroica, quase inevitavelmente nos ocorre um conceito errado de santidade: não é para mim, podemos pensar, porque eu não me sinto capaz de alcançar virtudes heroicas: é um ideal demasiado elevado”. A santidade tornar-se-ia, então, algo de reservado a algumas pessoas especiais, não a pessoas normais como nós. “Mas isso é uma ideia equivocada de santidade, uma percepção errada que foi corrigida - e isto parece-me ser o ponto-chave - pelo próprio Josemaria Escrivá.”

O esforço ginástico pela perfeição

Sem dúvida, sabemos que a santidade normal e ordinária não é exclusiva de São Josemaria: existem muitos outros testemunhos de santidade atingível - “a santidade da porta ao lado”, assim lhe chamou o Papa Francisco na *Gaudete et exsultate*. De facto, há uma concepção muito perigosa do que é a santidade: a santidade concebida como um esforço ginástico para fazer tudo perfeitamente. Esta não é a experiência dos santos, nem é a experiência dos apóstolos. A sua chamada não se explica porque eram bons ou porque naquele momento estavam a dar o melhor de si. O santo não é aquele que faz tudo bem, mas aquele que deixa a vontade de Deus agir na sua vida. Porquê? Porque confia n’Ele.

O SANTO NÃO É AQUELE QUE FAZ TUDO BEM, MAS AQUELE QUE DEIXA A VONTADE DE DEUS AGIR NA SUA VIDA

Portanto, o erro deve ser corrigido em primeiro lugar a nível terminológico, porque se fala de santidade na vida quotidiana, santificação do trabalho, uma chamada à santidade dirigida a todos... Mas “as palavras são importantes” e se as palavras não forem bem compreendidas, temos um problema. Não podemos presumir que atribuímos o seu verdadeiro significado a termos como bem-aventurado, manso, santidade, pecado, reconciliação, Eucaristia... Em particular, a “santificação” pode ser entendida erroneamente como uma espécie de perfeição ética ou até mesmo estética, típica de uma pessoa infalível (“porque eu aprendi e já não me engano”).

O Senhor não entra no nosso barco porque passámos a noite vencendo e pescando com êxito. Na verdade, às vezes Ele o fará em momentos de fracasso: “Trabalhamos a noite inteira e não pescámos nada; mas com a tua palavra lançarei as redes” (Lc 5,5). E Pedro lança as redes novamente, contra a sua experiência, porque o pescador sabe que se pesca de noite. Mas mesmo sabendo disso, ele confia mais em Deus do que na sua própria experiência. Este é o grande ato de confiança de Pedro, graças ao qual “eles apanharam uma enorme quantidade de peixe, a ponto de as redes quase se romperem. Eles tiveram de chamar os companheiros do outro barco para que viessem ajudá-los. Vieram e encheram os dois barcos até quase se afundarem” (Mt 5,6-7).

Se confiamos em Deus, acontecem coisas que não esperamos. Santificar o trabalho, santificar-se na vida quotidiana não significa que Deus nos recompense porque fazemos tudo bem e nunca cometemos erros. Embora não pensemos assim, no fundo, quando cometemos um ato mau, por orgulho, inveja ou ciúme, muitas vezes vem à nossa mente pensar: “Agora o Senhor castiga-me porque fiz mal”.

Esta é uma concepção de santidade não evangélica nem cristã. Da mesma forma, a santificação da vida familiar não significa que sempre reinará ordem em casa. Uma mãe ou um pai com filhos pequenos ou adolescentes pode ter a tentação de pensar: “Se eu santificasse a minha vida diária, os

meus filhos estariam sempre bem penteados, com as mãos limpas, dentes brancos como nos anúncios das pastas de dentes...”. Não, a santificação não é uma perfeição externa da vida quotidiana, nem da vida social ou familiar. Significa, em vez disso, mostrar boa cara, mesmo quando a desordem parece prevalecer; significa sorrir mesmo que tudo corra mal ou o nosso ambiente seja caótico e imperfeito.

Os santos, como nós

Na exortação *Gaudete et Exsultate*, o Papa Francisco recorda que “para ser santo, não é necessário ser bispos, sacerdotes, religiosos” (*Gaudete et Exsultate*, n. 14). A santidade não é para pessoas especiais. “Muitas vezes somos tentados”, diz o Papa, “a pensar que a santidade é reservada para aqueles que têm a possibilidade de se distanciarem das ocupações comuns para dedicar muito tempo à oração”. Evidentemente, não há santidade sem oração, mas corremos o risco de pensar (talvez depois de ler a biografia de um santo ou um resumo de duas linhas das suas palavras na Wikipedia) que os santos são pessoas que tiveram frequentes “êxtases místicos”...

Os santos, ao contrário, foram como cada um de nós. Eles não escaparam às ocupações comuns, não chegaram a ser santos fugindo da pressão das mil e uma preocupações e ocupações que nos afetam a todos. Foi graças a elas que alcançaram a misericórdia do Senhor.

SE CONFIAMOS EM DEUS, ACONTECEM COISAS QUE NÃO ESPERAMOS

Portanto, a santidade é amar os outros, considerar as pessoas e as situações como um dom vendo a presença de Deus na existência diária. A santidade não se alcança “apesar” da realidade em que nos encontramos, mas precisamente através da realidade, que consiste, sobretudo, na família e no trabalho. Podem existir situações extraordinárias, mas antes de tudo, há a situação em que nos encontramos.

Lavar cada um as próprias redes

Santidade também significa lavar as redes quando parece que se perde tempo porque a pesca não serviu para nada. As redes são as ferramentas de trabalho para os apóstolos; para cada um de nós são as coisas que costumamos usar. Lavá-las significa mantê-las em ordem, isto é, fazer as coisas com pontualidade e bom senso, fomentando uma atitude sorridente enquanto se vive uma vida normal. E quando parece que tudo corre mal, tentar prosseguir com boa cara. Santidade não significa que tudo correu bem e que consegui sorrir; significa que tentei e que, depois de uma noite inteira em que não pesquei nada, no dia seguinte tentarei novamente com paciência.

Lutar pela santidade significa, também, ajudar-se mutuamente entre um barco e outro. Talvez, no momento da pescaria, nos demos conta de que foi decisivo lavar as redes para que não se rompessem: esse detalhe de cuidar das pequenas coisas fez com que resistissem. E então foi necessária a ajuda do outro barco. Esforçar-se pela santidade é tentar ajudar nas necessidades do outro sem pensar que agora “tem de arranjar-se sozinho”; Ele tem o seu barco, eu tenho o meu.

“Lavar as redes e ir para o outro barco significa cultivar as virtudes e qualidades relacionais que ajudam a conviver com outras pessoas, porque não há santidade trancado numa torre de marfim, num edifício onde tudo está previsto e não há contratemplos. Na convivência comum, é importante falar com sentido positivo, ainda mais quando se trata de pessoas, para reconhecer as coisas boas que fizeram. Geralmente falar bem dos outros, mostrar estima, ajuda a criar esse bom ambiente que São Paulo recomenda: “competi na estima para com os outros” (Rm 12, 10). Isso significa que tem que notar esse amor; não se pode amar uma pessoa sem expressar esse afeto com palavras ou gestos.

Na mensagem que o Senhor confiou a São Josemaria há também outro aspecto essencial. A santidade na vida quotidiana não é apenas uma chamada à vida individual de uma pessoa: há algo

mais. A chamada específica é uma vocação pessoal, uma espécie de “ignição do batismo”, que nos faz descobrir que a normalidade da vida em si é uma chamada e ao mesmo tempo uma missão. É necessário sentir-se enviado, com a missão de levar luz e afeto onde se desenrola a vida de cada um. Não porque seja melhor, mas porque foi chamado. Não é uma escolha feita em virtude de uma suposta superioridade, mas uma missão para a qual o Senhor na sua surpreendente imaginação e bondade nos escolhe e nos envia através do batismo.

Atrever-se a mais, sem ser heróis

Quando ele percebe o que aconteceu, isto é, que Jesus entrou no seu barco depois de um fracasso e que então, paradoxalmente e milagrosamente, a pesca foi um sucesso, Simão Pedro lança-se aos pés de Jesus dizendo: “Senhor, afasta-te de mim porque eu sou pecador” (Lc 5, 8). Pedro tem medo. É um sentimento normal quando alguém percebe que Deus o chama. Se este encontro fosse uma questão acadêmica, histórica, se fosse objeto de um estudo sobre outra época ou outras pessoas, não teria medo. Pedro, pelo contrário, tem medo de como isso pode transformar toda a sua vida. Ele tem medo porque se sente pessoalmente chamado a envolver-se, a tentar dar o melhor de si mesmo, aqui e agora.

É PRECISO SENTIR-SE ENVIADO, COM A MISSÃO DE LEVAR A LUZ E O AFETO ONDE SE DESNROLA A VIDA DE CADA UM

Lembro-me de que num encontro com os jovens, o Papa João Paulo II ouviu um grupo cantando “Pode dar-se mais”, uma canção que ganhou o festival de San Remo. Imediatamente, improvisou um comentário sobre a música e disse que havia um verso muito profundo: “podem ousar mais sem ser heróis. Há quem pense que para ousar algo mais há que mostrar já uma virtude heroica. Mas nem tudo é heroico, o que conta é a coragem e sempre podemos ousar mais sem ser heróis” (João Paulo II, Encontro com os jovens do UNIV, 19 de abril de 1987). Pode dar-se mais sem que isso nos torne pessoas diferentes, diferentes do que o Senhor quer que sejamos. “Tu, Senhor - poderíamos dizer-lhe -, pedes-me para ser o que sou, mas sendo uma melhor versão de mim mesmo”. É como quando nos tiram uma fotografia e sorrimos. Não é que o sorriso seja falso, mas que sorrindo estamos a dar o melhor que temos dentro de nós. É a careta que não é autêntica. O sorriso é sempre autêntico, mesmo que envolva esforço, e o Senhor pede-nos uma santidade sorridente. Cada pessoa que nos ama, se pensarmos bem, imagina-nos sorridentes, porque esse é o nosso verdadeiro rosto.

O Cardeal Luciani, algumas semanas antes de se tornar João Paulo I, escreveu que Josemaria Escrivá de Balaguer (que naquela altura nem sequer tinha sido beatificado) ensinara a converter o trabalho num “sorriso diário”. Muitas vezes, a santidade consiste em sorrir face aos nossos próprios limites, aos do cônjuge, do colega, dos amigos... enfim, em sorrir para a realidade, porque nos sabemos olhados com carinho pelo nosso Pai-Deus. Não precisamos de ser heróis, mas, ao mesmo tempo - diria São João Paulo II - podemos fazer mais.

Jesus compreende muito bem o nosso medo e o de Simão Pedro e diz: “Não tenhas medo”. Pouco antes, pode ler-se no Evangelho de Lucas um detalhe muito bonito sobre o estado de ânimo do apóstolo: “o assombro que os tinha invadido a ele e a todos os que estavam com ele pela pesca que tinham feito” (Lc 5, 9) incluindo Tiago e João, os filhos de Zebedeu e companheiros de Simão. É consolador saber que os três apóstolos mais próximos de Cristo, quando foram chamados, sentiram medo “eles estavam cheios de assombro”, talvez pensando: “Não pode ser, eu não sou um profeta, não sou um santo”. Jesus diz a Simão: “Não tenhas medo. De agora em diante, serás pescador de homens”(Lc 5, 10). Ou seja, a partir de agora não só terás um trabalho, mas ajudarás os outros através da tua vida, do teu trabalho, da tua presença. Mas devemos entender bem este “de agora em diante”, que não significa de uma vez por todas; significa que cada vez que tivermos medo, o Senhor

nos dirá: “Não tenhas medo, a partir de agora... começa de novo”.

A festa litúrgica de S. Josemaria é a 26 de junho. Algumas semanas antes de sua morte (nos finais de março 1975), São Josemaria celebrou o 50º aniversário da sua ordenação sacerdotal e fez uma reflexão espontânea e improvisada da sua vida: “Eu queria - disse ele - fazer um balanço destes cinquenta anos e saiu-me uma gargalhada. Ri-me de mim mesmo e enchi-me de gratidão a Nosso Senhor, porque foi Ele quem fez tudo”.

Esta é a santidade a que somos chamados. Não é a daqueles que dizem “de agora em diante o meu trabalho, as minhas relações, os meus filhos serão como eu digo”, mas a daqueles que percebem que no final é sempre Deus quem faz tudo. Ao contemplar a chamada dos apóstolos no Evangelho, é bom lembrar que Pedro, Tiago e João cometeram depois muitos erros, mas que Jesus continuou a chamá-los. A chamada à santidade é diária, não é de uma vez por todas, renova-se todos os dias. Com exceção de Nossa Senhora, não há nenhum santo que, na terra, não tenha tido nenhuma experiência do pecado, e o Senhor não se afasta dos seus filhos por essa razão, não se afasta da nossa casa, porque estamos errados, mas sobe cada dia ao nosso barco. Cabe-nos recebê-lo, confiando na promessa de uma vida cheia de frutos, de uma vida plena.

E vale a pena tentar responder todos os dias, como a Virgem: “Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38).

Carlo De Marchi



Sentido de missão (I)

Viver com sentido de missão é saber-se enviados pelo Senhor a levar o Seu Amor a quem temos perto. Isto supõe decidir em cada momento –sob o impulso do Espírito Santo– que fazer, em função dessa missão que dá conteúdo e finalidade à nossa passagem pela terra.



Há uma cena nos primeiros capítulos do livro dos *Atos dos Apóstolos* que não perdeu nem um bocadinho de força. Depois de serem presos, os apóstolos são libertados milagrosamente por um anjo e, em vez de fugir das autoridades, voltam para o templo para ensinar. De novo são capturados e conduzidos aos príncipes dos sacerdotes. Estes, surpresos com o que veem, perguntam: “Não vos proibimos expressamente de ensinar nesse nome?”. Os apóstolos, em vez de se intimidarem, respondem: “Importa mais obedecer a Deus do que aos homens.” (At 5, 28-29).

Os primeiros cristãos herdaram essa profunda convicção. O livro dos *Atos dos Apóstolos* recolhe inúmeros exemplos, e a história dos primeiros séculos do cristianismo é suficientemente eloquente. Com a naturalidade do que é autêntico, por vezes deparamo-nos com a própria necessidade: “não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos” (At 4, 20). Os que creem são capazes de enfrentar castigos, e inclusive a morte, sem perder a alegria. Há algo nos seus corações que os faz felizes, uma plenitude e uma Vida que nem sequer a morte lhes pode tirar, e que não podem deixar de compartilhar. Para nós, que chegámos à Igreja muito tempo depois, surge uma pergunta clara: tudo isso é coisa do passado? Ou deveríamos ser assim também?

A atualidade do chamamento

Talvez pensemos que existe um abismo entre nós e aqueles primeiros cristãos, que eles tinham um grau de santidade que jamais poderemos alcançar, que a proximidade física com Jesus (ou

pelo menos com algum dos Doze) os fez quase impecáveis e lhes deu um fogo por dentro de tal maneira que nada nem ninguém podia apagar. Na realidade, basta abrir o Evangelho para sabermos que não é bem assim.

Muitas vezes os apóstolos se apresentam como homens com misérias: assim como nós. Por outro lado não têm uma preparação intelectual especial. Jesus envia os primeiros 72 quando estavam havia apenas algumas semanas com Ele... (cfr. *Lc* 10, 1-12). No entanto, os primeiros fiéis da Igreja têm uma ideia muito clara: que Jesus Cristo, o Senhor, morreu e ressuscitou por cada um deles, que lhes entregou o Dom do Espírito Santo e que conta com eles para que essa Salvação chegue ao mundo inteiro. Não é questão de preparação, nem de ter condições excepcionais para o apostolado; trata-se simplesmente de acolher o chamamento de Cristo, de se abrir ao Seu Dom e de corresponder com a própria vida. Talvez por isso o Papa Francisco quis recordar, com palavras de São Paulo, que “Foi assim que Ele nos escolheu em Cristo antes da constituição do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis na Sua presença, no amor” (*Ef* 1, 4)”[1].

A Igreja de todos os tempos tem consciência de ter recebido um chamamento e, com ele, uma tarefa. Mais ainda, ela mesma é esse chamamento e essa tarefa: a Igreja é “missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na «missão» do Filho e do Espírito Santo”[2]. Não é apenas um desejo bonito, ou uma empresa humana, mas “continua e explícita através da história a missão do próprio Cristo”[3]. Por outras palavras, a Igreja – e, nela, cada um dos seus fiéis – é continuação da missão de Cristo, que foi enviado à Terra para trazer e consumir o Amor de Deus pelas suas criaturas. E isso é possível porque o Senhor lhe enviou – e nos envia também a nós – o Espírito Santo que é o princípio desse mesmo Amor.

Deste modo, nós também somos fruto de um chamamento, e a nossa vida consiste numa tarefa no mundo e para o mundo. A nossa vida espiritual e a ideia que temos sobre o apostolado muda quando as consideramos a partir desta perspectiva. O Senhor procurou-nos e envia-nos ao mundo para compartilhar a Salvação que recebemos com todos. “Ide, pregai o Evangelho... Eu estarei convosco...” - Isto disse Jesus... e disse-to a ti”[4]. Disse-mo *a mim*: a cada uma e cada um. Na presença de Deus, podemos considerar: “Sou cristão porque Deus me chamou e me enviou...”. E do fundo do coração, movidos pela força do Seu Espírito, responderemos com as palavras do Salmo: “Eis que venho para cumprir a Tua vontade!» (cfr. *Sl* 40,8-9)

A experiência de um *mandato imperativo*

Durante os anos 50, quando viajava pela Europa para visitar os primeiros fiéis do Opus Dei que foram para diferentes países começar o trabalho apostólico da Obra, S. Josemaria «dirigia com frequência a oração da tarde dos que o acompanhavam, fazendo-os considerar o texto evangélico em que o Senhor diz aos apóstolos: Eu vos escolhi para irdes... *ut eatis*”[5]. Era como um refrão. Tentava fazer com que as palavras de Jesus ressoassem nos corações das pessoas que estavam perto dele. Assim procurava que se reafirmassem na verdade que dava sentido à sua vida e que mantivessem vivo o sentido de missão, motor de toda a sua vida: «Não fostes vós que me escolhestes; fui Eu que vos escolhi a vós e vos destinei a ir e a dar fruto, e fruto que permaneça.» (*Jo* 15,16).

Já lemos – e escutámos – muitas histórias das primeiras pessoas que seguiram o Senhor no Opus Dei: o primeiro círculo, no asilo de *Porta Coeli*; a primeira Residência, na Rua Ferraz; a intensa vida de família que S. Josemaria procurou cultivar durante os anos dramáticos da Guerra Civil; a primeira expansão por Espanha; a chegada a Roma; a rápida expansão por todo o mundo... aqueles jovens – e alguns não tão jovens – seguiam o Fundador conscientes de estar seguindo um autêntico chamamento de Deus. Por meio da Obra, tinham encontrado e descoberto um tesouro pelo qual valia a pena dar a toda a vida: o Amor de Cristo, a missão de levar esse Amor ao mundo inteiro, de aproximar muitas pessoas do Seu calor, de acender os corações com esse fogo divino. Não precisavam de que ninguém lhes recordasse: era urgente propagar o incêndio. E isso é muito compreensível: «O bem tende sempre a comunicar-se. Toda a experiência autêntica de verdade e de

beleza procura, por si mesma, a sua expansão»[6].

Alguns eram jovens e entusiastas, outros, talvez mais frios e racionais; mas todos estavam convencidos de que, por trás daquele jovem sacerdote e da obra que tinha nas mãos, havia um querer explícito de Deus. Por isso foram capazes de aceitar o convite do Senhor, deixar tudo e segui-Lo. Tinham experimentado aquilo que S. Josemaria lhes dizia: “não esqueçais, meus filhos, que não somos almas que se unem a outras almas para fazer uma coisa boa. Isso já é muito... mas é pouco. Somos apóstolos que *cumprimos um mandato imperativo de Cristo*”[7]. E, como seguiam Jesus com plena liberdade, aquele mandato não era um peso. Pelo contrário. É o que o Fundador também repetia: «essa convicção sobrenatural da divindade da empresa dar-vos-á um entusiasmo e amor tão intenso pela Obra, que vos sentireis ditosíssimos sacrificando-se para que ela se realize»[8]. Não precisavam de que ninguém explicasse o sentido dessas palavras: simplesmente viviam-no.

Não fazemos apostolado, somos apóstolos!

Contemplar as histórias dos começos não nos deixa indiferentes. Já se passaram muitos séculos desde a pregação apostólica. Ainda não passaram cem anos desde a fundação da Obra. Toda a história da Igreja nos permite compreender que o chamamento do Senhor continua ressoando através dos séculos, no coração de cada pessoa que crê – no nosso. O Amor fez-se presente na nossa vida, fomos alcançados por Cristo (cf. *Fl* 3,12): agora cabe a cada uma e a cada um abraçar esse Amor e deixar que as nossas vidas sejam transformadas por Ele. Uma coisa vai unida à outra. Quanto mais centrada em Cristo está a nossa vida, mais «o sentido de missão da nossa vocação se fortalece, com uma entrega plena e alegre»[9].

Os primeiros e as primeiras na Obra, como aqueles primeiros cristãos, encontraram Jesus Cristo, abraçaram com todas as forças o Seu Amor e a missão que lhes propunha, e viram como a sua vida se transformava de um modo maravilhoso. Neles se cumpriu o mesmo que o Padre nos quis recordar um pouco depois de ter sido eleito: “Somos livres para amar um Deus que chama, um Deus que é amor e que põe em nós o amor para amá-Lo e amar os outros. Esta caridade dá-nos plena consciência da nossa missão, que não é um apostolado exercido de modo esporádico ou eventual, mas de modo habitual e por vocação, tomando-o como o ideal de toda a vida”»[10].

A missão apostólica, que preenche toda a vida, não é um encargo que alguém nos impõe, nem uma carga que se soma às nossas obrigações quotidianas; é a expressão mais exata da nossa própria identidade, que o chamamento nos fez descobrir: “não fazemos apostolado, somos apóstolos!”[11]. Ao mesmo tempo, ao *viver essa missão*, a nossa identidade de apóstolos reforça-se. Nesse sentido, a vida de S. Paulo é sempre uma fonte de inspiração. Quando lemos as histórias das suas viagens, chama a atenção a quantidade de vezes que a sua missão não atinge o resultado esperado. Na primeira viagem, por exemplo, é rejeitado pelos judeus em Antioquia da Pisídia e mais tarde é expulso da cidade; tem que fugir de Icónio, ameaçado de morte; é lapidado numa cidade de Licaónia... (cfr. *At* 13-14).

Mas mesmo assim, o “apóstolo das gentes” não perde de vista o chamamento que Jesus lhe fez a caminho de Damasco, e depois concretizou quando chegou a essa cidade. Por isso, não se cansa de repetir: “O amor de Cristo nos impele!” (*2 Co* 5,14) Inclusive quando escreve para uma comunidade que ainda não o conhece não tem medo de se apresentar como “Paulo, servo do Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, separado para o Evangelho de Deus”(*Rm* 1,1). Esse é ele: apóstolo por vocação, chamado para ser apóstolo, e logo depois se dirige àqueles fiéis como “chamados a pertencer a Jesus Cristo (...), amados de Deus e santos por vocação”(*Rm* 1, 6-7). Paulo sabe que é chamado por Deus, mas tem consciência de que na realidade todos os fiéis também o somos [12]. O seu sentido de missão leva-o a viver uma fraternidade que ultrapassa os laços terrenos. Analogamente à pergunta “quem sou eu?”, poderíamos responder: “sou alguém amado por Deus, salvo por Jesus Cristo, escolhido para ser apóstolo, chamado a levar o Amor que recebi a muitas pessoas. Por isso o apostolado não é um *encargo* para mim... e sim uma necessidade”. Depois de ter

encontrado Jesus Cristo, sabemos que somos sal e luz, e por isso não podemos deixar de dar sabor, de iluminar, onde quer que estejamos. Esta é uma daquelas descobertas que revoluciona a vida espiritual, e que ninguém pode fazer por mim.

Com a força do Espírito Santo

Quando descobrimos o Senhor na nossa vida, quando nos sabemos amados, chamados, escolhidos, e decidimos segui-Lo, “é como se se acendesse uma luz dentro de nós, é um impulso misterioso, que empurra o homem a dedicar as suas energias mais nobres a uma atividade que, com a prática, chega a tornar-se vida própria”[13].

A missão apostólica é, em primeiro lugar, “como se se acendesse uma luz dentro de nós”. A escuridão própria da existência, que consiste em não saber com certeza o sentido da nossa vida, desvanece-se. O convite que Jesus nos faz permite-nos compreender o nosso passado e, ao mesmo tempo, oferece-nos uma rota clara para o futuro. O próprio Jesus viveu assim a Sua vida na Terra. Quando uma multidão de pessoas pede que fique num lugar, Ele sabe que deve continuar a Sua viagem, «porque para isto fui enviado» (Lc 4,43). Inclusive ao encarar a Sua Paixão permanece sereno e confiante, e diante do juiz romano não duvida: “Para isto nasci, para isto vim ao mundo: para dar testemunho da Verdade. Todo aquele que vive da Verdade escuta a minha voz.”(Jo 18, 37).

Viver com *sentido de missão* é saber-mo-nos em todos os momentos enviados pelo Senhor para levar o Seu Amor àqueles que estão à nossa volta: fomos criados para isso. É também em cada momento decidir o que fazer, em função dessa missão que dá conteúdo e finalidade à nossa passagem pela Terra. Podem existir dificuldades, obstáculos, contradições; haverá momentos de escuridão; mas a estrela que indica o norte continua a brilhar sempre no firmamento. A minha vida tem um porquê, existe uma luz que me orienta.

Essa luz da missão, ao mesmo tempo, é *impulso*. Mas não como uma força humana. Logicamente haverá momentos de entusiasmo sensível na nossa vida, nos quais sentiremos o desejo ardente de espalhar o fogo de Cristo às pessoas ao nosso redor. Porém, qualquer pessoa que já esteja a seguir o Senhor há algum tempo pôde comprovar que o impulso humano vai e vem. Isso não tem nada de mau: é humano, e os santos são os primeiros que passaram por isso, como nos recorda, sem precisar de ir mais longe, a vida do Bem-Aventurado Álvaro del Portillo. Como se sabe, pouco depois de pedir a admissão na Obra teve que escrever ao Fundador para reconhecer que o seu entusiasmo tinha passado[14].

Em tudo isso, é bom não perder de vista que a autêntica força, o dinamismo que nos leva a sair de nós mesmos para servir os outros “não é uma estratégia, mas a própria força do Espírito Santo, Caridade incriada”[15]. Efetivamente, “nenhuma motivação será suficiente se nos corações não arde o fogo do Espírito”, e precisamente por isso, “para manter vivo o ardor missionário, é necessária uma decidida confiança no Espírito Santo, porque Ele «vem em auxílio da nossa fraqueza» (Rm 8, 26). Mas esta confiança generosa tem de ser alimentada e, para isso, precisamos de invocá-Lo constantemente”[16]. Os fiéis do Opus Dei invocamo-Lo diariamente na Missa, nalgumas orações vocais, como o terço ou as Preces da Obra. Em alguns momentos pode ajudar-nos recorrer a algumas orações dirigidas especialmente a Ele, como a Sequência do Pentecostes, o Hino *Veni Creator Spiritus*, ou outras tantas orações que Lhe foram sendo dedicadas ao longo dos séculos. Em todas elas Lhe pedimos que venha, que nos transforme, que nos encha do Amor e força que moveram Cristo. Pediremos então: “Espírito de amor, criador e santificador das almas, cuja primeira obra é transformar-nos à semelhança de Jesus, ajudai-me a conformar-me com Jesus, a pensar como Jesus, a falar como Jesus, a amar como Jesus, a sofrer como Jesus, a agir em todos os momentos como Jesus”[17].

Assim, o impulso transformador do Espírito Santo nos dará um coração ardente como o de Jesus Cristo, e a missão apostólica se converterá no sangue que moverá o nosso coração. Se nos deixamos levar pelo Amor de Deus, se permanecemos atentos às Suas inspirações e damos

importância a esses pequenos gestos que Ele nos indica, o apostolado torna-se a tarefa que constitui a nossa própria identidade. Não vai ser preciso que *nos proponhamos*, e também não será necessário estar num lugar ou num contexto determinados para atuar como apóstolos. Assim como quem é médico (e não só *faz de médico*), não deixa de sê-lo em nenhum lugar ou circunstância (num autocarro onde alguém se sente mal, nas férias, a meio da semana e no fim de semana, etc.), nós *somos apóstolos* em todos os lugares e circunstâncias. No fundo, trata-se de algo tão simples como ser o que já somos: “todos aqueles que se deixam conduzir pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8, 14). O mais importante é permanecermos abertos à ação do Paráclito, atentos para “reconhecer como podemos cumprir melhor a missão que nos foi confiada no Batismo”[18] e que constitui a realização da nossa própria vida.

Lucas Buch

Bibliografia:

- [1] Papa Francisco, Ex. Ap. *Gaudete et Exultate*, 19-III-2018, n. 2.
[2] Concílio Vaticano II, Decreto Ad Gentes, 7-XII-1965, n. 2.
[3]Ibid, n. 5
[4] S. Josemaria, Caminho, n. 904.
[5] A. Vázquez de Prada, O Fundador do Opus Dei, vol. 3, Quadrante, São Paulo 2004, pg 110.
[6] Papa Francisco, Ex. Ap. *Evangelii Gaudium*, 24-XI-2013, n. 9.
[7] S. Josemaria, Instrucción 19-III-1934, n. 27.
[8]Ibid. n. 49
[9] F. Ocáriz, Carta Pastoral, 14-II-2017, n. 8.
[10]Ibid., n. 9
[11]ibid.
[12] O termo Igreja deriva daí, ekklesia, que literalmente significa “os convocados”, ou seja, “todos nós, que somos batizados e cremos em Deus, somos convocados pelo Senhor”, Youcat, n. 121.
[13] S. Josemaria, Carta 9-I-1932, n. 9.
[14] Cfr. S. Josemaria, Caminho. Edição crítico-histórica, comentário ao n. 994.
[15] F. Ocáriz, Carta Pastoral, 14-II-2017, n. 9.
[16] Papa Francisco, Ex. Ap. *Evangelii Gaudium* 24-XI-2013, nn. 261 e 280, respectivamente. Neste mesmo documento, sugere-nos: “Invoquemo-Lo hoje, bem apoiados na oração, sem a qual toda a ação corre o risco de ficar vã e o anúncio, no fim de contas, carece de alma” (Ibid., N. 259).
[17] A. Riaud, A ação do Espírito Santo na alma, Quadrante, São Paulo 1998, pg 39.
[18] Papa Francisco, Ex. Ap. *Gaudete et Exultate*, 19-III-2018, n. 174.



Sentido de missão (II)

O dinamismo próprio do apostolado é a caridade, que é um dom divino: “num filho de Deus, amizade e caridade formam uma só coisa: luz divina que dá calor” (Forja, 565). A Igreja cresce por meio da caridade dos seus fiéis e, só depois, nascem a estrutura e a organização, como frutos dessa caridade e para estar ao serviço dela.



S. Lucas descreve vivamente a vida dos primeiros cristãos em Jerusalém depois do Pentecostes: “Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação.” (At 2,46-47). Mas logo chegariam as contradições: a prisão de João e Pedro, o martírio de Estevão e, finalmente, a perseguição aberta.

O QUE MOVIA AQUELES PRIMEIROS FIÉIS A FALAR DO SENHOR, INCLUSIVE DURANTE A PERSEGUIÇÃO?

Precisamente neste momento, o evangelista narra algo surpreendente: “Os que tinham sido dispersos foram de aldeia em aldeia, anunciando a palavra da Boa-Nova” (At 8,4). Chama a atenção de qualquer um ver que no momento em que as suas vidas estavam a correr sério perigo, não renunciaram a continuar a anunciar a salvação. E não é um acontecimento isolado, mas reflete um dinamismo constante. Um pouco mais adiante, há uma notícia similar: “Entretanto, os que se tinham

dispersado, devido à perseguição desencadeada por causa de Estêvão, adiantaram-se até à Fenícia, Chipre e Antioquia, mas não anunciavam a palavra senão aos judeus” (At 11,19). O que movia aqueles primeiros fiéis a falar do Senhor a todos os que encontrassem, inclusive no exato momento em que fugiam de uma perseguição? O que os move é a alegria que encontraram e que preenche os seus corações: “o que nós vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também vós estejais em comunhão conosco. E nós estamos em comunhão com o Pai com seu Filho, Jesus Cristo.” (1 Jo 1,3). Anunciam simplesmente “para que a nossa alegria seja completa” (1 Jo 1,4). O Amor que cruzou os seus caminhos... deve ser compartilhado. A alegria é contagiante. E os cristãos de hoje, não poderíamos também viver isso?

A via da amizade

Um pormenor desta cena do livro dos Atos dos Apóstolos é muito significativo. Entre aqueles que se dispersaram “alguns deles, homens de Chipre e Cirene, chegando a Antioquia, falaram também aos gregos, anunciando-lhes a Boa-Nova do Senhor Jesus” (At 11,20). Os cristãos não se limitavam a grupos sociais exclusivos, nem esperavam chegar a lugares idóneos para anunciar a vida e a liberdade que haviam recebido. Cada um compartilhava a sua fé com naturalidade, no ambiente em que estava, com as pessoas que Deus colocava no seu caminho. Como Filipe com o etíope que voltava de Jerusalém, como o casal Áquila e Priscila com o jovem Apolo (cf. At 8,26-40; 18,24-26). O amor de Deus que enchia os seus corações levava-os a ter preocupação por todas essas pessoas, compartilhando com elas aquele tesouro “que nos faz grandes e pode tornar melhores e mais felizes aqueles que o recebem”[1]. Se partirmos da proximidade com Deus, poderemos dirigir-nos aos que são mais próximos de nós para compartilhar o que vivemos. Mais ainda, queremos aproximar-nos de mais pessoas para compartilhar com elas a Vida nova que o Senhor nos dá. Deste modo, agora, assim como naquela época, poderão dizer que “A mão do Senhor estava com eles e grande foi o número dos que abraçaram a fé e se converteram ao Senhor” (At 11,21).

Uma segunda ideia que podemos considerar à luz da história é que, mais do que por uma ação estrutural e organizada, a Igreja crescia – e cresce – por meio da caridade dos seus fiéis. A estrutura e a organização nasceriam mais tarde, precisamente como fruto dessa caridade e ao serviço dela. Na história da Obra vimos algo parecido. Os primeiros que seguiram S. Josemaria tinham um carinho sincero pelos outros, e esse era o ambiente em que a mensagem de Deus foi abrindo caminho. Como se conta da primeira Residência: «“Os de Luchana 33” eram amigos unidos pelo mesmo espírito cristão que o Padre transmitia. Por isso, quem se sentiu à vontade no ambiente formado ao redor de Josemaria e das pessoas que estavam junto dele, voltou. De facto, se no apartamento [da rua] Luchana se ia pela primeira vez por um convite, por outro lado permanecia-se por amizade»[2].

Recordar esses aspetos da história da Igreja e da Obra faz-nos bem quando, com o passar dos anos, as duas cresceram tanto, e existe o risco de que confiemos mais nas obras de apostolado, do que no trabalho que cada uma ou cada um pode fazer. Ultimamente o Padre tem-nos recordado: “As circunstâncias atuais da evangelização tornam ainda mais necessário, se é possível, dar prioridade ao relacionamento pessoal, este aspeto que está no centro do modo de fazer apostolado que S. Josemaria encontrou nos relatos evangélicos”[3].

OS CRISTÃOS NÃO SE LIMITAVAM A GRUPOS SOCIAIS EXCLUSIVOS PARA ANUNCIAR A VIDA E A LIBERDADE RECEBIDAS.

Na verdade é natural que seja assim. Se o dinamismo próprio do apostolado é a caridade que é um dom de Deus, “num filho de Deus, amizade e caridade formam uma só coisa: luz divina que dá calor”[4]. A amizade é amor e, para um filho de Deus, é autêntica caridade. Por isso, não se trata de tentar ter amigos para fazer apostolado, pois a amizade e o apostolado são manifestações de um mesmo amor. Mais ainda, “a própria amizade é apostolado, a própria amizade é um diálogo em que

damos e recebemos, em que os projetos surgem, num mútuo abrir de horizontes, em que nos alegamos com o que é bom e nos apoiamos mutuamente no que é difícil, em que nos divertimos, porque Deus nos quer alegres.”[5]. Não é supérfluo perguntarmo-nos: como me preocupo com os meus amigos? Compartilho com eles a alegria que procede de saber quanto Deus se importa comigo? E, por outro lado, procuro conhecer mais gente, pessoas que talvez nunca tenham conhecido um cristão para aproximá-las do Amor de Deus?

Nas encruzilhadas do mundo

“Porque, se eu anuncio o Evangelho, não é para mim motivo de glória, é antes uma obrigação que me foi imposta: ai de mim, se eu não evangelizar!” (*I Cor 9,16*). Estas palavras de S. Paulo são um chamamento contínuo para a Igreja. Assim como a sua consciência de ter sido chamado por Deus para uma missão também é um modelo sempre atual: “Se o fizesse por iniciativa própria, mereceria recompensa; mas, não sendo de maneira espontânea, é um encargo que me está confiado.” (*I Cor 9,17*). O apóstolo das gentes era consciente de ter sido chamado para levar o nome de Jesus Cristo “aos pagãos, aos reis e aos filhos de Israel” (*At 9,15*), e por isso tinha uma santa urgência de chegar a todos eles.

Quando, na sua segunda viagem, o Espírito Santo o conduziu até a Grécia, o coração de Paulo dilatava-se e queimava na medida em que percebia a sede de Deus que havia ao seu redor. S. Lucas conta que em Atenas, enquanto esperava os seus companheiros, que tinham ficado em Bereia, “ficou revoltado ao ver aquela cidade entregue à idolatria” (*At 17,16*). Dirigiu-se em primeiro lugar – como costumava fazer – à Sinagoga. Mas sentiu que era pouco, e, assim que pôde, foi também à Ágora, até que os próprios atenienses lhe pediram que se dirigisse a todos para apresentar “a nova doutrina que estás expondo” (*At 17,19*). E assim, no Areópago de Atenas, onde se encontravam as correntes de pensamento mais atuais e influentes, Paulo anunciou o nome de Jesus Cristo.

Assim como o Apóstolo, nós também “somos chamados a contribuir, com iniciativa e espontaneidade, para melhorar o mundo e a cultura do nosso tempo, de modo a que se abram aos planos de Deus para a humanidade: *cogitationes cordis eius*, os projetos do seu coração, que permanecem de geração em geração (*Sl 33 [32], 11*)”[6].

É natural que em muitos fiéis cristãos nasça o desejo de chegar a lugares que “têm tantas consequências para a Igreja e para a sociedade.”[7]. Há dois mil anos eram Atenas e Roma. Hoje, quais são esses lugares? Em todos esses lugares há cristãos que podem ser neles “o bom odor de Cristo” (*2 Cor 2,15*)? E nós? Não poderíamos fazer algo para nos aproximarmos daqueles lugares, que muitas vezes já não são sequer lugares físicos? Pensemos nos grandes espaços em que muitas pessoas tomam decisões importantes, vitais para as suas vidas... Mas pensemos também nos centros das nossas cidades, dos nossos bairros, dos nossos locais de trabalho. Quanto pode fazer, nesses lugares, a presença de quem promove uma visão mais justa e solidária do ser humano, que não faz diferença entre ricos e pobres, saudáveis ou doentes, conterrâneos ou estrangeiros, etc.!

Pensando bem, tudo isso faz parte da missão própria dos fiéis leigos na Igreja. Como propôs o Concílio Vaticano II, eles “são chamados por Deus para que, aí, exercendo o seu próprio ofício, guiados pelo espírito evangélico, concorram para a santificação do mundo a partir de dentro, como o fermento, e deste modo manifestem Cristo aos outros, antes de mais pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade”[8]. Esse chamamento, comum a todos os fiéis leigos, concretiza-se de modo particular naqueles que recebemos a vocação ao Opus Dei. S. Josemaria descrevia o apostolado de suas filhas e filhos como “uma injeção intravenosa na corrente circulatória da sociedade”[9]. Via-os preocupados em “levar Cristo a todos os ambientes em que se realiza trabalho humano: à fábrica, ao laboratório, ao trabalho do campo, à oficina do artesão, às ruas das grandes cidades e às veredas da montanha.”[10], colocando-O com o seu trabalho, “no cume das atividades humanas”[11].

«A PRÓPRIA AMIZADE É APOSTOLADO, A PRÓPRIA AMIZADE É UM DIÁLOGO EM QUE DAMOS E RECEBEMOS, EM QUE OS PROJETOS SURGEM, NUM MÚTUO ABRIR DE HORIZONTES» (F. OCÁRIZ)

Com o desejo de manter vivo esse traço constitutivo da Obra, o Padre animava-nos na sua primeira carta como Prelado, a “promover em todos um grande brio profissional: nos que são ainda estudantes e devem albergar um grande desejo de construir a sociedade, e nos que já exercem uma profissão; convém que, com reta intenção, fomentem a santa ambição de chegar longe e deixar marca”[12]. Não se trata de estar sempre por dentro de tudo, por uma ânsia de originalidade, mas ter consciência de que, para os fiéis do Opus Dei, “estar atualizado, compreender o mundo moderno, é uma coisa natural e instintiva, porque são eles - juntamente com os outros cidadãos, e tal como eles - quem faz nascer esse mundo e lhe dá a sua modernidade.”[13]. É uma bonita tarefa, que nos exige um empenho constante por sair do nosso pequeno mundo e levantar os olhos para o horizonte imenso da salvação: o mundo inteiro espera a presença vivificante dos cristãos! Nós, por outro lado, “quantas vezes nos sentimos instigados a deter-nos na comodidade da margem! Mas o Senhor chama-nos a navegar pelo mar adentro e lançar as redes em águas mais profundas (cf. *Lc* 5, 4). Convidamos a gastar a nossa vida ao Seu serviço. Agarrados a Ele, temos a coragem de colocar todos os nossos carismas ao serviço dos outros. Quem dera que pudéssemos sentir-nos impelidos pelo Seu Amor (cfr. *2 Cor* 5, 14) e dizer com S. Paulo: «ai de mim se eu não evangelizar!»” (*1 Cor* 9, 16).[14]

Disponibilidade para fazer a Obra

No coração do apóstolo, junto com o desejo de levar a Salvação a muitas pessoas, está “a solicitude por todas as igrejas!” (cfr. *2 Cor* 11,28). Desde o princípio houve necessidades na Igreja: o livro dos Atos dos Apóstolos conta como Barnabé “possuía um campo, vendeu-o e depositou o dinheiro aos pés dos apóstolos” (*At* 4,37); S. Paulo recorda em muitas das suas cartas a coleta que estava a preparar para os cristãos de Jerusalém. A Obra não foi uma exceção nem neste ponto. Apenas uma semana depois de chegar pela primeira vez a Roma, no dia 30 de junho de 1946, S. Josemaria escrevia uma carta aos membros do Conselho Geral, que na época era em Madrid: “penso ir a Madrid o mais cedo possível e depois voltar a Roma. É necessário - Ricardo![15] – preparar seiscentas mil pesetas, também com toda a urgência. Isto, para os nossos grandes apertos económicos, parece coisa de doidos. No entanto, é imprescindível adquirir uma casa aqui”[16]. As necessidades económicas em relação às casas de Roma tinham acabado de começar, e, como os primeiros cristãos, todos na Obra as viam como algo muito próprio. Nos últimos anos, D. Javier costumava contar emocionado a história dos sacerdotes que chegaram ao Uruguai para começar o trabalho do Opus Dei. Depois de algum tempo no país, receberam um donativo importante, que os teria tirado do aperto em que estavam. No entanto, não duvidaram em nenhum momento em enviá-lo inteiramente para as casas de Roma.

As necessidades materiais não terminaram na vida de S. Josemaria, elas permanecem – e permanecerão – sempre. Graças a Deus, os trabalhos multiplicam-se pelo mundo inteiro, e além disso é preciso pensar na manutenção dos que já existem. Por isso, é igualmente importante que se mantenha vivo o sentido de responsabilidade comum diante dessas necessidades. Como o Padre nos recorda, “o nosso amor à Igreja levar-nos-á a procurar recursos para o desenvolvimento dos trabalhos apostólicos”[17]. Não é questão apenas de contribuir com a nossa parte, mas acima de tudo, de que esse esforço nasça do amor que temos à Obra.

O mesmo se poderia dizer de outra manifestação maravilhosa da nossa fé na origem

divina da própria chamada a fazer o Opus Dei na Terra. Conhecemos bem a alegria de S. Josemaria quando via a entrega alegre das suas filhas e dos seus filhos. Numa das suas últimas cartas, agradeceu ao Senhor que tivessem vivido uma “disponibilidade total – dentro dos deveres do seu estado pessoal, no mundo – para o serviço de Deus na Obra”[18]. Os momentos de incerteza e dúvida pelos quais passavam a Igreja e o mundo faziam essa entrega generosa brilhar com uma luz muito especial: “jovens e não tão jovens, foram daqui para ali com a maior naturalidade, ou perseveraram fiéis e sem cansaço no mesmo lugar; mudaram de ambiente se era preciso, saíram de um trabalho e puseram os seus esforços num trabalho diferente que era mais interessante por motivos apostólicos; aprenderam coisas novas, aceitaram com gosto ocultar-se e desaparecer, deixando lugar a outros: subir e descer”[19].

Efetivamente, mesmo que o trabalho principal da Obra seja o apostolado pessoal de cada um dos seus fiéis[20], não podemos esquecer que também promove, de modo corporativo, algumas atividades sociais, educativas e beneficentes. São manifestações diferentes do mesmo amor ardente que Deus colocou nos nossos corações. Além disso, a formação que a Obra dá requer “uma certa estrutura”[21], pequena, mas imprescindível. O mesmo sentido de missão que nos leva a aproximarmo-nos de muitas pessoas, e a procurar ser fermento nos centros de decisão da vida humana, mantém em nós uma sã preocupação por essas necessidades de toda a Obra. Muitos fiéis do Opus Dei – solteiros ou casados – dedicam-se a trabalhos apostólicos de diferentes tipos. Alguns encarregam-se de tarefas de formação e governo da Obra. Embora não seja essa a essência da sua vocação, estar aberto a esses encargos faz parte do seu modo concreto de ser do Opus Dei. Por isso, o Padre os anima a ter, junto com um grande entusiasmo profissional, “disponibilidade ativa e generosa para se dedicarem, quando necessário, às tarefas de formação e de governo com idêntico brio profissional.”[22]. Não se trata de aceitar essas tarefas como um encargo imposto, que não tem nada a ver com a própria vida. Pelo contrário, é algo que nasce da consciência de ter sido chamado por Deus para uma tarefa grande e, como S. Paulo, de querer fazer-se “escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível” (cfr. *1 Cor* 9,19). Essas tarefas são, de facto, “um trabalho profissional, que exige uma capacitação específica e cuidadosa”[23]. Por isso, quando se aceitam encargos deste tipo, são recebidos com *sentido de missão*, para vivê-los com o desejo de contribuir com seu “grãozinho de areia”. E, pela mesma razão, não saem do mundo para isso, esse será o modo como permanecerão no meio do mundo, reconciliando-o com Deus, e o *eixo* em torno do qual vai girar a sua santificação.

Na primeira Igreja, os discípulos tinham “um só coração e uma só alma” (*At* 4,32). Viviam pendentes uns dos outros, com uma encantadora fraternidade: “Quem é fraco, sem que eu o seja também? Quem tropeça, sem que eu me sinta queimar de dor?” (*2 Cor* 11,29). De onde tinham encontrado a alegria do Evangelho, dali enchiam o mundo de luz. Todos sentiam a preocupação de aproximar muitas pessoas da Salvação cristã. Todos desejavam colaborar com os apóstolos: com a sua própria vida entregue, com a sua hospitalidade, com ajudas materiais, ou colocando-se ao seu serviço, como os companheiros de viagem de Paulo. Não é um quadro do passado, mas sim uma maravilhosa realidade, que vemos encarnada na Igreja e na Obra, e que estamos chamados a encarnar hoje, com toda a atualidade da nossa livre correspondência ao dom de Deus.

Lucas Buch

Bibliografia:

- [1] Papa Francisco, Ex. Ap. *Gaudete et Exultate*, 19-III-2018, n. 131.
- [2] J. L. González Gullón, *DYA-La Academia y Residencia en la historia del Opus Dei (1933-1939)*, Rialp, Madrid, p. 196.
- [3] F. Ocáriz, *Carta pastoral*, 14-II-2017, n. 9.
- [4] S. Josemaria, *Forja*, n. 565.
- [5] F. Ocáriz, *Carta pastoral*, 9-I-2018, n. 14.
- [6] F. Ocáriz, *Carta pastoral*, 14-II-2017, n. 8.
- [7] *Ibid.*, n. 29.
- [8] Concílio Vaticano II, Const. dogm. *Lumen gentium*, n. 31.
- [9] S. Josemaria, *Instrucción*, 19-III-1934, n. 42.
- [10] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 105.
- [11] *Ibid.*, n. 183.
- [12] F. Ocáriz, *Carta pastoral*, 14-II-2017, n. 8.
- [13] S. Josemaria, *Temas Atuais do Cristianismo*, n. 26.
- [14] Papa Francisco, Ex. Ap. *Gaudete et Exultate*, 19-III-2018, n. 130.
- [15] Ricardo Fernández Vallespín era, naquela época, o Administrador Geral da Obra e, portanto, quem tinha o encargo de velar pelas necessidades económicas.
- [16] A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, vol. III, Verbo, Lisboa.
- [17] F. Ocáriz, *Carta pastoral*, 14-II-2017, n. 8.
- [18] S. Josemaria, *Carta* 14-II-1974, n. 5.
- [19] *Ibid.*
- [20] S. Josemaria, *Temas Atuais do Cristianismo*, n. 51.
- [21] *Ibid.*, n. 63.
- [22] F. Ocáriz, *Carta pastoral*, 14-II-2017, n. 8.
- [23] S. Josemaria, *Carta* 29-IX-1957, n. 9.

F I M

